

**AS EXPOSIÇÕES
TEMPORÁRIAS DO
MUSEU VICTOR
MEIRELLES**

Katia Maria Widholzer
Bordinhão

Katia Maria Widholzer Bordinhão

**AS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU VICTOR
MEIRELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Graduação
em Museologia da Universidade
Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do Título
de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bordinhão, Katia Maria Widholzer
As exposições temporárias do Museu Victor
Meirelles / Katia Maria Widholzer Bordinhão ;
orientador, Jeremy Paul Jean Loup Deturche , 2018.
182 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências Físicas e Matemáticas, Graduação em
Museologia, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Museu Victor Meirelles. 3.
Exposições Museológicas. 4. Exposições Temporárias. I.
, Jeremy Paul Jean Loup Deturche. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia.
III. Título.

Katia Maria Widholzer Bordinhão

AS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de "Bacharel em Museologia", e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Museologia.

Florianópolis, 26 de junho de 2018.



Prof.ª Luciana Silveira Cardoso, M.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Jeremy Paul Jean Loup Deturche, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Luciana Silveira Cardoso, M.^a
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Rafael Victorino Devos, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Com carinho agradeço ao meu marido e toda a minha família pela paciência comigo, essa eterna estudante. Às minhas amigas de graduação, Lúcia, Roberta e Marina, pelo incentivo e disponibilidade de ajudar na revisão e correções. Ao professor orientador por sua atenção, dedicação e, aos integrantes da banca pelo tempo dedicado a essa leitura. Uma especial gratidão pela equipe do Museu Victor Meirelles pela disponibilidade e acolhida à minha pesquisa.

RESUMO

Reconhecendo a exposição como uma das principais ferramentas de comunicação museológica, neste Trabalho de Conclusão de Curso serão analisadas as Exposições Temporárias do Museu Victor Meirelles que são realizadas a partir do ano de 1994, e os impactos da introdução desta atividade para o processo de construção e significação tanto da figura do Victor Meirelles quanto do Museu. Através da análise dos dados trazidos pelo levantamento das Exposições Temporárias, pretende-se perceber mudanças ou rupturas nas condutas do Museu em relação à figura de Victor Meirelles e o acervo ali institucionalizado. Estão contemplados neste trabalho informações sobre o pintor, sobre o Museu e sobre o período posterior ao ano de 1994 quando o Museu, agora Museu Victor Meirelles é reinaugurado depois de reformas estruturais e conceituais com um projeto de revitalização, o “Projeto Victor Meirelles” que implantou as Exposições Temporárias.

Palavras-Chave: Museu Victor Meirelles. Exposições Museológicas. Exposições Temporárias no Museu Victor Meirelles.

ABSTRACT

Acknowledging that exhibitions are one of the most important instruments of museological communication, in this academic work we studied the Temporary Exhibitions at Museum Victor Meirelles carried out from the year 1994, and the impact of this activity in the building process and significance both the figure of Victor Meirelles and the Museum. Through the analysis of data brought from the Temporary Exhibitions, it is intended to realize changes or ruptures in the actions of the Museum related to the figure of Victor Meirelles and the collection there institutionalized. This academic work contemplates the more recent period, after 1994, when the Museum was reopened, following structural and conceptual renovations, with a reinvigorating project, "Victor Meirelles Project", that implemented the Temporary Exhibition most time modern and contemporary art exhibitions.

Keywords: Victor Meirelles Museum. Museological Exhibitions. Temporary Exhibitions at Victor Meirelles Museum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Victor Meirelles (1832-1903): Vista do Desterro, cerca 1846	27
Figura 2 – Victor Meirelles (1832-1903): São João Batista no Cárcere, 1852	32
Figura 3 - “A Primeira Missa no Brasil”, 1860, óleo sobre tela (268 x 356 cm)	36
Figura 4 - Mariano Photo, “Aula de desenho no Liceu de artes e Ofícios do Rio de Janeiro”, cerca de 1900	38
Figura 5 - Passagem do Humaitá, 1868-1872	40
Figura 6 – Pedro Américo: Batalha do Avaí, 1872-1877	41
Figura 7 - Estudo para Batalha dos Guararapes, 1874-1878, óleo sobre tela, 54x100cm	41
Figura 8 - Estudo para o “Panorama do Rio de Janeiro”, morro de Santo Antônio e Ilha das Cobras, cerca de 1885, óleo sobre tela 100 x100cm	45
Figura 9 - Panorama da cidade do Rio de Janeiro publicado em 1917 pela Empresa de Propaganda Brasileira	46
Figura 10 - Estudo para panorama do Rio de Janeiro, cerca de 1885	46
Figura 11 - Estudo para o Panorama do Descobrimento do Brasil, cerca de 1890-1900, óleo sobre tela 33 x 328 cm	47
Figura 12 - Entrada do Museu Victor Meirelles	49
Figura 13 - Casa onde nasceu Victor Meirelles, atual Museu Victor Meirelles	52
Figura 14 - Janelas com postigos cegos	53
Figura 15 - Inauguração do Museu Casa Natal Victor Meirelles	55
Figura 16 - Retratos do Imperador e da Imperatriz, na inauguração. Óleo sobre tela, 1864. 265x176cm (cada obra) ...	56
Figura 17 - Retirada de um anexo na edificação	57
Figura 18 – Painéis colocados	58
Figura 19 - MVM, piso superior da casa	61
Figura 20 - MVM, piso térreo da casa. Exposição Armazém	62
Figura 21 - Releitura da “Primeira Missa no Brasil” de Marco Bento	63
Figura 22 - Projeto de Revitalização do Museu Victor Meirelles, fachada	68
Figura 23 - Projeto de Revitalização do Museu Victor Meirelles, lateral	69
Figura 24 - Piso térreo, sala de exposição em reforma	69

Figura 25 – Victor Meirelles (1832- 1903): Vista do Desterro – atual Florianópolis, cerca 1851	71
Figura 26 - Exposição Fayga Ostrower	72
Figura 27 - Victor Meirelles, "Felipe Camarão", cerca 1874-1878	77
Figura 28 - Victor Meirelles, "Cabeça de Mulher", s/data	77
Figura 29 - "Vista Parcial de Desterro", cerca de 1849. Aquarela sobre papel 17,2 x 35,8 cm doação de Edmundo Luiz Pinto	79
Figura 30 - Exposição "Desenhos e Aquarelas Aldo Beck", 1997. No "Encontro com o artista"	83
Figura 31 - Martinho de Haro	86
Figura 32 - "Florianópolis-perfis" de Aldo Nunes	88
Figura 33 - Exposição "Hassis-Desenhos", 1995	89
Figura 34 - Da exposição "Hassi - Desenhos", 1994. Sem Título, 1991	89
Figura 35 - "Convite para exposição", 1995	92
Figura 36 - Convite/exposição "Sérgio Ferro", 1995	96
Figura 37 - Convite exposição Amílcar de Castro, 1997	98
Figura 38 - Exposição "Cada Peça um Universo: a Construção de uma Coleção de Arte"	106
Figura 39 - "Vue de Île de Sainte-Catherine", 1785	108
Figura 40 - Exposição: "Viagem em torno do Museu: 60 anos do Museu Victor Meirelles"	108
Figura 41 - Exposição "Viagem em torno do Museu...". Detalhe módulo 2 "Degolação de São João Batista" e trabalhos de Giorgio Filomeno e Giba Duarte	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMVM - Associação Amigos do Museu Victor Meirelles
AIBA - Academia Imperial de Belas Artes
DEMU - Departamento de Museus
EBA/UFRJ - Escola de Belas Artes/ Universidade Federal do Rio de Janeiro
ExT - Exposições Temporárias
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MinC - Ministério da Cultura
MNBA - Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro
MoMa - Museum of Modern Art de Nova York
MVM - Museu Victor Meirelles
Projeto VM MD - Projeto Victor Meirelles Memória e Documentação
SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UDESC - Universidade Estadual de Santa Catarina
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIVALE - Universidade do Vale do Itajaí

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
2	VICTOR MEIRELLES, O ARTISTA.....	27
2.1	A ACADEMIA.....	29
2.2	VICTOR NA EUROPA.....	31
2.3	A VOLTA AO BRASIL	37
2.4	OS PANORAMAS	43
3	VICTOR MEIRELLES, O MUSEU	49
3.1	UMA NOVA FASE: O PROJETO VICTOR MEIRELLES..	59
3.2	PROJETOS CULTURAIS E EDUCATIVOS.....	64
3.3	O ACERVO DO MUSEU VICTOR MEIRELLES	70
4	EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS NO MUSEU VICTOR MEIRELLES	83
4.1	AS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS.....	85
4.2	AS PARCERIAS	91
4.3	O CONTEMPORÂNEO CHEGA AO MUSEU.....	96
4.4	OS EDITAIS.....	101
4.5	VENTILANDO O ACERVO.....	104
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS.....	117
	APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS REALIZADAS NO MUSEU VICTOR MEIRELLES ENTRE 1994 E 2016	129
	ANEXO A – PROJETO VICTOR MEIRLLES.....	169
	ANEXO B - POLÍTICA DE ACERVOS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES/IBRAM – MINUTA Nº 1.....	177

1 INTRODUÇÃO

O Museu Victor Meirelles está situado no centro de Florianópolis, na casa onde nasceu Victor Meirelles de Lima, e que nela viveu até seus 14 anos. Inaugurado em 15 de novembro de 1952, o Museu Casa Natal - Victor Meirelles teve como objetivo preservar e comunicar o legado de suas obras, na sua maioria pinturas e desenhos, favorecendo sua valorização enquanto artista, nacional e catarinense, e sua construção enquanto símbolo identitário de uma nação em mudança.

O acervo do Museu é constituído de duas coleções: a coleção de obras de Victor Meirelles e correlatos, e a coleção de obras dos séculos XX e XXI. O Museu começa a diversificar seu acervo a partir de doações, na sua maioria dos artistas que participaram das Exposições Temporárias, depois de 1994, quando da sua reinauguração.

Por quase 40 anos (1952-1990), o Museu Casa Natal - Victor Meirelles apresentou a mesma exposição de obras do pintor em questão. No período de 1990 a 1994, foi estruturado e implementado o “Projeto Victor Meirelles” que dentre muitas mudanças conceituais e estruturais deu início às Exposições Temporárias do Museu Victor Meirelles¹ (MVM). Esse projeto propôs reformas estruturais, arquitetônicas e conceituais visando à ampliação de sua atuação junto à sociedade. A partir deste projeto o Museu passa a se afirmar como um “museu de arte” e adota o nome que carrega até os dias atuais: Museu Victor Meirelles. Além da exposição de longa duração de obras do pintor brasileiro do século XIX Victor Meirelles, o Museu passa a promover exposições temporárias em arte moderna e contemporânea, organizando e recebendo exposições de diferentes artistas, tempos e perspectivas.

Esse trabalho de conclusão de curso de Museologia foi construído graças ao apoio da equipe do Museu Victor Meirelles. Partimos de pesquisa junto aos arquivos físicos e digitais do MVM procurando informações existentes relativas às Exposições Temporárias, entrevistas com colaboradores (diretoria, Associação dos Amigos do Museu, museólogo e etc.) e

¹ Adotaremos a abreviatura MVM para nos referirmos ao Museu ao longo do texto

publicações, estudando as Exposições Temporárias que aconteceram nesses mais de 20 anos (1994-2016).

Considerando “as exposições museológicas como “a ponta do iceberg” – pois a exposição é apenas a pequena parte deste complexo sistema chamado ‘Museu’– a parte que aparece ao público, o momento em que se apresentam e confirmam seus objetivos” (CURY, 2005, p. 35), com apoio nas abordagens de José Reginaldo Gonçalves em “Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios” (2007) principalmente nos capítulos “O Museu e a Cidade”, “Ressonância, Materialidade e Subjetividade”, buscamos apresentar um panorama desses mais de 20 anos de exposições no Museu e reconhecer como o conjunto dessas Exposições Temporárias:

- participaram na socialização e difusão do conhecimento das obras do artista Victor Meirelles e da arte brasileira no século XIX;
- como contribuíram para preservação de um patrimônio ali institucionalizado;
- como estimularam e divulgaram os artistas e o pensamento contemporâneo nas artes plásticas e como acrescentaram obras ao acervo sendo responsáveis por mudanças de conduta desde o antigo Museu Casa Natal - Victor Meirelles até sua atual configuração.

Apontar, rapidamente, algumas considerações teóricas sobre exposições museológicas, é necessário. Elas podem ser classificadas por tempo: as mostras chamadas de “longa duração” que são aquelas que ficam abertas ao público por grandes períodos e que podem ser feitas para acompanhar a existência do museu, já as exposições “temporárias” podem ser de média ou de curta duração.

Nas abordagens museológicas atuais, a exposição ocupa lugar de destaque. São planos de comunicação dos museus para transmitir seus conceitos, conteúdos, missão e valores. Possuem lógicas e sentido próprios, apresentando, neste sentido, características e preocupações preservacionistas (CUNHA, 2005).

Este trabalho está dividido nos seguintes capítulos, depois da introdução:

- o primeiro capítulo trata da construção do artista Victor Meirelles de Lima, personalidade importante no campo artístico, dos passos dados para chegar a este posto e de como essa figura, de braços dados com a academia, foi incorporada pelo discurso nacional como peça importante na criação de uma identidade nacional para o país. Discorre sobre o período da sua vida desde os estudos em artes plásticas na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) no Rio de Janeiro, sua passagem pelo pensionato na Europa e os trabalhos realizados. Aborda rapidamente, também, o contexto histórico/político de meados e final do século XIX, quando o Estado brasileiro atuava dentro regime monarquista. Pretende mostrar o envolvimento do artista, principalmente através da AIBA, na construção de uma identidade nacional e as convenções artísticas que participaram na construção de uma ideologia e da manutenção de uma hegemonia política;
- no segundo capítulo, fala-se da constituição e inauguração do Museu Victor Meirelles em 1952, do contexto político da sua concepção e um resumo que apresenta a trajetória da instituição, seus desafios e atividades desenvolvidas até o ano de 2016. Isso inclui uma revisão do acervo inaugural e observações a respeito da formação de suas coleções;

Olhar para as obras artísticas como elemento da cultura visual é reconhecer que estas refletem formas de pensamento e cultura na qual foram produzidas, o que implica a necessidade de olhar além do que aparece no meramente visual: “É um olhar na vida da sociedade, e na vida da sociedade representada nesses objetos. Essa perspectiva de olhar a produção artística é um olhar cultural (HERNANDEZ, 2000, p. 53 apud FRANZ, 2003, p. 132)

- o terceiro capítulo traz a discussão sobre as “Exposições Temporárias” no Museu Victor Meirelles

apresentando algumas entre o período de 1994 e 2016, com a intenção de entender a dinâmica do Museu a partir do “Projeto Victor Meirelles” que as instituiu. Abordamos as exposições museológicas que, diferentemente das exposições em geral, como um ato de mostrar e divulgar a vista de um público, são a expressão do museu, antecedem uma pesquisa e uma escolha fundamentada. Traz, também, referências de pesquisadores sobre o assunto como Tereza Scheiner, Marcelo Cunha e José Reginaldo Gonçalves acrescentando à discussão sobre ‘exposições’ as diferentes maneiras de se transmitir acervos, ideias e fatos, estudando os modos que antecedem sua concepção. As Exposições Temporárias estão agrupadas para exemplificar períodos e diferentes propostas que foram sendo realizadas e acrescentadas ao longo da trajetória do MVM. Quando afirmamos que a principal ferramenta de comunicação museológicas são as exposições, estamos dizendo que a exposição e suas atividades relacionadas² são fundamentais para produção e difusão de um conhecimento, são a apresentação palpável e visível do projeto museológico da instituição, ou seja, as exposições realizadas pelos museus são a materialização do seu discurso, como ele se mostra ao público.

O presente trabalho demandou ampla pesquisa sobre todas as Exposições Temporárias do MVM realizadas entre os anos de 1994 e 2016, que foram mais de 120. Enquanto metodologia prática, a pesquisa envolveu trabalho de campo nos arquivos documentais do MVM, tanto físicos quanto digitais, e durou aproximadamente seis meses. O acesso à documentação foi facilitado pelos funcionários da instituição e ocorreu no Museu e, na sede provisória. O estudo desta documentação permitiu a organização dos dados referentes às Exposições Temporárias e produziu uma listagem com informações relevantes disponíveis. Os campos que destacamos foram os seguintes:

² Atividades relacionadas como pesquisa, documentação, ações culturais e educativas.

- *período* – intervalo de data que aconteceu a exposição dia/mês/ano;
- *exposição* – nome dado à mostra;
- *artista* ou *artistas* – participantes;
- *obras* – quantidade e tipologia (pintura, gravura, desenho, fotografia, vídeo, etc);
- *coleção* – relativo ao pertencimento (coleção do artista, de instituições públicas ou de colecionadores particulares);
- *ações* – atividades culturais e educativas realizadas especialmente para a exposição;
- *doação* – descrição do trabalho que foi eventualmente doado ao Museu na ocasião de exposição.

Nem todos os campos foram preenchidos na íntegra, alguns dados não foram encontrados. Essa listagem encontra-se em apêndice.

No anexo, acrescentamos alguns documentos do Museu.

2 VICTOR MEIRELLES, O ARTISTA

Figura 1 – Victor Meirelles (1832-1903): Vista do Desterro, c.1846



VICTOR MEIRELLES (1832-1903): *Vista do Desterro*, c. 1846.
Aquarela sobre papel, 35,5 x 61,7 cm.
Florianópolis/SC, Acervo do Museu Victor Meirelles.

Fonte: Acervo do MVM.

Victor Meirelles de Lima foi um importante artista do século XIX. Nascido em 1832, foi pintor, desenhista, retratista, professor e empresário. Natural de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, morou os primeiros 14 anos de vida na casa que hoje é o Museu Victor Meirelles (MALLMANN, 2002).

Em 1846, em visita a Desterro, Jerônimo Francisco Coelho, então Conselheiro do Imperador do Brasil D. Pedro II, conheceu Victor Meirelles e alguns de seus trabalhos que levados pelo Conselheiro, foram apreciados por Félix-Émile Taunay, diretor da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) no Rio de Janeiro, e que o fizeram estudar artes na capital do Império, em 1847 (MALLMANN, 2002).

Estar no Rio de Janeiro, capital da colônia desde 1763, foi para Victor Meirelles, jovem de 15 anos e filho de comerciantes, chegar ao centro do mundo - do Brasil com certeza. A cidade do Rio de Janeiro vinha mudando desde a chegada da Coroa Portuguesa, perdia seu jeito colonial e provinciano, onde uma pequena elite aristocrática ociosa se instalara com mão de obra escrava. A vinda da Corte (1808) propiciou uma modernização, a implantação de uma Biblioteca Pública, um Jardim Botânico, uma Escola de Medicina, um observatório Astronômico, o Banco do

Brasil e um primeiro Museu³. O Brasil era, na época, consequência de um processo de colonização que não permitia autonomia econômica e valorizava tudo o que vinha de fora; forte nas artes era o Barroco produzido nas igrejas, conventos e mosteiros. Existia também uma arte vinculada ao artesanato, produzida por escravos e pela população mais humilde (FRANZ, 2003).

A Arte acadêmica brasileira do século XIX, principalmente na segunda metade - período em que Victor Meirelles foi um de seus protagonistas - participou ativamente do projeto de construção da nação. De forte conteúdo idealista, mas conservador e conciliador utilizaram a narração e a figuração na sua produção artística para o bom entendimento do público sobre os acontecimentos da pátria e a criação de mitos formadores da identidade nacional (PEREIRA, 2012). As artes plásticas e a literatura brasileiras desta época desenvolveram características bem específicas, apresentando forte exaltação nacionalista com a representação de uma natureza tropical diversificada, e em sintonia com o governo Imperial, valorizaram os aspectos oficiais das histórias presente e passada, a difusão de mitos e a criação de símbolos para a nação (PRESTES, 2011).

Victor Meirelles chegou nesta então emergente cidade como um aprendiz, para estudar no centro do poder político, sustentado inicialmente pela Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) (MALLMANN, 2002).

³ Museu Nacional/UFRJ está vinculado ao Ministério da Educação. É a mais antiga instituição científica do Brasil e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina. Criado por D. João VI, em 06 de junho de 1818 e, inicialmente, sediado no Campo de Sant'Anna, serviu para atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país. Originalmente denominado de Museu Real, foi incorporado à Universidade do Brasil em 1946. Atualmente o Museu integra a estrutura acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (www.museunacional.ufrj.br).

2.1 A ACADEMIA

A Academia Imperial de Belas Artes - ou Imperial Academia - era o centro irradiador e formador de “um conhecimento artístico”, originou-se a partir da Missão Artística Francesa de 1816 formada por Joaquím Lebreton junto com os irmãos artistas Nicolas e Auguste Taunay, mais Jean Pradier, Jean Batiste Debret e o arquiteto Grandjean de Montingny, que trouxeram as ideias do Neoclassicismo e da *Académie de Beaux Arts* de Paris (MELLO, 1986, p.111). A abertura da AIBA aconteceu em 1826, inaugurando oficialmente o ensino artístico no Brasil, em moldes semelhantes aos das academias de arte⁴ européias, procurando garantir aos artistas formação científica e humanista além de treinamento no ofício com aulas de desenho, pintura, modelagem e afins (PEREIRA, 2009). Acadêmico, não é um estilo nas artes, e sim um modo de pensar e de fazer com método, e características bem específicas, com seu próprio conjunto de regras.

O contexto histórico da formação da Academia Imperial de Belas Artes no Brasil estava ligado diretamente ao “Projeto Civilizatório”, nas relações entre as ideias e as utopias que se desenvolveram desde 1808 com a vinda de D. João VI e a Coroa Portuguesa para o Brasil (FRANZ, 2003). O “Projeto Civilizatório” da Monarquia brasileira pretendia, em um primeiro momento, garantir a criação de uma nova nação com a construção de ícones e símbolos nacionais dando visibilidade e legitimando o Brasil enquanto país independente longe de Portugal, em um plano geral e internacional. Foi feito todo um esforço pelos instrumentos oficiais de poder para dissociar a imagem brasileira de um país anárquico, de indígenas e de escravidão. O país buscava se afirmar em ser moderno nos moldes europeus (FRANZ, 2003).

Não há dúvida de que a nação não é algo natural, mas tem de ser construída como um

⁴ As Academias surgiram na Itália no século XVI e foram responsáveis pelo projeto renascentista de liberação das Artes Plásticas da época. Envolviam um trabalho mental, discussão teórica e o estudo do desenho, “– no sentido da palavra *disegno* – como a ideia primordial da obra” (PEREIRA, 2012, p. 91).

projeto deliberado. Isso é ainda mais verdadeiro nas colônias latino-americanas que fizeram a sua independência durante o século XIX. Após a organização do Estado, vem o momento da constituição da Nação, que é, na verdade, uma construção mental (PEREIRA, 2012, p. 95).

A AIBA desempenhou um importante papel no projeto político do Império de construção da nação. Foi responsável, através de seus professores e alunos, pela produção de pinturas e esculturas que representavam episódios considerados fundantes da nova nação, como por exemplo, o “descobrimento”, a “chegada e a posse” e a “Independência”, do Brasil, além de diversas batalhas que envolviam a nação, acontecimentos políticos, histórias e mitos indianistas, retratos de figuras da corte imperial e da elite.

As Belas Artes, segundo Franz, passaram a ser identificadas como instrumento de civilização, tendo o poder de educação dos povos [...]. A ideia de arte ligada à pedagogia e à civilização estava bem de acordo com o “Projeto Civilizatório” brasileiro a partir da metade do século XIX (FRANZ, 2003, p. 70).

Pode-se observar como aponta Sonia Gomes Pereira, que o sistema pedagógico da AIBA era fixo em uma sequência de ensino: primeiro aulas de desenho, depois modelagem e, por fim, desenho de modelo vivo. Apenas depois que o aluno dominava o desenho poderia passar às aulas de pintura (PEREIRA, 2009). Devemos levar em conta que as imagens produzidas pelos estudantes e seus professores exploraram discursos e construíram história, na sua maioria, de uma sociedade conservadora, favorecendo visões elitistas, e mostrando pouco as diferenças sociais. Trouxeram uma visão estereotipada do indígena e de seu encontro com os colonizadores portugueses.

Muito provavelmente, por causa desse sistema rígido e por ser patrocinada pelos grupos dominantes da sociedade que através dela mostravam seus valores, alguns pesquisadores e artistas, a partir da última década do século XIX, e depois XX, desprezaram a arte produzida nesse modelo de academia,

interessando-se mais pela trajetória dos “recusados”⁵. A esta nova escola que surgiu em contrapartida ao discurso oficial do Academicismo artístico, deu-se o nome de Modernismo (SQUEFF, 2011).

No Brasil, a Academia Imperial de Belas Artes promovida e financiada pelo Império, na figura de D. Pedro II, foi a responsável pela divulgação de um pensamento conservador e nacionalista das artes. Para estudiosos desse período, o academicismo brasileiro foi constituído pela geração romântica anterior e posterior à independência do Brasil - que vai de 1822 até 1830 - formada por Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco Adolfo Varnhagen, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e ainda políticos, historiadores e escritores que procuraram determinar os modelos e as regras acadêmicas (COUTINHO, 1994 apud PRESTES, 2011).

2.2 VICTOR NA EUROPA

Após seis anos de estudos na Academia Imperial, Victor Meirelles venceu o 7º concurso desta instituição. Esses concursos faziam parte do método de ensino que, junto com as exposições, avaliavam e premiavam os alunos. Os alunos candidatos aos concursos da Academia (nem todos participavam) tinham como objetivo alcançar o prêmio maior, o “Prêmio de Primeira Ordem”, que gratificava o vencedor com um pensionato pago na Europa, para o aprimoramento das técnicas artísticas⁶.

Essas viagens de estudo eram sistematizadas e subvencionadas pela AIBA, os alunos vencedores eram enviados

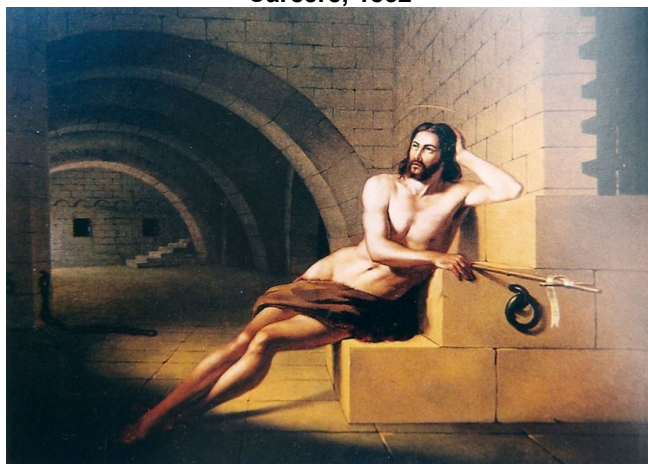
⁵ O termo “*refusé*” - recusados vem do francês e relacionava-se ao ato de negar o ingresso de obras para as exposições dos Salões de arte em Paris que não se enquadravam nos moldes academicistas da época.

⁶ Victor Meirelles se posicionava como um concorrente, vencendo outros concursos como: pequena medalha de ouro na classe de desenho, outra na de cópia de estampa em 1847 e também na cópia de modelagem de gesso em 1848. Em 1849, na classe de Pintura Histórica, obtém a pequena medalha de ouro; em seguida, no ano de 1850, conquista a grande medalha de ouro (PEREIRA, 2009).

a Roma ou a Paris. A Academia, mesmo separada por um oceano, mantinha a disciplina de seus aprendizes através do envio obrigatório de trabalhos para avaliação.

Victor Meirelles ganhou o prêmio “Viagem à Europa” em 1852 com a obra “São João Batista no Cárcere” ⁷. Embarcou rumo à Itália em 1853, fixando-se primeiramente em Roma; depois, estudou na *École Impériale et Spéciale des Beaux-Arts* em Paris. Teve seu estágio renovado três vezes permanecendo fora do Brasil oito anos. As autorizações para ampliação do prazo de permanência na Europa sempre eram acompanhadas por uma lista de solicitações e de estudos que deveriam ser cumpridos.

Figura 2 – Victor Meirelles (1832-1903): São João Batista no Cárcere, 1852



VICTOR MEIRELLES (1832-1903): *São João Batista no Cárcere*, 1852.
Óleo sobre tela, 88,7 x 105,9 cm.
Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.
Foto: Bira Soares

Fonte: Acervo Museu Nacional de Belas Artes.

Na Europa, Victor Meirelles manteve correspondência frequente com a AIBA, enviando as encomendas solicitadas e

⁷ Tema eleito em Sessão de Diretoria da Academia no dia 21/10/1852 momento que foram sorteados entre os concorrentes a ordem de escolha do lugar de observação para a pintura do modelo vivo. Fontes documentais no Museu D. João VI/EBA/UFRJ no Livro de atas das Sessões da Presidência - Diretor - 1841/1856 (PEREIRA, 2009, p. 50).

seus trabalhos para avaliação. Manoel Araújo Porto-Alegre, professor, desenhista, escritor, jornalista, crítico e historiador de arte, ex-aluno e também diretor da AIBA (1845 e 1847) foi um dos incentivadores do pintor. Sempre atento ao aluno, indicava que passo Victor Meirelles deveria seguir, alertando-o para os riscos de aderir às correntes contrárias ao movimento academicista, que buscavam inspiração em temas do cotidiano, como o Realismo e o Naturalismo⁸ de Gustave Coubert e François Millet, e não mais nos clássicos e religiosos (MALLMANN, 2002).

Nas atas das sessões da diretoria da Academia (AIBA) é possível entender a pressão e a interferência aos “acadêmicos-pensionistas” nos anos de estudos na Europa. No artigo de Sonia Gomes Pereira “Victor Meirelles e a Academia Imperial de Belas Artes”, na publicação “Victor Meirelles Novas Leituras” (2009), há trechos transcritos dessas atas das Sessões de Diretoria⁹ que mostram os passos indicados aos alunos e as avaliações dos trabalhos enviados por eles, inclusive, claro, Victor Meirelles.

Assim, mesmo estudando com mestres europeus, por ser “bolsista” do governo brasileiro tinha que cumprir algumas exigências, como permanecer sob tutela e os comandos da Academia no Brasil. Logo, sujeito também às ideias que esta articulava com a elite política e cultural do país, entre eles, o Imperador Pedro Segundo e o grupo do IHGB¹⁰ (FRANZ, 2007, p. 2).

⁸ O Naturalismo surgiu na segunda metade do século XIX junto ao Realismo. Os artistas expressavam em seus trabalhos o fruto de sua observação: o ser humano, seu contexto, seus meio, costumes e modos de viver; abordagem direta da realidade, independente de qualquer poética previamente construída. Era a superação simultânea do “clássico” e do “romantismo” (ARGAN, 1992, p. 75).

⁹ Fontes documentais no Museu D. João VI (EBA/UFRJ) Livro de atas das Sessões da Presidência - Diretor - 1841/1856. Sessão de 11 de maio de 1854 e 13 de agosto de 1855 e 24 de maio de 1854 (PEREIRA, 2009, p. 53 - 56).

¹⁰ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ainda na Europa, Victor Meirelles recebe correspondências de Araújo Porto-Alegre e da Academia com instruções orientando-o para a feitura de uma pintura que representasse o ato fundador da nação brasileira. O aluno, segundo estudiosos, buscou referências na carta de Pero Vaz de Caminha, sugerida por Porto Alegre¹¹: “Leia cinco vezes o Caminha, que fará uma cousa digna de si e do país” (COLI, 1998, p. 110)¹². A carta fora escrita a mais de 300 anos atrás, ao rei de Portugal, quando da chegada da frota naval portuguesa a uma terra nas Américas, agora chamado Brasil. Nela, a terra brasileira é descrita por um olhar curioso, atento e muito observador, Caminha detalha na escrita os preparativos das duas missas, o trabalho dos carpinteiros, as reações dos indígenas e, menciona a diferença entre as culturas. Segundo Jorge Coli sobre essa carta temos notícia de uma primeira publicação só em 1817 na *Corografia Brasileira* de Aires de Casal (COLI, 1998, p. 110-111).

Entre todos que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, à qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano, com que se cobrisse, e puseram-lhe ao redor de si. Porém, ao sentar, não fazia a memória de o muito estender para se cobrir; assim Senhor, que a inocência dessa gente é tal, que a de Adão não seria mais quanta em vergonha. (CAMINHA apud COLI, 1998, p. 108).

O documento aparece no século XIX para fazer parte até hoje do imaginário histórico da nação.

Correspondia perfeitamente à solicitação de historiadores literatos que construíssem o então passado brasileiro através da história e da literatura – essas duas disciplinas do imaginário. (COLI, 1998, p. 109).

¹¹ Muitas transcrições das cartas entre a Academia, Manoel Araújo Porto Alegre e Victor Meirelles estão na publicação do doutorado de Teresinha Sueli Franz, *Educação para uma Compreensão da Arte* (FRANZ, 2003).

¹² Citado também por Donato Mello Junior em “Temas históricos” (1982, p. 60).

Tudo leva a crer que a decisão de pintar o quadro da Primeira Missa (que na verdade foi elaborada com a descrição da segunda missa na carta de Caminha) foi feita por Victor Meirelles. O quadro levou dois anos para ser finalizado e, nesse período (1859), foi enviado ao Brasil um esboço da pintura, para apreciação e avaliação. Algumas observações ao esboço transcrevemos aqui para exemplificar e mostrar as interferências da Academia nos trabalhos de seus alunos-artistas:

[...] Não esqueça de pôr algumas embaúbas que são formosas e enfeitam o bosque [...] e lembre-se bem das nossas árvores de troncos retos carregadas de plantas diversas (PORTO-ALEGRE apud FRANZ, 2003, p. 87)

Depois, Barros Cabral professor de pintura histórica:

[...] acho que o altar onde se celebra a missa deve ser coberto com panos de navio [...] a cor dos índios é muito vermelha e nada se assemelha aos do norte [...]. (FRANZ, 2003, p. 90).

O quadro foi exposto no Salão de Paris (1861) e, pela primeira vez, um artista brasileiro participa desta mostra (SANTOS, 2009). A obra “Primeira Missa no Brasil” - talvez um dos quadros mais reproduzidos no Brasil - faz parte da iconografia do Império, consagrou Victor Meirelles como pintor e foi escolhida, *a posteriori*, como símbolo do processo de construção da identidade nacional¹³ (SANTOS, 2009).

¹³ As culturas nacionais também são formadas de símbolos e representações. Ao construírem sentidos sobre as nações, constroem identidades (HALL, 2002).

Figura 3 - “A Primeira Missa no Brasil”, 1860, óleo sobre tela (268 x 356 cm)



Fonte: Acervo MNBA, Rio de Janeiro.

Antes de ser produto da mente isolada de um artista, a “Primeira Missa no Brasil” é uma síntese visual do projeto civilizatório de cunho nacionalista do Segundo Império brasileiro, e Victor Meirelles de Lima foi o homem que concretizou em forma de pintura as idéias deste projeto (FRANZ, 2007, não paginado).

No Brasil do século XIX, na sua condição recente de nação livre da metrópole portuguesa, empreendeu-se a construção do imaginário e de referências que unissem e dessem sentido à nova nação, através da criação de entidades como o Instituto Histórico e Geográfico, as academias e os museus, como espaços de produção de conhecimento sobre o Brasil. Neste tempo, o país procurava garantir a criação de uma nova nação independente de Portugal, tendo a elite e a Monarquia como centro de força e união na figura de D. Pedro II, principal mecenas da produção artística.

Se em toda a história houve homens e mulheres que se dedicaram a construir ícones para seu povo, Victor o foi em seu tempo e, se assim aconteceu, foi sustentado por um contexto cultural e histórico singular e específico. (FRANZ, 2003, p. 75).

2.3 A VOLTA AO BRASIL

Victor Meirelles voltou ao Brasil em 1861, sendo condecorado pelo Imperador D Pedro II, colhendo os frutos dos 8 anos de estudo na Europa e da feitura da obra “Primeira Missa no Brasil”.

Logo, em 1862, tornou-se “professor-proprietário” da cadeira de Pintura Histórica¹⁴. Nesta época, a Pintura Histórica era o gênero mais valorizado na Academia Imperial de Belas Artes (COLI, 1998).

Como professor, desenvolveu método de ensino para o aprendizado do desenho, técnica que julgava essencial ao bom desempenho do fazer artístico.

Entre 1867 e 1895 foi professor do Liceu de Artes e Ofício¹⁵ instituição de educação onde os alunos não tinham custos e todos os professores ministravam aulas noturnas e sem remuneração, e onde o ensino era gratuito (BIELENSKY, 2009).

¹⁴ O fundamento do gênero Pintura Histórica vem desde de Luis XIV (rei da França entre 1643 e 1715) a ideia era transmitir a seus súditos instruções do processo de transformação do Estado. Segundo Esteban Hernandez, o gênero praticamente se acaba com a chegada das vanguardas artísticas do século XX (HERNADEZ, 2005 apud FRANZ, 2003).

¹⁵ Em 1856 é fundada a Sociedade Propagadora das Belas Artes proposta pelo arquiteto Francisco Joaquim Béthencourt, estabelecimento de educação popular o Liceu de Artes e Ofícios. Onde os artesãos, operários, e sociedade em geral aprendem, em lições noturnas e gratuitas, o desenho elementar, o geométrico, o industrial, o artístico, o arquitetônico e princípios das ciências aplicadas, a escola foi um sucesso, e no segundo ano possuía 351 alunos (BIELENSKY, 2009, p. 79-81).

Figura 4 - Mariano Photo, “Aula de desenho no Liceu de artes e Ofícios do Rio de Janeiro”, cerca de 1900



Fonte: Acervo da Sociedade Propagadora das Belas Artes (BIELINSK, 2009, p. 78)

Participando ativamente como professor e artista da Academia, em 1868, Victor Meirelles exibe na 22ª Exposição Geral duas encomendas contratadas pela Marinha brasileira. Para a feitura dessas obras o artista esteve em batalhas. Durante meses, Victor Meirelles recolheu *in loco* na região fronteira entre Brasil e Paraguai, impressões da guerra¹⁶, da paisagem, da figura humana, das embarcações e dos armamentos; fez estudos e reuniu material para, de volta ao Rio de Janeiro, dedicar tempo para essas pinturas encomendadas. Os resultados foram às

¹⁶ A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul no século XIX. Rivalidades platinas e a formação de Estados Nacionais deflagraram o confronto que abalou a economia e a população do Paraguai (SOUSA, 2017).

obras “Passagem de Humaitá” e “Combate Naval do Riachuelo” (MELLO, 1986, p. 118).

O gênero Pintura Histórica na AIBA era a instância mais elevada da hierarquia, essa modalidade de pintura costumava proporcionar ao espectador imagens que não foram registradas em fotografias ou filmes. Para sua feitura era necessário muito estudo do contexto da representação: as paisagens dos acontecimentos, geografia, vegetação, cores, temperatura, luminosidade, detalhes de vestimentas e tipos humanos participantes (CARDOSO, 2007).

A base fundamental da pintura histórica era, evidentemente, seu compromisso em representar os ‘fatos’ históricos, se bem que existia uma enorme folga na definição da historicidade de qualquer episódio. Não bastava, porém, retratar os acontecimentos com precisão ou verossimilhança; era essencial que os fatos fossem representados sob uma ótica idealizada, para que a imagem transmitisse não apenas o evento ocorrido, mas ainda suas implicações morais. O quadro que atingisse todos esses critérios era considerado, pelos cânones acadêmicos, um exemplar da pintura *à la grande manière*. (CARDOSO, 2007, não paginado).

Além disso, e não menos importante na feitura da obra, era a posição ideológica do executor e/ou do “encomendador” do trabalho, o que condicionava valor aos acontecimentos representados.

Figura 5 - Passagem do Humaitá, 1868-1872



Fonte: Acervo MNBA do Rio de Janeiro.

“A Batalha de Guararapes”, também pintura histórica, foi encomendada pelo ministro do império João Alfredo de Oliveira em 1872. A cena do confronto foi criada em tela de dimensões grandiosas com quase cinco metros de altura por mais de nove metros de largura, representando o acontecimento ocorrido em 1648, no estado de Pernambuco, batalha vencida pelos portugueses que resultou na expulsão dos holandeses de terras brasileiras.

Quando a pintura foi exposta na 25ª Exposição Geral da AIBA em 1879, junto com a “Batalha do Avahy” de Pedro Américo, houve um número excepcional de visitantes. A primeira publicação da estatística de público feita na época, pelo “Jornal do Commercio”, foi de 272.286 pessoas. Em 1950, essa estimativa foi confirmada por pesquisa de Donato Mello Júnior, junto à Biblioteca Nacional (MELLO, 1986, p. 118). É de se estranhar um número tão elevado de visitantes, sendo que a cidade do Rio de Janeiro na época contava com 280.000 habitantes aproximadamente (MELLO, 2007).

Figura 6 – Pedro Américo: Batalha do Avaity, 1872-1877



PEDRO AMÉRICO: *Batalha do Avaity*, 1872-1877.

Óleo sobre tela, 600 x 1100 cm.

Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes.

Figura 7 - Estudo para Batalha dos Guararapes, 1874-1878, óleo sobre tela, 54x100cm



Fonte: Acervo MVM, Florianópolis. Foto: Eduardo Marques.

As duas obras causaram enorme repercussão, houve críticas variadas e ambos os artistas foram publicamente acusados de plágio. A obra de Pedro Américo, “Batalha do Avaity”, seria semelhante às dos pintores representantes do

Romantismo francês e italiano Antoine-Jean Gros (1771-1835) e Andrea Appiani (1754-1817). Victor Meirelles foi acusado de plagiar Horace Vernet (1789-1863), em “Primeira Missa em Kabylia”, na composição do quadro “Primeira Missa no Brasil” e sua obra “Moema” foi tida como uma imitação de um trabalho de Eugène Isabey (1803-1886), “Virginia Morta na Praia”.

Além das discussões sobre os plágios ocorriam nos jornais da época como o “Jornal do Commercio”, “Revista Illustrada” e “Folhetim da Gazeta da Notícia” divergências de gosto, enquanto as obras expostas das batalhas para alguns críticos tinham como forte característica a unidade (Victor Meirelles) a outra era vista como em falta (Pedro Américo), para outros, “Batalha do Avahy” mostra-se superior quando se falava em movimento (GUARILHA, 2006).

A transcrição de texto do crítico da “Revista Illustrada” demonstra a desorientação do público em relação ao acontecimento:

Revista Illustrada:

- Já viu a Batalha de Avahy?...

Eis como se saúdam desde ontem todos os amigos que se encontram.

E a uma resposta afirmativa segue-se imediatamente esta outra interrogação:

- E então?...

E agora é que são elas.

Os entendidos não se querem comprometer; os não entendidos... Esperam pelos primeiros, e uns e outros escapolem-se murmurando:

- Assim, à primeira vista...

(REVISTA ILLUSTRADA, 1879 apud GUARILHA, 2006, não paginado).

Segundo o artigo de Hugo Guarilha, a polêmica propicia questionamentos relacionados aos limites da liberdade criativa dos pintores, destacam-se e criam-se oportunidades de discutir - a partir das obras - a impossibilidade de se representar episódios recentes da história do país (“Batalha do Avahy”), e também narrar através da pintura um evento ocorrido há 200 anos (“Batalha dos Guararapes”, 1648) (GUARILHA, 2006).

As discussões se polarizam e aparecem dois grupos críticos: acadêmicos e inovadores - relação que pode ser metaforizada pela dicotomia política da época, Monarquistas e Republicanos.

Foram repetidas as críticas em muitas publicações. Na “Gazeta da Notícia”, o Dr. Y escreve explicando por que se envolver na polêmica:

Já se foi o tempo em que alguns amigos seus [Victor Meirelles], pretensiosos monopolizadores dos conhecimentos de arte e os folhetins do Sr. Mello Moraes faziam opinião; hoje a época é diferente

[...]

Perguntará o Sr. Victor porque procuramos advogar a causa ao Sr. Pedro Américo?

Em primeiro lugar está o Sr. Pedro Américo ausente; em segundo porque somos dissidentes não admitimos o reinado do Sr. Victor - nem reconhecemos o Sr. Victor à única esperança da pátria!

[...]

Nós moços, geralmente nos revoltamos contra essas velhas usalhas - sobretudo quando pretensiosas - e saudamos o sol que nasce radiante de luz e calor.

(GAZETA DE NOTÍCIAS, 1877 apud GUARILHA, 2006, não paginado).

Na verdade, tudo leva a crer que a polêmica era entre os simpatizantes dos dois pintores, talvez, Victor Meirelles mais ligado ao Imperador (professor de desenho e pintura particular da princesa) do que o outro. Não resultou em rupturas ou outro movimento artístico. Os dois artistas mantinham as insistências da Academia nas composições históricas de suas obras, no domínio técnico da representação da figura humana e na forte função narrativa, ponto culminante desse tipo de pintura.

2.4 OS PANORAMAS

Na última década do século XIX, Victor Meirelles mostrou versatilidade e “modernidade” como pintor de paisagem.

Empreitou a pintura de panoramas, realizando o “Panorama do Rio de Janeiro” ¹⁷, um novo meio de representação, com um novo ponto de vista do receptor e mais aberto em relação ao público espectador (COELHO, 2009).

A execução dos panoramas foi resultado de um grande projeto empreendedor do artista entre os anos de 1886 a 1889. Começou no Rio de Janeiro com a concepção da ideia, a abertura da empresa e os estudos de paisagem para posterior pintura.

Fazer panoramas era uma empreitada onerosa, além da execução e montagem das telas de grandes dimensões, se constituía uma empresa, que se responsabilizava pelas licenças de instalação, construía a estrutura para a exposição no local estipulado, montava a exposição e as administrava.

Em 1830, na Europa, as construções para exposições de panoramas eram frequentes e, um ótimo negócio, os visitantes pagavam para entrar e apreciar as pinturas (COELHO, 2009).

Victor Meirelles viveu na Europa por alguns anos e, provavelmente, deve ter visto um panorama destes. A sua vontade de pintar um deles foi por ele relatada:

Foi no intuito de fazer admirar na Europa a nossa esplêndida baía e luxuriante vegetação, principalmente que empreendi esse Panorama em 1886; era uma ideia que há mais de 17 anos acariciava, e que só depois de muito refletida a pus por obra (MEIRELLES, 1948, p. 7 apud COELHO, 2009, p. 116).

¹⁷ Os panoramas (pintura panorâmica) foi criação do pintor irlandês Robert Barker (1739-1806), patenteada por ele em 1787 na Inglaterra, uma modalidade de pintura associada ao entretenimento popular. Proporcionando uma imersão ao espectador, por meio de pinturas executadas em telas de grandes proporções, completando 360° de um assunto; feitas aos pedaços e montadas em recintos circulares, as rotundas (COELHO, 2009).

Figura 8 - Estudo para o “Panorama do Rio de Janeiro”, morro de Santo Antônio e Ilha das Cobras, cerca de 1885, óleo sobre tela 100 x100cm



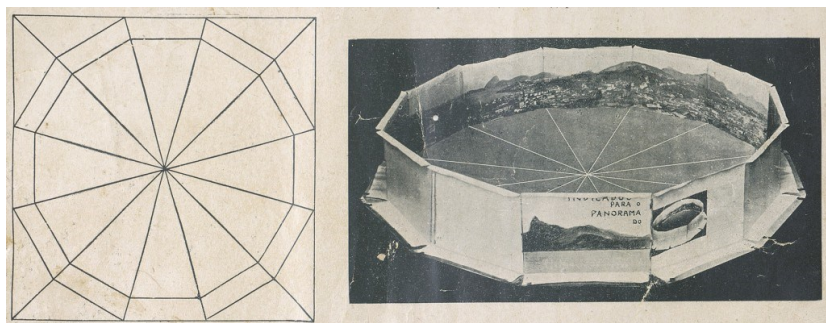
Fonte: Acervo MNBA, Rio de Janeiro.

A execução desse seu primeiro panorama: paisagem em vista circular tomada a partir do morro de Santo Antônio foi realizado em parceria com o belga Henri Charles Langerock. Foi exposto pela primeira vez em 1888, uma rotunda, construída para este tipo de exposição, em Bruxelas, na Bélgica. Essa pintura possuía aproximadamente 14 metros de altura por 114 metros de comprimento (MELLO, 1986; COELHO, 2009).

Essa arquitetura de interior circular foi especialmente projetada para promover um tipo de visão de pintura – um olhar do observador no alto [...], a partir de um ponto central limitado por uma plataforma. Era como se o observador pudesse reconstituir a situação do ponto de vista captado pelo artista (COELHO, 2009, p. 115).

Depois de exibido o “Panorama do Rio de Janeiro” na Europa, Victor Meirelles trouxe-o para o Brasil, montando-o na capital da República, em 1891, em rotunda de cobertura cônica, construída e licenciada especialmente para a exposição, no largo do Paço Imperial, atual praça XV de Novembro.

Figura 9 - Panorama da cidade do Rio de Janeiro publicado em 1917 pela Empresa de Propaganda Brasileira



Fonte: Foto de arquivo da Biblioteca Nacional (ANDRADE, 2015).

Esse panorama da cidade do Rio de Janeiro foi publicado em 1917 pela Empresa de Propaganda Brasileira. Sua execução gráfica ficou a cargo das oficinas do *Jornal do Brasil*, dá-nos a ideia de como seriam os panoramas executados e exibidos por Victor Meirelles.

Figura 10- Estudo para panorama do Rio de Janeiro, cerca de 1885



Fonte: Acervo do MNBA, RJ.

Victor Meirelles produziu dois outros panoramas: “Panorama da Entrada da Esquadra Legal – Revolta da Armada” representando o episódio histórico que simbolizava a vitória

republicana frente à monarquia. E, depois o “Panorama do Descobrimento do Brasil”, para marcar o quarto centenário do “descobrimento” da nova nação republicana, inaugurado em outra rotunda, em 11 de junho de 1900, pelo então presidente do Brasil Campos Sales (MELLO, 1986, p. 123).

Figura 11 - Estudo para o Panorama do Descobrimento do Brasil, cerca de 1890-1900, óleo sobre tela 33 x 328 cm



Fonte: Acervo MNBA, Rio de Janeiro.

Vale lembrar que a ideia do “Descobrimento do Brasil”¹⁸ foi uma invenção do século XIX, incorporada pela República, e depois reinventada no pensamento político idealista de 1920 e 1950.

O período dos panoramas foi também o início da sua fase final como artista. Todos os três panoramas, exageradamente volumosos, foram doados formalmente ao governo brasileiro por Victor Meirelles e sua esposa, em 2 de julho de 1902 (termo de doação localizado no Arquivo Nacional, recebido pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores). Esquecidos na Quinta da Boa Vista¹⁹ foram todos perdidos, restando nos acervos dos museus somente seus estudos (MELLO, 1986).

¹⁸ “A descoberta do Brasil foi uma invenção do século XIX. Ela resultou das solicitações feitas pelo o romantismo nascente e pelo projeto de construção nacional que se combinavam então. Como ato fundador, instaurou uma continuidade necessária inscrita num vetor dos acontecimentos. Os responsáveis essenciais encontravam-se, de um lado, no trabalho dos historiadores, que fundamentavam cientificamente uma “verdade” desejada, e, de outro, na atividade dos artistas, criadores de crenças que se encarnavam num corpo de convicções coletivas” (COLI, 1998, p. 107).

¹⁹ A Quinta da Boa Vista foi o local de residência da família real portuguesa de 1808 a 1821, depois palácio residencial da família imperial brasileira até 1889, abrigou a primeira Assembléia Constituinte Republicana de 1889 a 1891 e, atualmente é sede do Museu Nacional (www.museunacional.ufrj.br)

Com o advento da Proclamação da República do Brasil, Victor Meirelles foi afastado de suas funções na Academia Imperial de Belas Artes em 1890 e, em 1895, desligou-se do Liceu de Artes e Ofícios. “Uma reação do novo regime frente a sua identificação como pintor oficial da monarquia que deixava a cena política” (MALLMANN, 2002, p. 26).

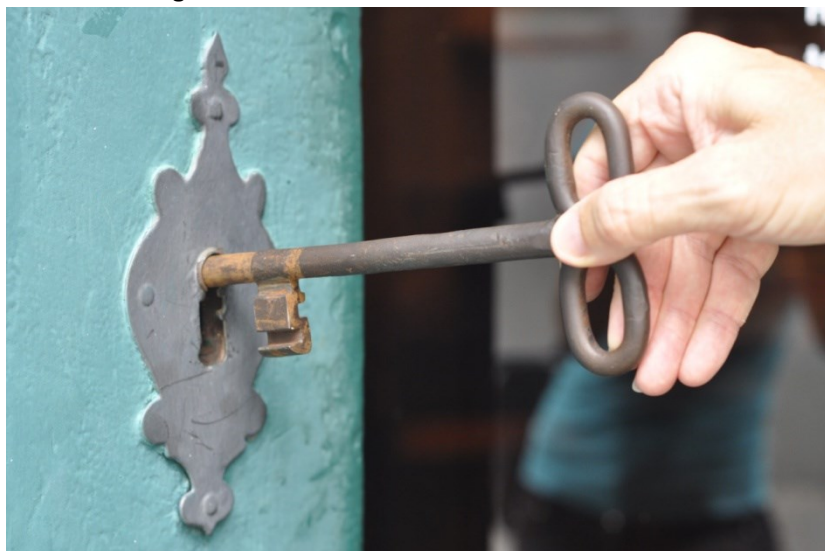
Veio a falecer em 1903.

A produção do pintor foi intensa. Mais de 1000 trabalhos dele encontram-se hoje no acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro – MNBA²⁰, entre óleos, desenhos e aquarelas. Talvez em consequência deste número significativo de obras, depois do tombamento da casa onde nasceu o pintor Victor Meirelles, em 1950 (quase 50 anos depois de seu falecimento) não foi difícil para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional conseguir, junto à diretoria do MNBA, os trabalhos que iriam compor o Museu Casa Natal – Victor Meirelles, inaugurado em 1952.

²⁰ O Museu Nacional de Belas Artes – MNBA foi fundado em 1937 com acervo, em sua maioria, da coleção da Academia Imperial de Belas Artes, que depois da proclamação da República, foi transformada em Escola Nacional de Belas Artes e que é atualmente a Escola de Belas Artes – EBA ligada a Universidade Federal do Rio de Janeiro (www.mnba.gov.br).

3 VICTOR MEIRELLES, O MUSEU²¹

Figura 12 - Entrada do Museu Victor Meirelles



Fonte: Fotografia de Eduardo Marques (2002).

O Museu Victor Meirelles está situado à Rua Victor Meirelles, 59 no centro da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, instalado na casa que pertencia à família e onde nasceu o pintor brasileiro e catarinense que lhe dá nome. O Museu Casa Natal – Victor Meirelles foi fundado em 15 de novembro de 1952 e, como uma instituição, buscou concretizar ações que preservasse a casa e as obras deste artista, 50 anos depois de sua morte (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

A concepção desse Museu aconteceu em um cenário histórico e político singular, no momento em que um grupo de intelectuais brasileiros se esforçava para demarcar e, com isso, proteger e preservar os bens patrimoniais do país. O grupo foi responsável pela implementação de políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural, a partir da década de 1930 até os anos 1980. Essas políticas oficiais tinham como um de

²¹ Este texto foi elaborado, em sua maioria, através de pesquisa direta pela autora aos arquivos documentais e administrativos, nas publicações e no Plano Museológico do Museu Victor Meirelles.

seus objetivos, mais uma vez, a construção de uma memória e de uma identidade²² nacional (GONÇALVES, 2002).

O Estado Novo e as políticas do governo de Getúlio Vargas para educação e cultura tinham, como um dos objetivos, uma empreitada para a construção de um “novo” imaginário idealizado para a nação brasileira (FONSECA, 2005). Viu-se uma apropriação das imagens criadas no século XIX (como por exemplo, as obras de Victor Meirelles e a criação do Museu Imperial) agora de uma forma positivista, “permitindo que os membros da pátria pensassem em si como parte de uma nação jovem, cuja realização ocorreria no futuro” (SANTOS, 2009, p. 117). Esse pensamento político idealizado para construção da identidade nacional é recorrente em 1830, 1870, 1920 e 1950, segundo a mesma autora.

A prática preservacionista começa a se configurar e se estruturar através de ações por parte do Estado²³ brasileiro, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, e com a promulgação do decreto-lei número 25, que instituiu o tombamento, em 1937. A partir desses acontecimentos organizaram-se projetos de museus e tombamentos. No artigo 1 desse decreto, ficou estabelecida a preservação do conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país, de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico ou artístico. Tais bens deviam ser registrados em quatro livros de tomo, assim divididos: 1) Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; 2) Livro de Tombo Histórico; 3) Livro de Tombo das Belas Artes; 4) Livro de Tombo das Artes Aplicadas.

A noção de patrimônio da época privilegiava a herança luso brasileira, restringindo-se, principalmente, às expressões

²² “‘Memória e identidade’ a partir dos modos pelos quais determinada categoria social – intelectuais identificados com projetos nacionais de ‘patrimônio cultural’ no Brasil – as definem segundo o empreendimento de construção da ‘nação’” (GONÇALVES, 2002, p. 13).

²³ Como na França com a formação da República, no Brasil mais tardiamente, o Estado passa a assumir o compromisso em relação às ações de preservação da história da nação. O museu passa a ser um lugar, a princípio, mais neutro em relação a templos, palácios e igrejas (GONÇALVES, 2004, p. 14).

culturais e arquitetônicas das elites econômicas e religiosas. Nessa primeira fase de trabalho do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, os tombamentos privilegiaram, em especial, igrejas e prédios do período colonial, prevalecendo uma apreciação de caráter estético. O movimento modernista e a instauração do Estado Novo foram dois fatores que marcaram a vida cultural e política e contribuíram nas escolhas (FONSECA, 2005). Os parâmetros para a seleção dos tombamentos, futuros patrimônios, estavam pautados na necessidade de preservação e na criação de símbolos representativos para a identidade nacional²⁴ (FONSECA, 2005).

A seleção e os critérios de escolha eram de competência exclusiva desse órgão federal. Todo um processo de preservação influenciado segundo o perfil dos profissionais que atuavam no órgão e na figura de um de seus fundadores e diretor por 30 anos, Rodrigo de Melo Franco Andrade (MOREIRA, 2012).

O SPHAN é criado no Estado-novo visando reestruturar a política nacional de museus, promovendo ações de preservação como: a criação de pequenos museus espalhados por todo o território nacional, fomentando a implantação de museus federais locais de caráter histórico. A orientação parece ser a de incorporar as narrativas imperiais e monarquistas como tradição, como memórias históricas. Criaram-se os museus das Missões (1941, em São Miguel das Missões/Rio Grande do Sul), da Inconfidência (1942, em Ouro Preto/Minas Gerais), Imperial (1943, em Petrópolis/Rio de Janeiro), do Ouro (1946, em Sabará/Minas Gerais), das Bandeiras (1949, na Cidade de Goiás/Goiás). Em Florianópolis, o órgão empreendeu o pequeno museu em homenagem ao pintor do Império o Museu Casa Natal - Victor Meirelles. Neste momento o Império não é mais uma ameaça à ordem política vigente, mas algo a ser incorporado como tradição pelas novas diretrizes e, em acordo com a proposta do Estado Novo.

Foram encontrados documentos, do final dos anos 1930, relativos a pedido orçamentário para aquisição da casa em que

²⁴ Para aprofundamento da trajetória da política federal de preservação no Brasil ver Maria Cecília Londres Fonseca em "O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil"(2005).

nasceu Victor Meirelles em Florianópolis (VOGEL, 2002). Mas, foi só diante de uma aparente, mas não confirmada, ameaça de demolição, em 1945, que representantes da sociedade civil, entre eles o Grupo Sul, instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina²⁵ e o SPHAN, empenharam-se na aquisição da casa.

Em 22 de fevereiro de 1946, 43 anos depois da morte do pintor, o então presidente da República Eurico Gaspar Dutra autoriza a compra da casa que depois, em 1950, é tombada²⁶ como patrimônio nacional (VOGEL, 2002).

Figura 13 - Casa onde nasceu Victor Meirelles, atual Museu Victor Meirelles



Fonte: foto de autor desconhecido (1945). Arquivo digital MVM, reprodução de foto do Arquivo Noronha Santos/IPHAN, por Daniela Cristina Silva.

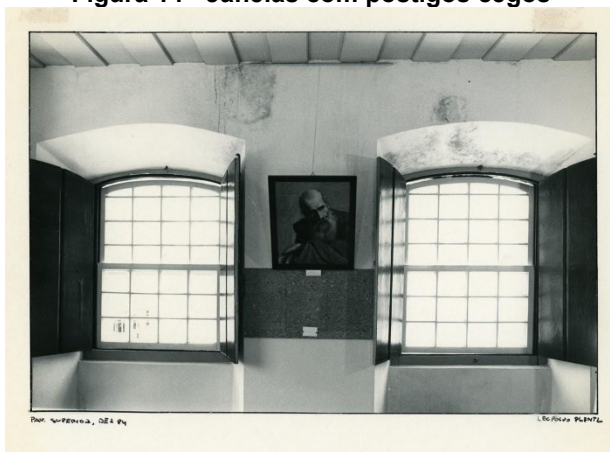
²⁵ O Instituto Histórico e Geográfico fundado em 1896 lançou sua primeira revista a “Terra” em 1902, fundamentado no Positivismo republicano; e o Grupo Sul, fundado em 1948, um dos primeiros movimentos modernistas editaram a “Revista Sul” responsável por lançar uma série de novos artistas plásticos como Aldo Nunes, Ernesto Meyer Filho, Hassis, Martinho de Haro (GRUPO..., 2017).

²⁶ Segundo definição atual do órgão que substituiu o SPHAN, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o tombamento é “um dispositivo legal para a proteção do patrimônio edificado, que tem como objetivo preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo a sua destruição ou descaracterização” (informações contidas em: www.portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126)

A edificação onde nasceu Victor Meirelles de Lima, construída no final do século XVIII/ início do XIX, fica na esquina das antigas ruas do Açougue e da Pedreira, hoje Saldanha Marinho e Victor Meirelles, perto do Largo da Matriz, atual Praça XV de Novembro. A casa possui dois pavimentos, arquitetura executada em alvenaria de pedra, tijolo e estuque (argamassa à base de cal e areia) usado nas paredes como preenchimento da estrutura e no revestimento das mesmas. As portas, janelas, assoalho e escada são de madeira de canela e as janelas, de vidro do tipo guilhotina com postigos²⁷cegos. Sua implantação é sobre o alinhamento da rua, sem recuos, em 132 metros quadrados de terreno; cobertura em telhas de material cerâmico tipo capa/canal; beirais do tipo “beira-seveira” feitos de duas fiadas de telhas (a fiada superior chamada de beira e a inferior incrustada na parede, a “sob-beira”). Até hoje a casa mantém características oitocentistas e é uma das poucas na cidade (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 25-26; VOGEL, 2002, p. 30).

Foi executado um primeiro projeto de reforma para a instalação do Museu que contemplavam a manutenção e alguns reparos, feito pelo arquiteto Cyro Illídio Corrêa de Oliveira Lyra, não permitia acrescentar nada novo que não fosse idêntico ao existente.

Figura 14 - Janelas com postigos cegos



Fonte: Foto de Leopoldo Plentz (1984). Arquivo digital do MVM.

²⁷ Portinhas.

É de se considerar, de imediato, que a casa, não tendo sido projetada para abrigar um museu, não estaria preparada para acomodar adequadamente as obras do artista, na sua maioria em tela e papel. A casa natal de Victor Meirelles era uma edificação, anteriormente à inauguração do Museu, destinada à moradia e ao comércio (ROSSETTO, 2009; PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 26). A reforma teve o objetivo de torná-la mais apta à nova função.

No ano de 1952, no dia 15 de novembro, o dia em que se comemora a proclamação da república brasileira, foi inaugurado o Museu Casa Natal – Victor Meirelles. A escolha dessa data para a inauguração diz muito sobre a apropriação que a República fez do artista Victor Meirelles (SANTOS, 2009, p. 122).

Segundo Maria Inez Turazzi, “a criação do Museu representou um novo compromisso na esfera do Estado para a gestão pública da memória e do acervo” (TURAZZI, 2009, p. 22).

Os museus, como sabemos, além de evocarem relações sentimentais com os tempos pretéritos, presente e futuro, têm responsabilidades legais, desde o seu nascimento, para com a efetiva conservação dos testemunhos do passado. No século XIX, essas instituições participaram de um movimento crescente e imperativo em prol da regulamentação e aplicação das mais variadas ações de proteção e salvaguarda dos bens culturais. No século XX, eles não só protagonizaram muitas dessas ações, como contribuíram para a re-significação da própria ideia de patrimônio (TURAZZI, 2009, p. 22).

A inauguração ocorreu às 16 horas, foi amplamente divulgada pela imprensa e agitou a sociedade local.

O novo Museu Casa Natal – Victor Meirelles contou, para a sua abertura, com uma lista de trabalhos do artista provenientes do acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Mais de 21 obras, entre estudos, aquarelas e óleos sobre tela embarcaram para a inauguração, por meio de cessão e transferência. Alfredo Teodoro Rusins, colaborador do SPHAN, conservador e

secretário do Museu Imperial foi responsável pela elaboração do novo museu.

Figura 15 - Inauguração do Museu Casa Natal Victor Meirelles



Nota: Na foto, em primeiro plano, o secretário e conservador do Museu Imperial Alfredo Rusins e o governador do Estado de Santa Catarina Irineu Bornhausen, 1952.

Fonte: Arquivo digital do MVM, reprodução feita de fotos do Arquivo Noronha Santos-IPHAN por Daniela Cristina Silva.

O diretor do Museu de Arte de São Paulo – MASP, Pietro Maria Bardi, a pedido de Rodrigo de Melo Franco, emprestou também, para compor a exposição de inauguração, dois retratos; um de D. Pedro II (ex-Imperador do Brasil) e um de D. Tereza Cristina, sua esposa. Eram as obras de maior tamanho na inauguração, expostas no piso térreo da casa, ficavam “recebendo” os convidados, reforçando a já mencionada apropriação pela República dos símbolos nacionais criados pelo Império.

**Figura 16 - Retratos do Imperador e da Imperatriz, na inauguração.
Óleo sobre tela, 1864. 265x176cm (cada obra)**



Fonte: Acervo do MASP. Arquivo digital do MVM, sem data e autoria.

O MVM, entre 1962 e 1991, estava sob a responsabilidade dos técnicos do SPHAN/IPHAN/4º distrito, de São Paulo, e em Florianópolis, aos cuidados de zeladores, funcionários vigilantes que moravam no Museu e também atendiam os visitantes. Entre esses moradores estão Irineu dos Santos Lessa, Ecy de Alvarenga Boechat Pereira e Arnaldo Heitor Muller. Ecy alertava por meio de seus registros originais, em arquivo documental do Museu (pasta 18) o seu cuidado com as obras:

[...] possivelmente, devido à umidade, os quadros pertencentes ao acervo desta casa [...] vêm demonstrando alterações que consideramos muito graves. Ecy retirava os quadros das paredes quando chovia (ARQUIVO DOCUMENTAL MVM; VOGEL, 2002, p. 35).

Em 1969 o Museu é fechado, pelo SPHAN, pela primeira vez desde sua inauguração para a casa sofrer novas

adaptações. Foi a primeira intervenção na casa. Com projeto do arquiteto Cyro Lyra, o mesmo responsável pelas adequações quando da sua concepção que devolve à casa, de certo modo, seu aspecto original, com a retirada de um anexo. Durante as obras que duraram cinco anos, a coleção foi encaminhada para o MASC, Museu de Arte de Santa Catarina, e lá foram expostas três vezes.

Figura 17 - Retirada de um anexo na edificação



Fonte: Fotografia de Cyro Lyra (1969). Arquivo digital do MVM.

Figura 18 – Painéis colocados

Fonte: Fotografia de Leopoldo Plentz (1985). Arquivo digital do MVM.

Entre 1983 e 1989, o espaço da casa que era ocupado como moradia pelos zeladores, tornou-se escritório da primeira sede estadual do SPHAN/Pró-Memória tendo como responsável técnico o arquiteto Dalmo Vieira Filho e sua equipe. A partir desse momento o Museu passa a contar com a atenção direta desses técnicos.

3.1 UMA NOVA FASE: O PROJETO VICTOR MEIRELLES

Mesmo com pequenos ajustes e reformas para melhor adequação de seu funcionamento, devido a diversos problemas relacionados à degradação do edifício que representavam um risco para a coleção, o Museu foi fechado, novamente, para visitação em 1991, e uma equipe foi formada para elaborar um plano de reforma para sua revitalização: o “Projeto Victor Meirelles”²⁸. Este grupo era composto por representantes da atual 11ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Santa Catarina (SR/IPHAN/SC) e da recém fundada Associação Amigos do Museu Victor Meirelles – AAMVM, presidida por Armando Luiz Gonzaga.

A Associação Amigos do Museu é uma sociedade civil com fins culturais e não lucrativos, criada em 1991. E, tem como objetivo contribuir para a preservação, promoção e divulgação do Museu “junto à comunidade, participando assim de suas ações educativas e culturais que há décadas constituem parte do cenário artístico e cultural de Florianópolis” (ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES, 2017). Além de contribuir para a preservação, promoção e divulgação do MVM, a Associação promove e incentiva o intercâmbio cultural em âmbito nacional e internacional em parceria com outras instituições.

O plano de revitalização do Museu ocorreu no período de 1991 a 1994 e incluiu uma proposta de transformação conceitual e estrutural. Abrangia a preservação arquitetônica da casa, a conservação preventiva do acervo existente, a expansão da área física e, uma intenção de ampliação de sua atuação cultural e educacional junto à sociedade. A técnica em Assuntos Culturais da 11ª SR/IPHAN/SC, Lourdes Rossetto, assume a direção deste Projeto e do Museu, e esse cargo ocupa até hoje.

Durante as reformas propostas pelo “Projeto Victor Meirelles”, o acervo foi transferido para a Reserva Técnica do Museu Histórico de Santa Catarina, que é localizado próximo, e ali permaneceu até a sua reinauguração.

O “Projeto Victor Meirelles” contemplava, no plano estrutural/arquitetônico, outra intervenção em suas instalações,

²⁸ O Projeto Victor Meirelles foi pesquisado para este trabalho nos arquivos do Museu e da Associação Amigos do Museu Victor Meirelles.

com adaptações de uso, visava adequá-lo, técnica e museologicamente, às suas funções, com outro projeto de Cyro Lyra, agora em parceria com Alcídio Mafra de Sousa ²⁹ (VOGEL, 2002).

Foram executadas ações como: troca das aberturas, de partes do telhado, do forro e assoalho que estavam comprometidos com infestação de insetos nocivos e ainda revisão de todo o sistema elétrico, hidráulico e telefônico. Na casa foi executado um sistema de drenagem para minimizar a umidade nas paredes; um projeto luminotécnico que não compromettesse as obras expostas e um sistema de segurança contra roubo e incêndio. Elaboração de um programa de manutenção e conservação preventivas do prédio e do acervo, com um projeto de monitoramento dentro dos padrões e recomendações internacionais para controle de temperatura, umidade relativa e contaminação atmosférica dos ambientes. Esta reforma estrutural consta nos Arquivos Administrativos III do Museu em memorandos, planos de trabalho e notas de prestação de serviço em pasta de número 51 e 52.

O espaço cedido por comodato pelo Estado de Santa Catarina, uma parte de um imóvel vizinho com aproximadamente 178 metros quadrados, foi adaptado para receber a Reserva Técnica (local de guarda e conservação das obras que não estivessem em exposição); uma sala de conservação (onde são executadas ações de higienização e monitoramento do acervo, por exemplo); o setor administrativo; a biblioteca Alcídio Mafra de Sousa e uma sala multiuso. Em 1998 a *Fundação Vitae* financiou a aquisição de mobiliário para essa Reserva Técnica e para a sala de Conservação Preventiva (VOGEL, 2002).

Um novo modo expositivo constava no “Projeto Victor Meirelles” que pretendia dinamizar as suas ações redefinindo estratégias institucionais. Essa nova definição da distribuição das exposições no espaço físico foi determinante para o Museu.

Antes das mudanças empreendidas no âmbito do “Projeto Victor Meirelles”, as salas expositivas ocupavam os dois

²⁹ Alcídio Mafra de Sousa, catarinense, jornalista e professor, foi estudante e professor de Escola Nacional de Belas Artes, participou com outros intelectuais e artista da formação do Museu de Arte de Santa Catarina, professor de história da arte e voluntário no Museu Victor Meirelles.

pavimentos, onde eram exibidas, em exposição de longa duração, todas as obras que constituíam o acervo. Com a mudança da forma da exposição, o piso superior da casa passou a abrigar exposições de longa duração, mas, em sistema de rodízio, sendo exposto o acervo de obras do artista Victor Meirelles, mantendo uma parte das obras em resguardo ou em algum processo de conservação ou restauro.

O piso térreo foi destinado a receber as novas Exposições Temporárias de arte moderna e contemporânea. Essas exposições são a novidade conceitual do “Projeto Victor Meirelles”, darão outro caráter ao Museu - e são objeto de um estudo mais atento neste trabalho. Em anexo consta uma planta baixa dos dois pavimentos para uma melhor visualização.

Quanto ao nome do Museu, em entrevista com a diretora Lourdes Rossetto, essa conta que o Museu trocou o nome de “Museu Casa Natal – Victor Meirelles” para “Museu Victor Meirelles”, com a intenção de firmar sua posição como um museu de arte, ampliando, a partir daí, sua atuação, estimulando a reflexão e a experimentação no campo das artes visuais, do patrimônio e do pensamento contemporâneo.

Figura 19 - MVM, piso superior da casa



Fonte: Fotografia de Ana Viegas. Arquivo MVM.

Figura 20 - MVM, piso térreo da casa. Exposição Armazém



Fonte: Fotografia de Ana Viegas. Arquivo MVM.

Assim como a inauguração do Museu em 1952 foi um importante acontecimento local, a reinauguração no dia 18 de agosto de 1994, data de nascimento de Victor Meirelles, também movimentou o setor cultural da cidade³⁰. Muito mais do que coincidência, a escolha da data parece fazer parte de um conjunto de estratégias de visibilidade adotada pelo Museu. Essa escolha da data de aniversário de Victor Meirelles sinaliza uma intenção e um esforço oficial de resgatar o pintor dentro da cena artística, inaugurando seu trabalho dentro do escopo da arte e sua figura enquanto artista catarinense até mais que

³⁰ Na nossa pesquisa foram encontrados vários ofícios de pedidos diversos que mostram a dimensão dos preparativos para esta “reinauguração”. O ofício de número 229 do ano de 1994 solicita policiamento extra; o de número 230/94 pedia empréstimo de 20 mesas e cadeiras para a inauguração; o 231/94 encaminhava à prefeitura da capital solicitação para fechamento ao tráfego das ruas onde se situa o Museu (o Decreto-Lei Municipal nº5. 253/94 que transformou a rua em Largo Victor Meirelles). O ofício 316/93 à Telefônica Santa Catarina – fazia um pedido formal para a troca do nome Museu Casa – Victor Meirelles na lista telefônica de assinantes para Museu Victor Meirelles.

nacional. Deixando, em segundo plano, sua ligação como artista do império, formador de representações nacionais monarquistas.

Além disso, alguns projetos educacionais (que veremos posteriormente) foram desenvolvidos pelo Museu visando ampliar a gama de significações da obra e do artista, colocando-o em diálogo com novos pares, que a partir daí abrem caminho para mostrar um Victor Meirelles artista.

Foi pintada na empena cega a casa uma releitura da obra de Victor Meirelles a “Primeira Missa no Brasil”, executado por Marcos Bento.

Para a primeira Exposição Temporária no novo espaço térreo, concebido especialmente para estas mostras, foi escolhido o pintor moderno catarinense, Martinho de Haro.

Figura 21 – Execução da releitura da “Primeira Missa no Brasil” de Marco Bento



Fonte: Fotografia de Lourdes Rossetto (1993). Arquivo Digital do MVM.

A mudança de tipologia fez com que o Museu passasse a partir do “Projeto Victor Meirelles” de um Museu Casa Natal (que dava ênfase a um artista e representante de uma tradição artística) para um museu de arte, o Museu Victor Meirelles, que pretendia apresentar, em um primeiro momento, uma História da Arte, e depois fazer parte dela. Apresentando o artista e seu

método de trabalho desvinculado do discurso do “Projeto Civilizatório” (monarquista).

Com a revitalização, a instituição pensa-se em tornar-se um centro de pesquisa mais amplo sobre a arte brasileira, tendo como objetivo dialogar acerca da vida e obra de Victor Meirelles e contribuir para ampliar o conhecimento e a reflexão do fazer e do pensar artístico contemporâneo.

3.2 PROJETOS CULTURAIS E EDUCATIVOS

A equipe do Museu criou, a partir de 1994, um programa de ação educativa que desenvolveu diversos projetos como: o “Museu vai à Escola/ Escola vai ao Museu”, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, visando atender alunos e professores das redes pública e privada, fomentando o estudo da vida e obra de Victor Meirelles e da arte contemporânea; o projeto “Vi Vendo Victor Meirelles”, um *kit* de empréstimo itinerante no formato de uma mala³¹ com o desafio de difundir e divulgar a produção e a vida de Victor Meirelles; “Victor em Jogo” que, através de uma abordagem lúdica, propicia a criação de histórias coletivas que começam com: “Era uma vez um pintor chamado Victor Meirelles....”.

Para o desenvolvimento desses programas, o Museu precisou contar com o auxílio de profissionais que foram cedidos pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Em 2009 foi desenvolvido o “Dossiê Educativo” para os professores (impresso e disponível digitalmente para interessados) que tinha como objetivo contribuir no aproveitamento da visita ao Museu.

Os projetos educativos aqui relacionados são desenvolvidos até hoje e, na sua maioria, são aplicados em ocasiões específicas, mediante agendamentos³².

³¹ Em 2003 foram confeccionados 10 exemplares em caixas de madeira e 2009 mais 5 em sacolas de tecido. Esses *kits* contêm: reproduções fotográficas das obras, transparências, CD-Rom, e fichas explicativas.

³² Agendamentos por telefone e eletronicamente. Informações obtidas em entrevista com Simone Moura (profissional responsável pelas ações educativas) e pesquisa no site do MVM (www.museuvictormeirelles.museus.gov.br/educativo).

Em 2002 foi implantado o Projeto Agenda Cultural³³ que inclui mostras de vídeos, palestras, cursos, seminários, oficinas teóricas e práticas sobre arte, lançamento de revistas, encontro com artistas, exibição de filmes, apresentação teatral, musical e etc, utilizando os espaços expositivos do Museu, a sala multiusos e o largo Victor Meirelles. A viabilização do Projeto Agenda Cultural foi possível por meio de parcerias com a iniciativa privada³⁴.

Outra parceria importante foi feita com a Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, que possibilitou a entrada de estagiários no Museu, na sua maioria do curso de Artes Visuais (Licenciatura e Bacharelado). Essa parceria oportunizou discussões, curadorias, ideias e realizações de uma diversificada ação cultural relacionada à arte contemporânea.

A partir de 2006, com o objetivo de difundir o conhecimento sobre a vida e a obra de Victor Meirelles, se efetivou o projeto “Victor Meirelles - Memória e Documentação”³⁵. Esse projeto foi selecionado no ano de 2006/2007, no Edital Programa Petrobras Cultural, por meio de lei de incentivo à cultura do Ministério da Cultura. Em 2009 foi publicado o livro “Victor Meirelles - Novas Leituras” que é parte do resultado deste projeto.

Ainda em 2006 foi criada a Revista do Programa de Exposições do Museu Victor Meirelles, uma revista eletrônica³⁶ denominada “Um Ponto e Outro”, fruto de discussões do grupo de estudos homônimo que desenvolveu suas atividades no Museu Victor Meirelles de outubro de 2006 a outubro de 2007. A primeira edição impressa da revista, dedicada ao artista José Leonilson, data de novembro de 2009. A proposta da revista consiste em reflexões sobre as exposições do Museu, com o objetivo de tornar visíveis e acessíveis “as trocas e reflexões provenientes deste exercício crítico de pensar, debater e

³³ Toda a extensa programação, de mais de 10 anos, do Projeto Agenda Cultural encontra-se no site do MVM em www.museuvictormeirelles.museu.gov.br/agenda-cultural/

³⁴ Entre 2002 e 2006 o projeto foi patrocinado pela Caixa Econômica Federal lei municipal de incentivo à cultura; entre 2008 e 2013 pela Tractebel energia através de lei federal de incentivo à cultura.

³⁵ Concepção do projeto Lourdes Rossetto e Maria Inez Turazzi.

³⁶ As revistas “Um Ponto e Outro” podem ser acessadas no site: <http://museuvictormeirelles.museu.gov.br/um-ponto-e-outro/>

escrever sobre os discursos expositivos” (UM PONTO E OUTRO 2009).

O primeiro Plano Museológico do Museu Victor Meirelles foi elaborado em 2008 pela equipe do Museu. Tinha como objetivo atender à portaria nº1, de 5 de julho de 2006, que instituiu a obrigatoriedade do Plano para as instituições ligadas ao Departamento de Museus, DEMU; ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN e ao Ministério da Cultura, MinC.

O Plano Museológico, para os museus, constitui uma oportunidade para direcionar ações, avaliar pontos fortes e fracos, riscos e oportunidades, uma ferramenta para melhor conhecimento da instituição e um mecanismo para embasar e desenvolver os programas e projetos futuros.

Em 2009 com a criação do IBRAM, o Instituto Brasileiro de Museus³⁷, o Museu Victor Meirelles deixa de ser vinculado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e passa para esse novo órgão, criado especialmente para fomento dos museus federais.

A partir do primeiro Plano seguem-se atualizações até 2012. As atualizações do Plano Museológico, em especial a do ano de 2012, vieram redefinir práticas e modos de atuar do Museu Victor Meirelles (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

A partir de 2010 o Museu aumentou o seu quadro de funcionários. Atualmente seus servidores são: Lourdes Rossetto - diretora (assimilada do Iphan em 2009 - desde 1991 no Museu), Ana Viegas - chefe de serviço substituta, fotógrafa (transferida da Cinemateca Brasileira, São Paulo, em 2010), Rafael Muniz de Moura - museólogo (concursado em 2010), Simone Rolim de

³⁷ O Instituto Brasileiro de Museus foi criado, em janeiro de 2009, com a assinatura da Lei nº 11.906. A nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) sucedeu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais. O órgão é responsável pela Política Nacional de Museus (PNM) e pela melhoria dos serviços do setor – aumento de visitação e arrecadação dos museus, fomento de políticas de aquisição e preservação de acervos e criação de ações integradas entre os museus brasileiros. É responsável pela administração direta de 29 museus (site do IBRAM, www.museus.gov.br).

Moura - responsável pelas ações educativas (concursada em 2010), Anderson Loureiro - assessoria de comunicação (assimilado do Iphan em 2009), Ruth Correa - administrativo (transferida da Eletrosul, Florianópolis, em 2010 - desde 1998 como voluntária) Bettina Collaro Goerlich de Lourenço - arquitetura (transferida da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, em 2011) Marcelo Leal - ação cultural (transferido da extinta Representação do MinC em Florianópolis, em 2016), Gabriela Massotti - administrativo (transferido da extinta Representação do MinC em Florianópolis, em 2016), Norma Coutinho - chefe de serviço, administrativo (transferida da extinta Representação do MinC em São Luis, MA, em 2016), Rita Coitinho - ação cultural e pesquisa - Claudia Klock - assessoria de comunicação, jornalista (removida do Museu da Inconfidência/Ibram). Funcionários terceirizados em Informática - Michael Duarte (Stefanini), Limpeza - Denise (Fama), Vigilância diurna - Aline, Darcila, Luiz, Carlos Jaques (Adservig), Vigilância noturna - Valdeci, Célio, Carlos Gonçalves, Roberto (Adservig), Recepção - Pablo, Flávio (Liderança) e quatro vagas para estagiários³⁸.

Dentre as ações educativas estabelecidas no Plano Museológico do Museu, além daquelas já citadas, há visitas mediadas, direcionadas a grupos escolares que são realizadas com agendamento prévio, atendimento a visitantes espontâneos (que não necessitam de marcação prévia). As visitas mediadas agendadas possuem as seguintes modalidades: visita panorâmica, visita à Exposição Temporária, visita com materiais lúdicos, apresentação de vídeos do Museu, visita com oficina e “Caminhando sobre a Desterro de hoje”. Outra ação educativa implementada é o Projeto de Inclusão Sociocultural, que tem como objetivo ampliar e diversificar o perfil de visitantes do Museu, buscando uma atuação mais próxima com organizações não governamentais, associações, asilos, dentre outros (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

Atualmente a casa e o anexo do Museu Victor Meirelles passam, depois de 22 anos, por novas obras de reforma e ampliação (com início em abril do ano de 2016). O “Projeto de Reabilitação e Revitalização do Largo Victor Meirelles”, do

³⁸ Todos os dados relacionados ao quadro de pessoal foram fornecidos pelo museólogo da instituição.

arquiteto suíço Peter Widmer propõe a articulação dos dois espaços, a casa histórica e o prédio ao lado (o anexo), prevê acessibilidade total da construção, harmonia com o entorno e a revitalização urbana da área. Os recursos são oriundos do IPHAN, que é o responsável pela guarda do edifício histórico desde o seu tombamento em 1950, e somam a quantia de 3, 2 milhões de reais.

Figura 22 - Projeto de Revitalização do Museu Victor Meirelles, fachada



Fonte: Arquivo documental do Museu Victor Meirelles.

Figura 23 - Projeto de Revitalização do Museu Victor Meirelles, lateral



Fonte: Arquivo documental do Museu Victor Meirelles.

Figura 24 - Piso térreo, sala de exposição em reforma



Fonte: Arquivo digital MVM. Foto de Ana Viegas (2016).

Como consequência dessa grande reforma, todo o acervo e a área administrativa do Museu foram deslocados, temporariamente, para uma casa alugada na rua Rafael Bandeira número 41, no centro de Florianópolis.

A trajetória do Museu, desde sua fundação, indica a preocupação em valorizar o acervo e o artista que, mesmo tendo vivido apenas 14 anos na atual Florianópolis, é considerado um importante pintor catarinense no campo das artes do século XIX. A partir da reinauguração e do “Projeto Victor Meirelles”, em 1994, o Museu configura-se diferente do que era, apresentando outra abordagem, passa a dar ênfase ao artista Victor Meirelles. Adotando uma narrativa artística, não mais histórica, para a construção acerca do pintor, possibilitando que o artista e seus trabalhos sejam colocados não mais como representante de um estilo (acadêmico) e da fundação do “Brasil-nação”, mas sim, como um artista ponto de partida da história da arte nacional e catarinense junto aos pares modernos, e logo, aos contemporâneos que fomentaram a cena artística e cultural nacional e local.

Como o Museu passa a se afirmar como um museu de arte, para além da obra de Victor Meirelles, incluindo as Exposições Temporárias que apresentam e possibilitam discussões sobre a arte moderna e contemporânea abordaremos a seguir o seu acervo inaugural, as doações e a formação da Coleção XX/XXI.

3.3 O ACERVO DO MUSEU VICTOR MEIRELLES

Os percursos dos objetos, segundo José Reginaldo Gonçalves, interessam na medida em que nos dão pistas para entender a dinâmica da vida social e, por fazerem parte da nossa vida, são separados e classificados em categorias. Colecionados e expostos, os objetos influem na nossa vida. Mais do que representar algum fato ou evento, os objetos organizam e dão sentido à vida social. Esses objetos circulam permanentemente e importa acompanhar suas trajetórias em diferentes contextos (GONÇALVES, 2007).

Figura 25 – Victor Meirelles (1832- 1903): Vista do Desterro – atual Florianópolis, c.1851



VICTOR MEIRELLES (1832-1903): *Vista do Desterro - atual Florianópolis*, c. 1851.
Óleo sobre tela, 78,2 x 120 cm.

Florianópolis/SC, Acervo do Museu Victor Meirelles.

Fonte: <http://www.museuvictormeirelles.org.br>

Fonte: Acervo do MVM.

A interpretação antropológica de quaisquer formas de vida social e cultural passa necessariamente pela descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais. Não apenas pelas razões evidentes de que esses objetos preenchem funções práticas indispensáveis, mas, especialmente, porque eles desempenham funções simbólicas que, na verdade, são pré-condições estruturais para o exercício das primeiras (GONÇALVES, 2007, p. 8).

O processo de deslocamento dos objetos pressupõe o colecionismo, toda a coletividade humana possui alguma atividade relacionada ao colecionamento. Para toda coleção imaginam-se situações sociais como produção, circulação e consumo de objetos, de ideias, de valores, de conhecimento.

Vale lembrar que as coleções do acervo do Museu Victor Meirelles e suas obras já possuem um *status* e, enquanto objetos de arte são parte de um sistema de símbolos que já foram

selecionados dentro de um sistema de comunicação. Ter um trabalho dentro do acervo de um museu legitima o trabalho como arte, atribui e agrega valor à obra e ao artista que a assina. Os museus como espaços culturais dedicados fundamentalmente à cultura material, dependem dos acervos para serem museus e, participam ativamente do processo de construção simbólica da sociedade, pois reforçam as trocas e a construção de significados sociais. Os critérios adotados para a construção dos acervos definem diretrizes políticas importantes do processo de afirmação tanto do museu como dos artistas envolvidos. Fazer parte de uma coleção museológica é só um momento do objeto na sua vida social, mas, com certeza, um momento especial onde ele é reclassificado e transformado (GONÇALVES, 2007).

Figura 26 - Exposição Fayga Ostrower



Fonte: Arquivo digital do MVM. Foto de Ana Viegas (2010).

O acervo do Museu Victor Meirelles é constituído por duas coleções: a Coleção Victor Meirelles e a Coleção XX/XXI (referência às obras pertencentes aos séculos vinte, vinte e um).

É importante diferenciarmos “coleção” de “acervo”, pois em muitos casos são tidos como termos sinônimos e neste trabalho são utilizados de modos distintos. Uma coleção, resumidamente, é um conjunto de objetos materiais ou imateriais que um

indivíduo ou um estabelecimento se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro, e frequentemente mostrada a um público. Acervo refere-se a bens culturais de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que compõem o campo documental de determinado museu, estando ou não cadastrados na instituição. Mas é, ainda, o “conjunto de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu” (NASCIMENTO; TOLENTINO; CHAGAS, 2006, p. 149).

Os museus e seus acervos convêm mencionar, promovem também o esquecimento, na medida em que, quando se escolhe alguns objetos ou obras de arte em detrimento de outros para formar suas coleções, a parcela não escolhida fica de fora. O ato de escolher é eletivo por definição. No caso das obras das coleções do MVM, por exemplo, elas possuem um fator determinante de escolha, já que, na sua grande maioria, elas foram recebidas em forma de doações. O acervo do MVM foi basicamente composto por doações de obras vindas tanto de outros museus quanto de acervos de artistas e particulares.

No primeiro momento de constituição do Museu Casa Natal – Victor Meirelles (1952) as doações vieram do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e foram escolhas que não “comprometeram” o acervo desse museu. Rodrigo de Melo Franco de Andrade diretor do SPHAN deixa claro na carta enviada ao diretor do MNBA (Oswaldo Teixeira) quando do pedido para cessão de obras:

[...] só desejo a obtenção dos trabalhos do mestre catarinense pertencentes ao MNBA se o senhor concordar em nos atender, sem constrangimento. Nem eu aceitaria a eventualidade de causar prejuízo ao patrimônio deste Museu em proveito de empreendimentos nossos, nem tão pouco a de lhe causar qualquer contrariedade (CARTA DE RODRIGO DE MELO FRANCO A OSWALDO TEIXEIRA apud VOGEL, 2002, p. 32).

De modo que foram enviados trabalhos como os esboços, exercícios, estudos, trabalhos de menores dimensões, temas

históricos menos relevantes, como paisagem ou estudo de costumes, por exemplo.

Depois com o “Projeto Victor Meirelles”, em 1994, quando da implantação das Exposições Temporárias (ExT), a ampliação do seu acervo aconteceu como consequência das mudanças de conduta. Os artistas, na maioria das vezes, quando das mostras fazem doações de alguma obra que participou da exposição, constituindo a partir daí a Coleção XX/XXI.

A doação continuou sendo a principal forma de aquisição, resultado de todo um processo de escolha que antecede a exposição, como os convites diretos a artistas para expor, escolhas através de comissão (como por exemplo, no caso de editais) e os projetos que promovem o diálogo com o artista da casa, em exposições coletivas ou individuais. Uma espécie de procedimento de cooperação mútua adotado entre artista e museu, onde os dois ganham. Se o museu precisa ter um acervo (relevante) para ser considerado um (bom) museu, o artista precisa ter seu trabalho fazendo parte de acervos de museus para ter maior legitimidade no circuito especializado. Interessa a ambos fortalecer a estrutura de modo a garantir uma maior consistência da rede simbólica da qual participam e constroem, uma vez que legitima tanto o museu quanto o artista.

O acervo do Museu Victor Meirelles é dividido por tipologias documentais: acervo museológico, acervo bibliográfico e acervo arquivístico. Composto o Acervo Museológico da instituição há duas coleções: a Coleção Victor Meirelles e a Coleção XX/XXI (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

Segundo o inventário realizado pelo museólogo, Rafael Muniz de Moura, em dezembro de 2015, o acervo contabilizou um total de 185 obras entre as duas coleções. Algumas das obras relacionadas no inventário foram emprestadas e se encontram no Museu Nacional de Belas Artes, pois existem políticas de cooperação e trânsito de obras entre os dois museus.

A Coleção inaugural do Museu Casa Natal-Victor Meirelles, denominada Coleção Victor Meirelles foi constituída por transferência-cessão³⁹ do Museu Nacional de Belas Artes.

³⁹ Toda coleção inaugural foi transferida por cessão/cedida (emprestada) por processo número 36.942/51 de 18 e 28/03/1951

Toda a Coleção Victor Meirelles (que já era acervo) estava no Museu como um empréstimo, o ato de transferência definitiva para o Museu Victor Meirelles só aconteceu em 18 de agosto de 2017. Essa coleção possui hoje cerca de 70 trabalhos originais de Victor Meirelles (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 15) em várias técnicas como óleo, aquarela, desenhos, estudos, esboços a lápis sobre papel e fotografias, além de trabalhos de professores e alunos do artista, monografias, recortes de jornais e fotografias relacionados à sua vida e obra, segundo uma determinada narrativa. Foram estabelecidos alguns critérios de seleção para essa primeira escolha de obras, tais como optar por material de que o MNBA dispunha equivalente em seu acervo e dar preferência às obras e/ou estudos que definissem etapas importantes do artista. Essas sugestões foram feitas por Rodrigo de Melo Franco Andrade, diretor e fundador do SPHAN por carta (anteriormente mencionada) enviada ao diretor do MNBA. Lembrando que o Estado Novo e as políticas preservacionistas chamavam para si a responsabilidade da construção da narrativa nacional que melhor interessava ao contexto da época.

Em 2006, o projeto “Victor Meirelles – Memória e Documentação (Projeto VM–MD)” realizou a catalogação da obra do artista através de uma pesquisa visual, histórica e crítica sobre o acervo do Museu e também outros acervos públicos e coleções particulares. Esse estudo abriu novas perspectivas sobre a obra e atualizou as referências sobre o artista, recuperou informações e pesquisou testemunhos documentais, isso tudo reforça a nova narrativa, onde o pintor é antes de qualquer coisa, colocado a serviço da construção de um museu de arte.

Em 2008, como um dos resultados deste projeto foi implantado um Banco de Dados e Imagens (BDI) e disponibilizado no site do Museu sobre a Coleção Victor Meirelles. Também foi realizada uma revisão historiográfica da constituição do acervo inicial/inaugural. E, em 2009, foi publicado o livro “Victor Meirelles – Novas Leituras” que trata da vida e da obra do artista relacionando-as criticamente ao contexto histórico da época e seus desdobramentos na atualidade, onde vários profissionais historiadores, historiadores da arte, arquitetos,

museólogos compartilham o resultado de suas pesquisas (ROSSETTO, 2009).

O primeiro conjunto de trabalhos da Coleção Victor Meirelles foi o seguinte:

13 estudos em papel, uma aquarela e 7 óleos sobre tela:

– óleos: “Morta”, “Cabeça de Velho”, “Felipe Camarão” e “Oficial Holandês Caído” (todos estudo para batalha dos Guararapes) “Estudo de Capacete”, “Estudo de Trajes” e “Barranco”;

– desenhos a lápis: “Vista de *Ronciglione*”, “Estudo de Paisagem”, 1 quadro com “Estudo de Panejamento” (3 obras na mesma moldura); “Estudo de Navios” para a Batalha dos Guararapes (11 estudos, não se sabe como veio emoldurado), “Estudo de Pernas para a 1ª Missa”, “Grupo de Mulheres Assistindo a uma Solenidade” ou “Estudo de Tipos Populares” (dois nomes para mesma obra), “Estudo de homem caído visto de costas” ou “Estudo para Combate Naval do Riachuelo” (outro nome para mesmo trabalho), “Estudo de mãos” (4 estudos), “Estudo de botas” e “Estudo para Batalha dos Guararapes”;

– aquarela: 1 quadro com “Estudo de Traje Italiano” 8 aquarelas na mesma moldura⁴⁰

Depois, em 1960, são acrescentados cinco trabalhos vindos também do MNBA: “Batalha do Riachuelo” (esboço), “Batalha dos Guararapes” (esboço), “Passagem de Humaitá” (estudo), “A Invocação” (esboço), “Cabeça de Moça” (estudo).

⁴⁰ Arquivos do MVM. Pesquisadora: Leticia Bauer. Projeto Victor Meirelles-Memória e Documentação, 2006-2009.

Figura 27 - Victor Meirelles, "Felipe Camarão", circa 1874-1878



Fonte: Acervo MVM. Foto Eduardo Marques.

Figura 28 - Victor Meirelles, "Cabeça de Mulher", s/data



Fonte: Acervo MVM. Foto Eduardo Marques.

A Coleção Victor Meirelles teve novos acréscimos, através de doações, como: a “Vista Parcial de Desterro”, em 1952, doação do embaixador Edmundo Luiz Pinto e, em 1970 a família do Almirante Lucas Boiteux doou:

- desenho aquarelado: “Vista do Largo do Palácio da Desterro” (um original de Victor Meirelles menino);
- desenhos a lápis sobre papel: “Croquis da Batalha dos Guararapes”, “Grupo de soldados em combate”, “Estudo de braço de soldado caído”, “Estudo de braço caído”, “Estudo de mãos”, “Estudo de braço caído” (mão fechada, mão aberta);
- retratos: “Retrato de Victor Meirelles” aquarela, assinado por Pedro Peres, “Retrato de Victor Meirelles” litografia;
- monografia de José Leão;
- Livro que pertenceu a Victor Meirelles, de 1879;
- fotografias: “Outra vista de Desterro”, “Batalha dos Guararapes”, 2 fotos da casa natal de Victor Meirelles, fotografia de árvore (tida como o modelo da árvore para o quadro “Primeira Missa no Brasil”), fotografia de Victor Meirelles de perfil (assinada por ele mesmo);
- recortes de revistas: Ilustração Brasileira de 1927 e outros vários recortes de jornais e revistas que mencionam o artista⁴¹

⁴¹ Lista de doações pesquisada nos Arquivos Administrativos do MVM.

Figura 29 - “Vista Parcial de Desterro”, cerca de 1849. Aquarela sobre papel 17,2 x 35,8 cm doação de Edmundo Luiz Pinto



Fonte: Acervo MVM, reprodução fotográfica de Eduardo Marques (2002). Arquivo digital de MVM.

Toda a Coleção Victor Meirelles, na década de 1970, foi encaminhada para o laboratório de restauro do SPHAN em São Paulo, aos cuidados do professor Edson Motta⁴² para revisão e ações preventivas de conservação.

Outro acréscimo ao acervo foi a “Vista do Desterro, atual Florianópolis”, cerca de 1851 (Óleo sobre tela 71,7 x 119,2 cm). A aquisição foi resultado da troca de serviços de restauro executados pelo IPHAN nos retábulos da igreja da Irmandade Beneficente Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em Florianópolis, em 2000.

Esta coleção foi tema de pesquisa, também, em 2005, no Projeto “Obra em Perspectiva”. O Projeto estava relacionado à curadoria de Paulo Roberto de Oliveira Reis para a exposição de longa duração “Victor Meirelles - Construção”. A partir da escolha de algumas obras foram produzidos textos a respeito delas por diversos pesquisadores do campo das artes, os textos

⁴² Edson Motta: artista mineiro, aluno e professor da Escola Nacional de Belas Artes, restaurador, organizador e diretor do setor de Recuperação e Restauro do SPHAN de 1946 a 1976 (MOREIRA, 2012, p. 33-34).

construídos entre 2005 e 2009 foram colocados junto às obras em exposição (ROSSETTO, 2009).

A exposição de longa duração “Victor Meirelles - Construção”, de curadoria⁴³ de Paulo R. O. Reis tinha como um de seus objetivos mostrar um panorama da produção do artista e possibilitar uma visão da arte brasileira do século XIX. O conceito geral da curadoria, apresentado em dois núcleos, partiu de dois eixos distintos e complementares: a “Construção do olhar” - aprendizado do desenho, as viagens de estudos, o sistema de ensino de artes, da época - e a “Construção da brasilidade” - ou seja, a busca da “brasilidade” no Segundo Reinado, a história como dado exemplar, o índio como elemento fundador da nação (ROSSETTO, 2005).

Junto a esta curadoria Paulo Reis apresenta os “Diálogos com a Desterro” que propunha uma aproximação entre as paisagens da cidade de Florianópolis realizadas por Victor Meirelles e outros artistas contemporâneos que trouxessem uma discussão sobre a paisagem e a cidade. Os artistas que participaram das mostras foram escolhidos em conjunto, formado pelo curador, direção do Museu e encarregados da Agenda Cultural. Essas duas propostas de mostra reforçam a nova conduta ou nova narrativa adotada pelo Museu, onde o artista Victor Meirelles é colocado ao lado de artistas contemporâneos, ressignificando, ou atualizando seu trabalho, e enfatizando sua localidade (em “Diálogos com a Desterro”) e, como representante de um momento da arte brasileira e catarinense (em “Construção do Olhar”)

Diferentemente da Coleção Victor Meirelles, a Coleção XX/XXI do acervo museológico do MVM começou a se formar a partir da reinauguração em agosto de 1994. Nesse momento o Museu, além de ser um museu que homenageia o pintor Victor

⁴³ Curadoria: os percursos e definições de curadoria em museologia são amplos e diversificados. Utilizamos aqui o termo curadoria no sentido que expõe Maria Cristina Bruno, em que a autora indica que os termos “curadoria e curador têm sido utilizados com frequência e de forma restrita para indicar o tipo de trabalho e o perfil do protagonista, inerentes à concepção de discursos expositivos, ou seja: a realização de uma exposição depende do domínio sobre os acervos e coleções, da potencialidade de seleção e da capacidade de elaboração de hipóteses para a constituição de discursos expositivos” (BRUNO, 2008, p. 8).

Meirelles, tem a intenção de se firmar como um museu de arte, com objetivo de ampliar sua atuação neste campo.

A partir da reforma estrutural e conceitual no âmbito do já citado “Projeto Victor Meirelles”, inicia-se uma série de exposições temporárias de arte moderna e contemporânea, inicialmente, na sua maioria de artistas catarinense ou que produzem em Santa Catarina. Essas mostras eram e, continuam a ser, concebidas a partir de escolhas feitas pelos integrantes do Museu; da Associação Amigos do Museu Victor Meirelles; parcerias com fundações e instituições e editais. Nesses quase 25 anos de Exposições Temporárias foram realizadas mais de 122 mostras.

As doações agora têm origens mais variadas e passam a ser feitas principalmente pelos próprios artistas expositores que participaram das mostras⁴⁴, a Coleção XX/XXI conta com aproximadamente 107 obras (em constante acréscimo) entre pinturas, desenhos, gravuras, vídeo arte, fotografias e objetos. Este acervo está listado no Inventário Geral do Museu em arquivo digital extensão.xls e em fichas catalográficas com cópia em arquivo em extensão.docx (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 15-16).

As aquisições do Museu ao seu acervo museológico através de doação, em geral, não possuem critérios pré-estabelecidos. Normalmente, o artista ou a instituição que participaram de exposições doam um trabalho que fez parte da mostra. Por exemplo, foram doadas, em 2010, seis obras de Fayga Ostrower (entre serigrafia, xilogravura e litogravura), cinco vídeos de Rosângela Rennó em 2011 e 19 desenhos de Luiz Rodolfo Annes em 2008, já a primeira Exposição Temporária, em 1994, do artista catarinense Martinho de Haro, não resultou em nenhuma doação ao Museu.

Em novembro de 2011 cria-se um grupo de estudos sobre Política de Acervos. Este grupo foi responsável pela redação da Minuta Nº 1 de 20 de setembro de 2012 que reuniu diretrizes gerais para a conceituação e o gerenciamento dos acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos da instituição. Os principais objetivos do grupo consistiam em fundamentar, definir

⁴⁴ No ato da doação, o Museu solicita que seja preenchido um Termo de Doação, mas nem todos os trabalhos doados à instituição possuem tal termo.

e elaborar critérios de aquisição, preservação, pesquisa, comunicação, gerenciamento e descarte de bens culturais e do acervo museológico do Museu. Além disso, o grupo se propôs a iniciar a organização dos acervos em coleções, definindo sua classificação, seus fundamentos conceituais e seus objetivos. A intenção do grupo, ainda, era dispor para a sociedade um documento público que demonstrasse a abordagem do MVM sobre seus acervos (POLÍTICA DE ACERVOS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES, 2012).

Segundo Rafael Muniz aconteceram 22 encontros de estudos desse grupo e uma apresentação no 5º Fórum Nacional de Museus. Foram realizados três seminários, nos anos de 2012, 2014 e 2016, além da criação da revista eletrônica “Ventilando Acervos”⁴⁵, cujo primeiro volume foi lançado em novembro de 2013. Todas essas ações, em conjunto, pretendiam iniciar o processo de construção da Política de Acervos do MVM. No 1º Seminário de Política de Acervos foi elaborada uma minuta que definiu objetivos, referencial teórico, diretrizes gerais de aquisição e descarte, comissão de avaliação de acervos e estudo do acervo museológico. Além disso, foram elaboradas pelos participantes desse primeiro seminário, sugestões por escrito que contribuíssem para essa política.

Atualmente, o Museu estuda qual sistema de gerenciamento de acervo será utilizado e ainda não foi dada continuidade aos trabalhos referentes ao desenvolvimento da Política de Acervos para o Museu (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 15-16).

Estudaremos as Exposições Temporárias do MVM nos próximos capítulos, para reconhecer a importância das exposições museológicas na socialização e difusão de um conhecimento intelectual, avaliar o seu envolvimento junto à sociedade, a amplificação da divulgação de seu patrimônio e como foram responsáveis por mudanças de conduta do Museu Casa Natal Victor Meirelles (que por 40 anos - 1952-1990 tinha uma exposição de longa duração “permanente” de obras do pintor Victor Meirelles) para o atual Museu Victor Meirelles que pretende através de seu trabalho difundir e discutir questões contemporâneas nas artes.

⁴⁵Endereço eletrônico:<http://ventilandoacervos.museus.gov.br/>.

4 EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS NO MUSEU VÍCTOR MEIRELLES

Figura 30 - Exposição “Desenhos e Aquarelas Aldo Beck”, 1997. No “Encontro com o artista”



Fonte: Arquivo digital do MVM.

O Museu passou por mudanças estruturais e conceituais em 1994 com o “Projeto Victor Meirelles” (já mencionado) e, desde então, propõe, segundo o Plano Museológico, “estimular a reflexão e a experimentação no campo das artes, do patrimônio e do pensamento contemporâneo” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

A primeira Exposição Temporária realizada foi do artista acadêmico, do século XX, com trajetória semelhante à de Victor Meirelles: Martinho de Haro. As escolhas iniciais das mostras foram fundadas nas perspectivas da história da arte e trouxeram artistas catarinenses, em sua maioria. As Ext começaram exclusivamente por convites a artistas, familiares e instituições para depois acontecerem, bimestralmente selecionadas por edital público, por processos curatoriais internos, convites e parcerias. Em 2002 foi implementado o projeto Agenda Cultural, que divulga e amplifica as exposições e as ações educativas e culturais do Museu junto ao público. Ações anuais como a

Semana de Museus, a Primavera dos Museus e homenagens ao nascimento e morte de Victor Meirelles também são organizados e divulgados pela Agenda Cultural.

Segundo o Plano Museológico de 2012:

As Exposições Temporárias do MVM são realizadas bimestralmente e costumam compreender: - mostras de arte contemporânea, selecionadas através de edital público, cuja comissão é formada por sete membros - exibição, através de convite, de obras e/ou de coleções de outros acervos que não pertencem ao museu - exposições que dialogam, utilizando outros acervos públicos ou privados e o acervo da instituição - exposições itinerantes, de outras instituições, que encontram no MVM espaço para a sua exibição - exposições de curta duração, de uma semana no intervalo entre as Exposições Temporárias (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012, p. 21-22).

As exposições museológicas costumam ser divididas em exposições de longa duração - normalmente elaboradas com o acervo do próprio museu e com temática condizente à missão e aos objetivos da instituição; em exposições “temporárias” - que podem ser de média ou de curta duração são mais abertas em relação a sua temática e tipo de coleção, podendo ser do próprio museu, de outras instituições ou parcerias; e as “itinerantes”, que são pensadas e preparadas para circular em vários locais. Também podem ser produzidas a partir do acervo da casa e coleções⁴⁶ de terceiros com curadoria (escolhas) do próprio museu, a partir de convites diretos para os artistas ou através de um processo seletivo mais amplo, os editais públicos.

Embora tenhamos pesquisado nos arquivos o conjunto das Exposições Temporárias nesses 20 anos, selecionamos algumas exposições que julgamos serem determinantes para mostrar as

⁴⁶ As coleções nos museus podem ser divididas em: coleção em exposição, coleção em estudo e coleção na reserva (normalmente situadas em um espaço específico reservado e apropriado de guarda que sejam ótimos para sua conservação, a Reserva Técnica).

mudanças de conduta e a ressignificação do artista Victor Meirelles depois de 1994.

Para uma melhor visualização, a partir dessas escolhas, dividimos as Exposições Temporárias em cinco grupos, com a intenção de melhor entendimento das novas práticas no MVM.

O primeiro grupo apresenta as primeiras mostras que aconteceram no piso térreo do MVM, onde a instituição manteve, em linhas gerais, um padrão de exposição na linha mais tradicional da História da Arte, trabalhando com artistas modernistas conhecidos, locais, com temática voltada para a cidade. O segundo grupo exemplifica uma das estratégias desenvolvidas para execução e manutenção das ExT. Uma série de parcerias com outras instituições como: o Museu Nacional de Belas Artes, museus estaduais e federais, a exemplo o Marquês (museu da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC). O terceiro conjunto de exposições selecionadas oferece um panorama das ExT que inauguraram o contemporâneo no Museu, contemporâneo no sentido da arte produzida no tempo presente e enquanto estilo artístico. O quarto representa uma etapa do projeto de revitalização o “Projeto Victor Meirelles” que logo foi implementada depois da reinauguração, onde as escolhas das ExT começaram a serem feitas através de uma comissão encarregada de selecionar dentre participantes de uma chamada pública para expor, um edital. O quinto e último grupo apresenta três exposições, duas delas comemorativas, que mostra uma curadoria preocupada em divulgar grande parte do acervo da instituição.

4.1 AS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Se a tradição museológica do MVM até então priorizava e trabalhava exclusivamente com um artista iconizado pelo Império, em 1994 o MVM abre as portas para uma primeira Exposição Temporária com um artista Modernista. O artista escolhido foi Martinho de Haro, com a exposição “Martinho de Haro na casa de Victor Meirelles” aconteceu (na reabertura do Museu) em 18 de agosto. O artista Martinho de Haro (1907-1985), catarinense, pintor, desenhista e muralista iniciou na pintura em Lages, expôs pela primeira vez em Florianópolis em 1926. Foi bolsista do governo catarinense, estudou na Escola Nacional de Belas Artes entre 1927 e 1937, fez estágio de

estudos na França, trabalhou com Eliseu Visconti (aluno de Victor Meirelles) na pintura do pano de fundo do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, participou do Salão da Escola de Belas Artes (antes Exposições Gerais da AIBA) agora organizado por Lúcio Costa. As obras de Martinho de Haro que participaram da ExT eram da coleção particular de Rodrigo de Haro seu filho, e também pintor. A mostra ocupou o espaço térreo do museu na sua nova estrutura funcional, dando visibilidade ao artista moderno catarinense.

Figura 31 – pintura de Martinho de Haro



Fonte: Reprodução fotográfica de autoria desconhecida. Disponível na Enciclopédia Itaú Cultural.

Antes deste momento, as exposições do Museu permaneceram praticamente inalteradas por 42 anos, com todas as obras da coleção expostas nos dois pavimentos da casa. As ações para essa reabertura foram significativas. Como já mencionado no segundo capítulo, nos Arquivos Administrativos encontramos uma série de ofícios dirigidos a diferentes órgãos municipais e estaduais com solicitações como policiamento especial, fechamento da rua onde está situado o Museu, verbas para o coquetel de abertura, empréstimo de mobiliário para o conforto dos convidados, convites oficiais e “notas” em jornais,

divulgação/ comunicação interna (articulação visando execução do Projeto Victor Meirelles) e externa (visando o público).

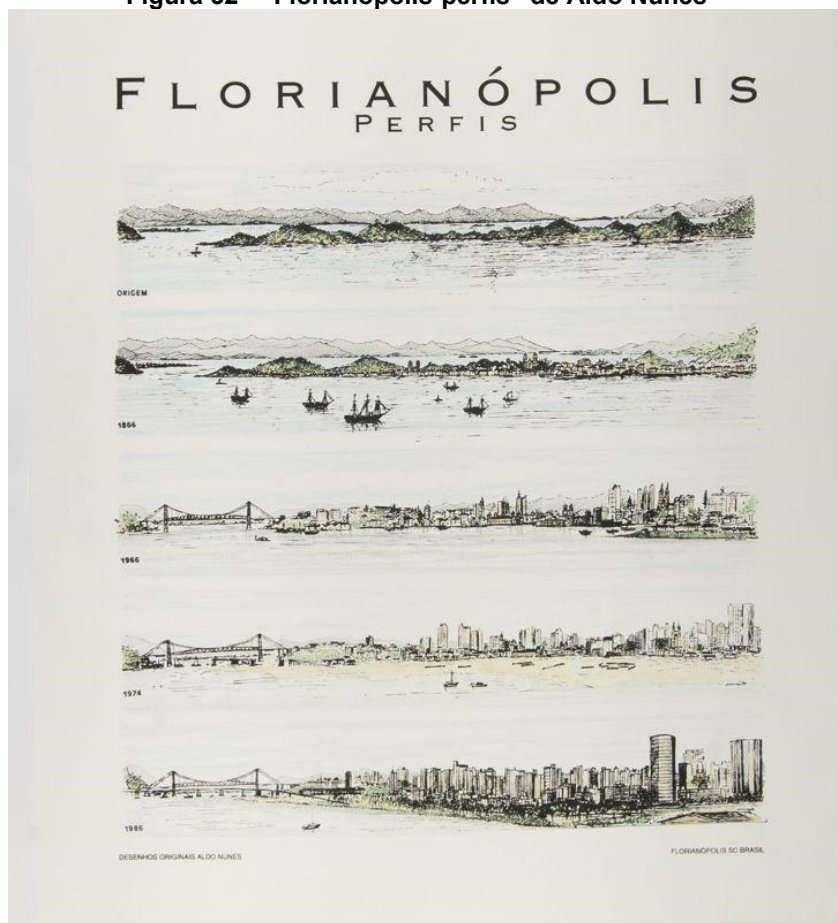
As obras de Victor Meirelles foram realocadas e expostas no piso superior em posição mais resguardada, mas de menor visibilidade, visto que a acessibilidade ao segundo piso era feita por escada de madeira original da casa, estreita e íngreme. As mudanças fizeram com que os visitantes que buscavam as obras de Victor Meirelles passassem pela ExT, obrigatoriamente.

O MVM adotou a moderna forma de expografia em paredes brancas, os ditos “cubos brancos”, inaugurada com o Museu de Arte Moderna de Nova York - a MoMA (Museum of Modern Art de Nova York, criado em 1929) - que serviu de modelo a todos os museus de arte que lhe seguiram, ditando uma configuração bem diferente das propostas expográficas dos museus de arte praticadas até então. A partir do MoMA, tendem a usar ambientes neutros, espaços expositivos que permitem a distância entre os trabalhos expostos, paredes pintadas de branco com a intenção de mínima interferência às obras (GONÇALVES, 2004, p. 37).

De maneira geral, a partir daí, por apresentar um espaço expositivo reduzido, em uma construção tombada (patrimônio nacional) o MVM optou por adaptar às paredes painéis expográficos como forma de prevenção ao desgaste do revestimento de estuque original das paredes da casa. Segundo Lourdes Rossetto, em entrevista, o Museu deu preferência por mostras artísticas bidimensionais que utilizavam preferencialmente como suporte o papel e que possuísem dimensões e peso reduzido.

A Exposição Temporária seguinte ocorreu no período de 14 de outubro a 16 de dezembro, com o artista, pintor, desenhista, professor e bacharel em Direito, Aldo Nunes, intitulou-se “Aldo Nunes – Arquitetura Perdida”. Aldo Nunes nasceu (1925) e morreu em Florianópolis (1999), fez curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais na Universidade Federal de Minas Gerais, foi um dos fundadores do Atelier de Conservação e Restauração de Santa Catarina – ATECOR, da Fundação Catarinense de Cultura e diretor do Museu de Arte de Santa Catarina - MASC (CATÁLOGO..., 2016).

Figura 32 - “Florianópolis-perfis” de Aldo Nunes

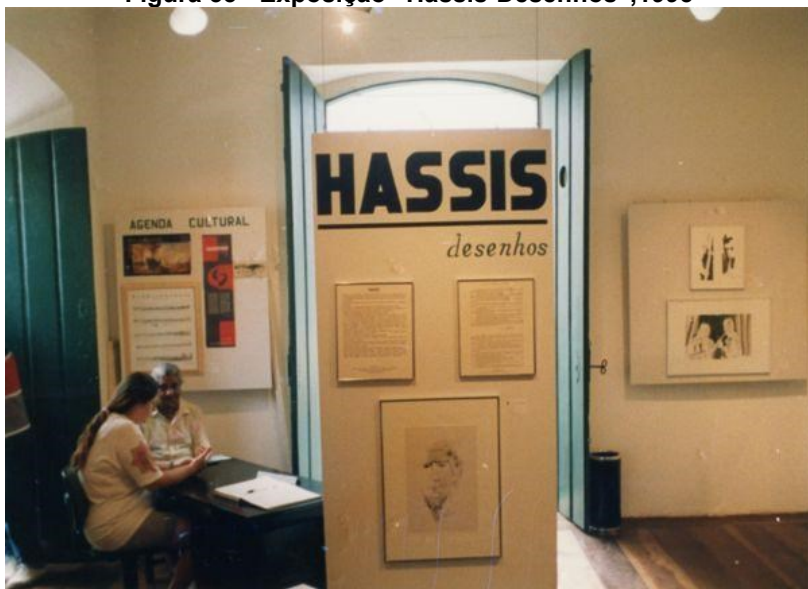


Fonte: Acervo fotográfico digital MVM.

A ExT que finalizou o ano de **1994** foi “Hassis–desenhos”, aberta em 21 de dezembro deste ano com 24 trabalhos do pintor Hiedy de Assis Corrêa – Hassis, como era chamado - nasceu em Curitiba (1926), mas em 1928 já residia em Santa Catarina e morreu em 2001 em Florianópolis. Com produção artística desde a década de 1950, foi um dos fundadores do Grupo de Artistas Plásticos da cidade de Florianópolis. Trabalhou com temas catarinenses criando desenhos do folclore ilhéu e concebeu o painel “Contestado - Terra Contestada” de 36m com sete

módulos, hoje exposto no Museu do Contestado em Caçador/SC. Produziu murais para a agência do Banco do Brasil e o Aeroporto Hercílio Luz em Florianópolis.

Figura 33 - Exposição “Hassis-Desenhos”,1995



Fonte: Arquivo digital do MVM.

Figura 34 - Da exposição “Hassi - Desenhos”, 1994. Sem Título, 1991



Fonte: Acervo MVM. Arquivo digital MVM.

Todos os três artistas convidados a expor neste primeiro ano integravam o Grupo Sul, um dos primeiros movimentos de arte modernista em Santa Catarina, fundado em 1948, e que lançou os novos artistas plásticos e escritores. O Grupo Sul se destacou no cenário das artes visuais e literárias brasileiras pela publicação da Revista Sul, que teve um total de 20 edições. O Grupo também participou dos esforços para transformação da casa natal de Victor Meirelles em museu, em 1945, segundo Vogel (2002).

É importante acrescentar que, de início, a escolha dos artistas para exporem no MVM tinha um caráter local marcante, eram “catarinenses”. Na verdade, o critério de ser catarinense para as curadorias do Museu - até hoje aplicado - é ampliado, pois não se refere apenas aos artistas nascidos em Santa Catarina, mas também se refere aqueles com trajetória e trabalho desenvolvido na cidade de Florianópolis ou no estado de Santa Catarina.

As exposições dos artistas Aldo Nunes e Hassis deram início à prática de doação, por parte dos artistas, de obras que normalmente participavam da Exposição Temporária, começando, assim, a formação da Coleção XX/XXI do acervo do MVM. Os primeiros trabalhos foram de Aldo Nunes, intitulado “Florianópolis-Perfis” - s/data, serigrafia pintada com lápis de cor e grafite sobre papel, 54,8 x 48,1cm - e de Hassis - s/título, 1991, desenho, 48,0 x 33,00cm.

As doações figuram, no processo, como um importante elemento de troca e compensação mútua, um bom termo entre artista e Museu pelo trabalho cumprido, além de contribuir para o fortalecimento da construção narrativa que ressignifica o Museu nesta nova fase, bem como o Victor Meirelles, agora, artista catarinense ao lado de outros artistas catarinenses.

Aos artistas interessa participar da coleção - acervo de museus - bem como aos museus importa receber as obras doadas como contrapartida por participar da exposição. O acervo é fundamental para o Museu afirmar seus objetivos.

Em nossa sociedade existem instrumentos que elegem, hierarquizam e atribuem a objetos o estatuto de arte. Fazem parte deste conjunto de instrumentos legitimadores dos objetos de arte os discursos dos críticos, dos apreciadores e dos historiadores e, ainda, os locais específicos de mostras, as

galerias, os museus e uma série de instituições que os protegem, é através deles todos que a arte existe (COLI, 1995).

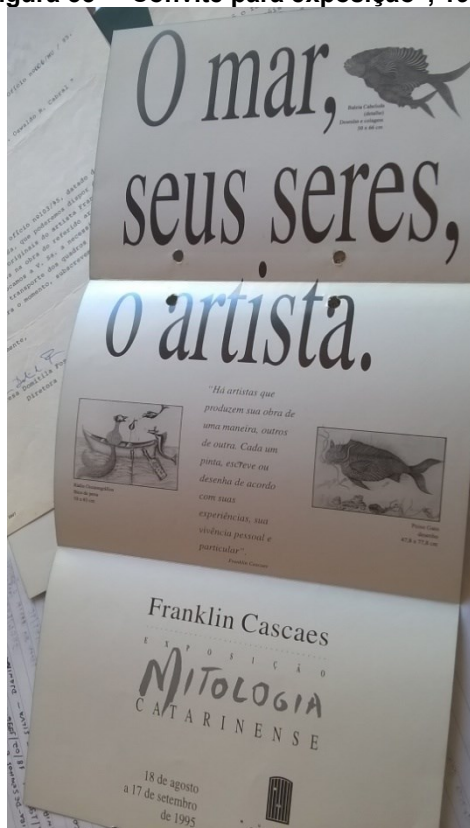
[...] o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai (COLI, 1995, p. 11).

Os modos como a arte se instala são bem específicos, e contam com todo um aparato cultural conectando espaços e discursos. Os museus de arte e suas exposições são locais organizadores e transmissores de uma memória artística, fazem parte de um sistema maior que valida o trabalho e o artista, e determina uma nova relação com a obra ao espectador, tornando públicas as propostas artísticas e aproximando visitantes, obras e artistas (GONÇALVES, 2004). As relações interpessoais entre os envolvidos na área, que acarretam em trocas e doações são um elemento importante desta estrutura legitimadora.

4.2 AS PARCERIAS

O segundo ano, **1995**, foi bem mais dinâmico, aconteceram sete exposições. Uma delas foi a de “Franklin Cascaes - Mitologia Catarinense”, contou com a curadoria de Gelcy Coelho - mais conhecido como Peninha - apresentando a coleção do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, atualmente MARquE – Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral da Universidade Federal de Santa Catarina.

Figura 35 - “Convite para exposição”, 1995



Fonte: Arquivo Administrativo, pasta Exposições Temporárias. Foto da Autora.

Em 22 de fevereiro foram apresentados ao público os “Estudos para “Batalha dos Guararapes” de Victor Meirelles, com curadoria de Donato Mello Júnior, e os “Estudos Preparatórios de Rodolfo Amoedo” com curadoria de Pedro Caldas Xexéo; em quatro de maio, a subsequente de Victor Meirelles “Batalha do Guararapes dois”. As três mostras apresentaram desenhos preparatórios, que são esboços elaborados para estruturar e preparar a feitura de posteriores trabalhos. Concebidas com acervo do MVM e Museu Nacional de Belas Artes, as mostras

foram o resultado da parceria entre os dois museus. Segundo Pedro Caldas Xexéo, no texto de apresentação da exposição:

“-um evento condigno neste início de colaboração”. As exposições sobre os estudos para batalha de Guararapes permitiram com que o público acompanhasse o momento inicial da preparação dos trabalhos artísticos acadêmicos, apresentando desenhos em caráter de esboço, mas que muitas das vezes devido a sua destreza, técnica e espontaneidade, tornam-se independentes das obras que os correspondem.

Os esboços de Victor Meirelles passam a ter importância, eles são parte de sua trajetória, onde o gesto do pintor “aparece” com mais espontaneidade. Seus estudos/esboços participam da legitimização como artista representante da arte catarinense e partícipe da História da Arte brasileira.

Na abertura do texto que trata das construções narrativas da realidade, Tereza Scheiner faz uma consideração que mostra a importância de ressignificar os símbolos e sobre a fundamentação dos processos intangíveis:

Ao constituir-se como texto, a história re-significa os símbolos, recria os deuses, substitui os mitos imemoriais da Tradição pela mitologia pessoal do enunciador. Atua diretamente no âmago da cultura não-material, fundamentada nos processos intangíveis do patrimônio, deixando em segundo plano tudo aquilo que não pode ser capturado sob a forma de ‘documento’: a oralidade (aqui entendida como a palavra em processo); a espacialidade (relação entre o fato cultural e o lugar onde acontece a experiência); a alteridade; e a inconsciência (como espontaneidade e liberdade de expressão, não relacionadas a um saber ou norma específicos (Scheiner, 2006, p. 1).

A partir dessas exposições, fundou-se uma parceria importante entre os museus Victor Meirelles e o Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, que dinamizou e colocou na prática a pretensão de dar maior visibilidade e comunicação aos acervos, as curadorias e aos artistas.

O MVM, ao longo desses mais de 20 anos de Exposições Temporárias, realizou mostras com a coleção do MNBA de trabalhos de Victor Meirelles, seus contemporâneos, alunos e professores, assim como de artistas modernos. O MNBA promove a manutenção da memória artística nacional (possui todo um acervo relacionado aos professores e alunos desde a Academia Imperial de Belas Artes, a Escola Nacional de Belas Artes até hoje) e, por exemplo, somente relacionado ao acervo do artista Victor Meirelles possui mais de 1000 desenhos (TURAZZI, 2009, p. 16).

Estas parcerias possibilitaram diferentes modos de exposições e comunicação. Neste ano de **1995**, foi possível também a realização da exposição “Djanira - Desenhos e Gravuras” da artista Djanira da Mota e Silva. Em **1996**, aconteceu a mostra de “Maciej Babinski - desenhos, gravuras e aquarelas”, em **1997** de Oswaldo Goeldi e Di Cavalcanti em **1998**. Depois, em **2000**, ano marcado por eventos nacionais comemorativos aos 500 anos do “descobrimento” do Brasil, foi realizada a exposição “Estudos Preparatórios para a 1ª Missa no Brasil”. A mostra apresentou esboços e croquis realizados por Victor Meirelles em grafite, crayon e carvão, que serviram de estudo e fizeram parte do processo criativo do artista na feitura da obra “Primeira Missa no Brasil”, de 1860, reforçando essas extensões simbólicas.

Importante considerar que retomar o aspecto que a obra de Victor Meirelles tem para a arte contemporânea implica abrir os segredos do processo de trabalho desse artista, mostrando seus estudos preliminares, que até então permaneciam escondidos em função do inquestionável protagonismo da ampla exposição e divulgação dos quadros finalizados. A ênfase passa a ser dada aos aparentemente menos importantes resultados deixados no percurso, mais pelo viés da técnica, do que pelo conteúdo narrativo do seu trabalho.

Os novos procedimentos curatoriais do MVM que possibilitaram a realização das Exposições Temporárias, em seu conjunto inicial, suas primeiras mostras e parcerias, vieram ressignificar a tipologia tradicionalmente atribuída ao Museu Victor Meirelles de um museu casa natal (que homenageia um pintor consagrado do século XIX, que mostrava suas obras sem seus pertences e curiosidades pessoais) com um viés mais

memorialista, adotando, a partir daí a tipologia de “museu de arte”.

O Museu ao acrescentar novos artistas ao espaço coloca a obra do artista Victor Meirelles em uma nova dinâmica, promove uma ampliação e uma transformação de perspectiva e de narrativa. Quando o Museu retoma o artista expondo seu material atualizado, em acordo com as novas diretrizes adotadas, com linhas expográficas mais contemporâneas, acontece, neste encontro entre personagens e tempos distintos da arte catarinense, o que propõe Tereza Scheiner:

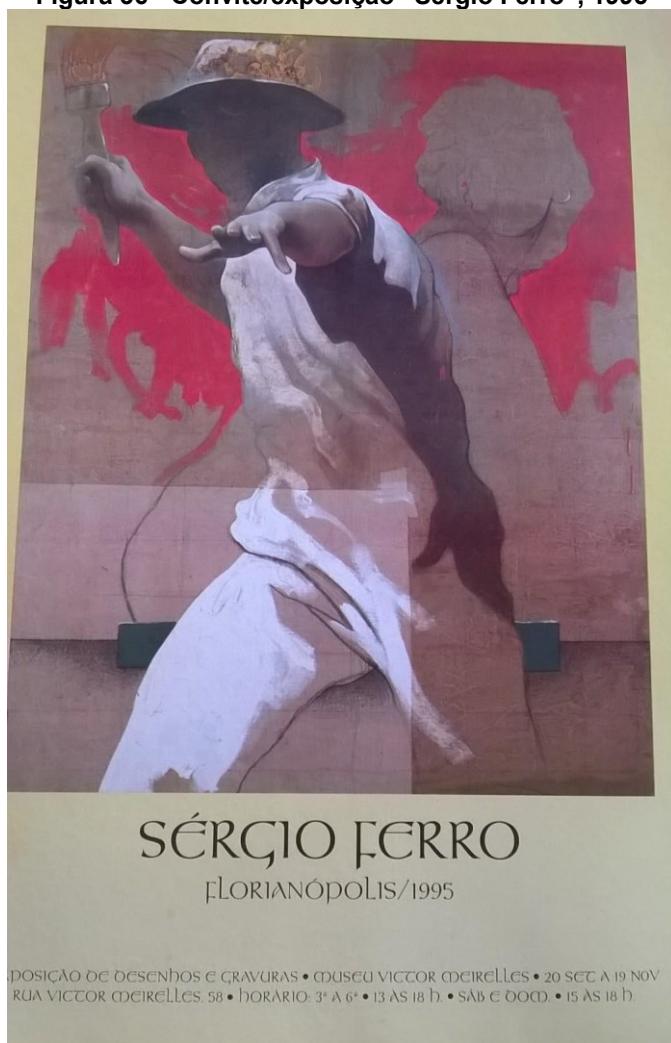
O passado projeta-se no presente, sob a forma de representações mentais e sensoriais, contribuindo para a formação de ‘cenários’ onde o indivíduo se coloca como observador e/ou como personagem (Scheiner, 2006, p.3).

No convite à exposição, a curadora Mônica Xexéo⁴⁷ afirma que - “pela primeira vez são apresentados os desenhos preparatórios relacionados a essa obra ao público catarinense”. Mesmo pintor, novas abordagens, assim, o Museu vai encontrando meios de adaptar-se às novas demandas e diretrizes da Museologia ao longo do tempo. E, Victor Meirelles passa por um processo importante de reconstrução da sua imagem profissional e, uma nova narrativa é criada em torno de sua figura. Através das ExT o Museu sugere novas aproximações conceituais e temporais à obra do artista.

⁴⁷ Museóloga e mestre em História e Crítica da Arte, Mônica Figueiredo Xexéo, diretora do Museu Nacional de Belas Artes a partir de 2006. Ex-estagiária do museu chegou ao cargo de coordenadora técnica e já dirigiu o setor de Desenho Brasileiro. É especialista em arte brasileira, especialmente nos pintores Pedro Américo e Vitor Meireles (museus.gov.br).

4.3 O CONTEMPORÂNEO CHEGA AO MUSEU

Figura 36 - Convite/exposição “Sérgio Ferro”, 1995



Fonte: Arquivos Administrativos, pasta Exposições Temporárias. Foto da autora.

O Contemporâneo marca sua chegada na história da arte visual, segundo grande parcela da crítica, com as produções artísticas das décadas de 1960 e 1970 e obrigam a fixação de

novos parâmetros analíticos, distantes do vocabulário e pauta modernistas. Porque, no que se refere à arte, moderno é uma coisa, e contemporâneo, outra. O Moderno, como o movimento que nasceu na Europa com características singulares, incluía as vanguardas (européias) como: o cubismo, construtivismo, futurismo, expressionismo abstrato e começou seu declínio em 1950. A partir deste momento, os discursos sobre arte aparecem com critérios mais diversos e são menos precisos (COLI, 2002). As escolhas dos artistas são um conjunto de manifestações diversas e complexas dotadas de peculiaridades e, segundo Agnaldo Farias, “na falta de um nome melhor, reunidas sob a etiqueta simples e genérica de arte contemporânea” (FARIAS, 2002, p. 13). Sabemos que a arte se instala no nosso mundo através dos discursos, do local, das atitudes e que são esses fatores que dão atributos de arte aos objetos.

O convite e a seleção para participar de exposições, como aponta Jorge Coli, podem recair em questões:

[...] afinidade, coincidências (ou não) com os problemas tratados, conhecimento mais ou menos profundo de uma questão proposta e mil outros elementos que podem entrar em cena para determinar tal ou qual preferência. (COLI, 2002, p. 18).

Em **1995**, três exposições marcaram a chegada do “contemporâneo” no MVM, foram “Flávia Fernandes – Desenhos e Gravuras”, “Paisagens Fantásticas”, de Gerson Tavares e Sérgio Ferro com “Florianópolis/1995”. Todos eles, artistas atuantes no cenário das artes plásticas brasileiras. A partir das doações, seus trabalhos passam a integrar o acervo do MVM e da Coleção XX/XXI. Essas três obras: “Fiat lux”, gravura sobre metal de Flávia Fernandes, aquarela “Sem título” de Gerson Tavares e de Sérgio Ferro “Sem título”, grafite com aguada inauguram a contemporaneidade da Coleção XX/XXI.

Em **1996** os artistas convidados para participarem das Exposições Temporárias foram Paulo Gaiad, Lasar Segall (acervo do Museu Lasar Segall, curadoria de Marcelo Mattos Araujo), Julia Iguti, Maciej Babinski (acervo e curadoria MNBA). E uma exposição coletiva “Atual Gravura Catarinense” com Beбето Nascimento (SC), Flávia Fernandes (SP), Ivan de Sá (MG),

Jandira Lorenz (RS), Lú Pires (SC), Marta Berger (RS) e Max Moura (SC). A maioria dos artistas fez doações ao acervo do museu.

No final do ano de 1996, em 18 de dezembro, foi inaugurada a exposição de Amilcar de Castro que ficou em cartaz até 23 de março de **1997**, com desenhos, gravuras e mais algumas maquetes do artista. A exposição era parte de um projeto executado pela artista plástica Regina Melim, curadora e professora da Universidade Estadual de Santa Catarina, em parceria com Fernando Augusto dos Santos Neto, professor da Universidade Estadual de Londrina. Chamava-se “Projeto Panoramas da Arte Brasileira Contemporânea” e tinha como objetivo expor novos procedimentos na leitura de uma obra plástica. Estudava-se o processo de criação, coletavam-se dados através de entrevista com o artista, fazia-se visita ao ateliê, registro fotográfico e, depois a exposição dos trabalhos escolhidos. Foi doada ao Museu pelo artista uma litografia “Sem título”, de 1992 (50,2x70, 6 cm).

Outra parceria do MVM que vale mencionar, foi com a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), junto com seus professores, curadores e alunos das artes visuais foram e são promovidas discussões sobre a arte e o pensamento contemporâneo por meio de palestras, mostras, seminários, lançamento de livros, um conjunto de exercícios que ampliam a integração do Museu e a comunidade.

Figura 37 - Convite exposição Amilcar de Castro, 1997



Fonte: Arquivos Administrativos, pasta Exposições Temporárias. Foto da autora.

Importante marcar também que as novas diretrizes museais, novos profissionais envolvidos acarretaram novas demandas não só em relação ao acervo da casa, mas também quanto à maneira de levá-lo até o público. Novas políticas de educação cultural se fizeram necessárias, resultando em ações pedagógicas como o “Museu vai à Escola/ Escola vai ao Museu”, “Vi-Vendo Victor Meirelles” e “Victor em Jogo” - visando atender alunos e professores das redes pública e privada, para o estudo da vida e obra de Victor Meirelles - e o “Encontro com o artista” - fomentando discussões sobre arte em contato com seus produtores, ainda vivos e atuantes no mercado de arte.

Ao visitarmos um museu, mal percebemos a complexidade do sistema de relações sociais e simbólicas que tornaram possível a sua formação e asseguram o seu funcionamento. Percorrendo o circuito das exposições, somos levados a esquecer todo o processo de produção de cada um dos objetos materiais expostos, a história de cada um deles, como chegaram ao museu, assim como todo o trabalho necessário à sua aquisição, classificação, preservação e exibição naquele espaço. Os agentes e as relações que tornam possíveis esses processos ficam na penumbra, em favor do enquadramento institucional dos objetos numa determinada exposição (GONÇALVES, 2007, p. 82).

As mudanças de conduta do Museu estão diretamente relacionadas à nova visão adotada a partir do projeto de revitalização o “Projeto Victor Meirelles”, e claro, de uma equipe que pensou e o implementou. Ações integradas foram desenvolvidas com a função de disseminar o acervo do MVM, a Coleção Victor Meirelles e a Coleção XX/XXI que já se formava em diferentes abordagens e representações, incluindo os objetos (os trabalhos de arte) às práticas culturais e educativas, que assumem, neste momento, uma função de suporte para as discussões teóricas da história e da história da arte. É importante ressaltar que o Museu passou por um significativo aumento de quadro de funcionários (mostrado no capítulo 2) em formação

pedagógica, arquitetura, ciências sociais e, mais tarde museologia. Mas, já no início das novas práticas ligadas ao “Projeto Victor Meirelles” (1994) passou a fazer parte da rotina do Museu o estudo sobre museus (discussões conceituais, preservação, conservação)⁴⁸, em um primeiro momento foram feitas parcerias com a Prefeitura para a cessão de profissionais da área de educação para o desenvolvimento dos projetos educativos.

José Reginaldo Santos Gonçalves estudou as representações do museu relacionando as escolhas, as narrativas e a materialização ao profissional de museu, os museólogos e a sua formação.

Ao adquirir, por variados meios, objetos das mais diversas procedências, ao classificá-los como componentes de uma determinada coleção e ao exibi-los publicamente, os museus modernos não somente expressam como fabricam idéias e valores por meio dos quais as relações entre sociedades, grupos e categorias sociais são pensadas. Seu estudo nos dá acesso aos mecanismos pelos quais essas idéias e valores circulam socialmente, como são reproduzidos, reinterpretados e disseminados no espaço público das sociedades modernas (GONÇALVES, 2007, p. 84).

A exposição como um evento aberto ao público, não lembra ao visitante todo o processo de produção de cada objeto material exposto (história, aquisição ou não, classificação, preservação, exibição) nem a complexidade do sistema de relações sociais e simbólicas que tornam possível a sua concepção e o seu funcionamento. A sugestão do pesquisador é entender os museus enquanto espaços integrantes dos modernos “sistemas de arte e cultura” (CLIFFORD, 2003 apud GONÇALVES, 2007, p. 86) onde grupos e categorias sociais representam e constituem simbolicamente suas relações. A estratégia é de enfatizar esses processos de construção de

⁴⁸ Dados coletados em entrevista com a diretora do MVM, Lourdes Rossetto em julho de 2017.

representação aos seus agentes: os “profissionais de museus”, responsáveis pela formação, preservação e exibição de coleções e a relação que firmam com os grupos sociais que são representados nos museus (GONÇALVES, 2007, p. 86).

O processo de profissionalização, segundo Gonçalves, obedeceu dois temas que são interdependentes: os padrões de formação dos profissionais e sua especificidade e, as funções do museu. O MVM também passou por esse processo de profissionalização, com o projeto de revitalização adotou uma missão mais aberta e uma diferente narrativa, uma construção de um novo Victor Meirelles - artista relacionado ao ponto de partida da história da arte nacional e catarinense.

4.4 OS EDITAIS

A partir do ano de **1998**, foi adotado pelo Museu o edital público, como uma das ferramentas de seleção das Exposições Temporárias. Com os editais, o ano expositivo do MVM passa a ser dividido em quatro exposições definidas por edital e duas por convite ou curadoria direta do Museu. Para a seleção dos editais, foi constituída uma comissão formada por sete pessoas convidadas pela diretoria e/ou pela Associação de Amigos do MVM - entre eles críticos, artistas, curadores, e professores de arte que fazem as escolhas dos trabalhos enviados. O edital contempla desde então - e sempre - mostras de arte contemporânea (PLANO MUSEOLÓGICO, 2012).

A primeira exposição contemplada pelo edital, aparentemente, foi “Das Caixas - O Livro de Artista de Yara Guasque” realizada entre 24 de junho e 16 de agosto da artista Yara Guasque. A exposição era composta por três caixas/livros com as páginas desmembradas expostas em sequência. Foi doado ao acervo do MVM um dos 3 livros “Das Caixas” e a xilogravura “Os primeiros raios deste amanhecer”⁴⁹.

Que os editais criaram um novo movimento nas Exposições Temporárias, envolvendo mais pessoas no processo de envio e na escolha das propostas artísticas para as mostras, muitas delas desenvolvidas especificamente para o local expositivo, é visível. No entanto, algumas questões podem ser

⁴⁹ Sem data, com 14 páginas (14 x 32,5 cm) na técnica de xilogravura e tipografia e uma xilogravura (23 x 37,3 cm).

levantadas a partir desta constatação. Como a arte se instala em nosso mundo por meio de uma série de aparatos culturais - conforme já comentado - a adoção do procedimento dos editais públicos ampliou a discussão e a seleção dos artistas ao mesmo tempo em que ampliou também a crítica exercida nas escolhas, pois esse processo atribui e classifica uma ordem, segundo critérios próprios. Como observa Coli (2002, p. 17):

Os discursos que determinam o estatuto da arte e o valor de um objeto artístico são de outra natureza, mais complexa, mais arbitrária que o julgamento puramente técnico. São tantos os fatores em jogo e tão diversos, que cada discurso pode tomar seu caminho. Questão de afinidade entre a cultura do crítico e a do artista, de coincidências (ou não) com os problemas tratados, de conhecimento mais ou menos profundo da questão e mil outros elementos que podem entrar em cena para determinar tal ou qual preferência (Coli, 2002. P.17).

Considerando que um objeto qualquer se torna um objeto artístico porque há um pacto em torno dele que o faz ser aceito e legitimado pelas partes componentes do mercado da arte - como críticos, artistas, público consumidor, o próprio museu, mídia, colecionadores, dentre outros - a escolha feita pelo grupo transforma o trabalho em obra. Mesmo assim, a figura do edital público amplia as discussões e o juízo em torno dos objetos artísticos apresentados para seleção.

Durante a pesquisa realizada para este trabalho, encontramos, nos Arquivos Administrativos (em pasta número 38), os registros da comissão de avaliação, junto com as notas aplicadas aos trabalhos, a listagem dos trabalhos enviados, os nomes dos artistas e número dos trabalhos inscritos. Pode-se perceber que, a partir de 2003, o número de trabalhos inscritos aumenta a cada ano. Na pasta "Edital", em 2003, são encaminhadas 28 propostas expositivas; em 2005, 33 propostas; em 2007 foram 52 inscritos; em 2009 foram 80 propostas; e em 2010, 94 inscritos. Na maioria das vezes, os trabalhos são provenientes de diferentes regiões do Brasil e há poucas proposições de outros países.

Prefere-se a transparência, uma vez que qualquer escolha é sempre arriscada, pois recorre a comparações que não estão necessariamente nas obras de arte. As escolhas fundam-se como hipóteses necessárias para evitar-se o empirismo do gosto, uma análise determinista e uma acumulação de fatos de traços particulares. (OLIVEIRA, 2009, p. 24).

Mesmo com os editais, o Museu manteve a prática de construir exposições fazendo convites diretos aos artistas. Através das Exposições Temporárias, alguns nomes da arte brasileira fizeram exposições no MVM, a saber: Waltercio Caldas, Leonilson, Daniel Senise, Rosângela Rennó, Dudi Maia Rosa, Amílcar de Castro, Hélio Fervenza, Rubens Mano, por exemplo. Pares da cena catarinense, mas de alcance nacional foram representados nos nomes de Paulo Gaiad, Fernando Lindote, Raquel Stolf. Esses convites para exposições “incrementaram” o acervo, todos os artistas citados fizeram doações.

Com essas ações (exposições/doações) o MVM vai se firmando como um museu de arte. Ao mesmo tempo, através das ExT abriram-se espaço para mostras coletivas com caráter mais experimental com trabalhos e publicações de diversos artistas iniciantes ou não, como por exemplo, nas propostas do “Projeto Armazém” e “Gabinete”, fomentadores de intervenções e inserções de arte visual, literatura, design gráfico no espaço expositivo das Exposições Temporárias por períodos mais curtos, normalmente uma semana entre outras exposições. Essas ações ampliaram consideravelmente o acesso dos artistas ao Programa de Exposições. Em **2011**, o “Projeto Armazém” teve curadoria de Juliana Crispe, participaram 92 artistas, em **2015**, com exposição e publicações, mais de 130 artistas estavam na mostra, com curadoria compartilhada entre Juliana Crispe e Marina Moros.

As Exposições Temporárias com o tempo e a maturidade apresentam mostras de arte contemporânea, escolhas feitas através dos editais, convites e parcerias que condicionam o acervo da Coleção XX/XXI. Não podemos esquecer que quando

escolhemos algumas deixamos outras de lado. O ato de escolher pressupõe uma eleição. Mesmo que as escolhas, a partir da implantação dos editais (chamadas públicas para expor no espaço térreo do Museu) são em teoria mais democráticas, incluem mais pessoas na seleção, oportuniza para um maior número de artistas interessados o espaço museal para exposição de seus trabalhos, algumas lacunas sempre existirão.

4.5 VENTILANDO O ACERVO

Com mais de dez anos de Exposições Temporárias, o Museu já possuía um número considerado de obras de artistas modernos e contemporâneos e a partir dessas coleções passa a conceber exposições que contemplam a visibilidade de seu acervo.

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira em sua tese de doutorado “Memória e arte: a [in]visibilidade dos acervos dos museus de arte contemporânea brasileira” fez uma pesquisa em cinco museus (seus acervos e exposições) e nos coloca que no caso dos museus de arte, a constituição do acervo e, sobretudo, a comunicação passaram a exigir políticas para além de uma compreensão clássica da história da arte. As coleções deveriam se expressar como elementos significativos da identidade da instituição. No caso dos museus preocupados com arte “atualizada”, a concepção de uma coleção e seu conhecimento, bem como a necessidade de alimentá-la, deveriam pressupor e admitir a tensão existente entre a produção artística atual e o modelo dos museus de arte, que se instituem – ou pelo menos tentam – como organizadores, transmissores e formalizadores da memória artística de uma dada comunidade (OLIVEIRA, 2009).

No período entre 15 de dezembro de 1999 e 20 de fevereiro de 2000, a Exposição Temporária “em cartaz” foi “Desenhos e Gravuras – Acervo do Museu Victor Meirelles 1994 a 1999”. A mostra, na sua quase totalidade, foi composta por obras doadas pelos artistas que participaram das Exposições Temporárias neste período, excluindo Martinho de Haro e Franklin Cascaes. Presentes nessa exposição: Sérgio Ferro, Jandira Lorenz, Hassis, Julia Iguti, Paulo Gaiad, Aldo Nunes, José de Quadros, Alex Gama, Martinho de Haro, Franklin Cascaes, Ruy Kronbauer, Aldo Beck, Turi Simeti, Amílcar de Castro, Flavia Fernandes, Marta Berger, Gerson Tavares, Elke

Hering, Lú Pires, Yara Guasque, Sérgio Bonson. Foi a primeira ExT do Museu Victor Meirelles com obras da Coleção XX/XXI, resultado de seis anos dessas exposições e das doações dos artistas.

Em **2009**, a mostra “Gravuras”, expôs todo o acervo de gravuras da Coleção XX/XXI. Foi realizado catálogo da exposição com texto de apresentação de Sandra Favero e Diego Rayck, (artistas e professores da disciplina de gravura na UDESC). O texto contempla um pequeno histórico da técnica, o processo formal e criativo, e sua possibilidade singular de cópia. Os artistas que participaram foram: Alex Gama, Amílcar de Castro, Ana Elisa Baptista, Carlos Asp, César A. Rossi, Dudi Maia Rosa, Flávia Fernandes, Hélio Fervenza, Jandira Lorenz, Júlia Iguti, Lú Pires, Lurdi Blauth, Marcelo Grasmann, Marta Berger, Paulo Carapunarlo, Roberto Burle Marx, Turi Simeti e Yara Guasque.

No ano de **2012** foram realizadas seis Exposições Temporárias, dentre elas três comemorativas:

“Cada Peça um Universo: A Construção de uma Coleção de Arte”; “Tributo a Victor Meirelles: 180 anos de nascimento de Victor Meirelles” e “Viagem em torno do Museu: 60 anos de Museu Victor Meirelles”. Essas exposições possibilitaram ao público uma diferente apreciação do acervo.

A exposição “Cada Peça um Universo: A Construção de uma Coleção de Arte”, a primeira do ano, inaugurada em março, fez um recorte da Coleção XX/XXI. O curador Fernando Boppré escolheu 105 trabalhos do acervo, dividindo em três módulos expositivos: “Um pouco de tudo”, “Livros” e “Diálogo com a Desterro”. A intenção era mostrar o acervo doado pelos artistas (ou seus representantes) e apresentar um pequeno panorama da diversidade de trabalhos artísticos da Coleção. Com a citação seguinte resumimos a perspectiva de escolha:

Escolher o termo *peça* ao invés de *obra de arte* ou *trabalho*, como os artistas contemporâneos preferem, é uma estratégia para trabalharmos com uma designação mais próxima à ideia de jogo (um quebra-cabeça, uma partida de xadrez?). É preciso conhecer cada *peça* e experimentá-la em

diversas combinações possíveis. Esperamos que você consiga sentir que cada uma possui um universo próprio e que cada artista é a medida – e a desmedida – do mundo no seu entorno. E que também possa inventar seus próprios sentidos (BOPPRÉ, 2012).

Figura 38 - Exposição “Cada Peça um Universo: a Construção de uma Coleção de Arte”



Fonte: Acervo digital do MVM, foto Ana Viegas (2012).

Na exposição “Tributo a Victor Meirelles: 180 anos de nascimento do artista”, realizada com trabalhos pertencentes aos acervos do MVM, do Museu Histórico de Santa Catarina, da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e de coleções particulares, mostravam-se obras de Tommaso Minardi – professor de desenho de Victor Meirelles na Academia de São Luca, em Roma, em seu período de pensionato na Itália de 1852-56 – do próprio Victor Meirelles e de seus ex-alunos na AIBA: Antônio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937), Belmiro de Almeida (1858-1935), Décio Rodrigues Villares (1851-1931), Eliseu D’Angelo Visconti (1866-1944), Oscar Pereira da Silva, (1867-1939), Pedro Peres (1850-1923) e Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943).

A Exposição Temporária comemorativa dos 60 anos do Museu “Viagem em torno do Museu: 60 anos de Museu Victor Meirelles” foi elaborada pela equipe do Museu Victor Meirelles, e idealizada pelo o curador Fernando Boppré. A mostra ocupou os dois pavimentos do Museu com grande parte do acervo do MVM, trabalhos que fazem parte das Coleções Victor Meirelles e a XX/XXI, incluindo uma última doação: *Vue de Île de Sainte-Catherine*, desenhada em 1785 por Gaspar Duché de Nancy ⁵⁰. Toda uma relação com o artista Victor Meirelles viajante (indo para o Rio de Janeiro; Europa; voltando ao Brasil; as viagens ao Paraguai para pintar a guerra, e à Europa para os Panoramas) e o percurso, ou “viagem” do Museu Victor Meirelles ao longo desses 60 anos de instituição.

“Viagem em torno do Museu...” ⁵¹ foi a exposição que despertou o interesse para este trabalho acadêmico. Como parte das ações culturais da mostra, foi feito o convite para uma visita guiada especial para a turma de graduação em Museologia da UFSC (da qual eu faço parte). Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de conhecer a ideia por trás da exposição, as ações realizadas pelo Museu, e alguns percursos de obras expostas, através dos profissionais Rafael Muniz e Simone Moura. Desta maneira, sabe-se que a exposição foi elaborada conceitualmente por dois eixos principais. O primeiro eixo mostra a formação do acervo do Museu com a produção de Victor

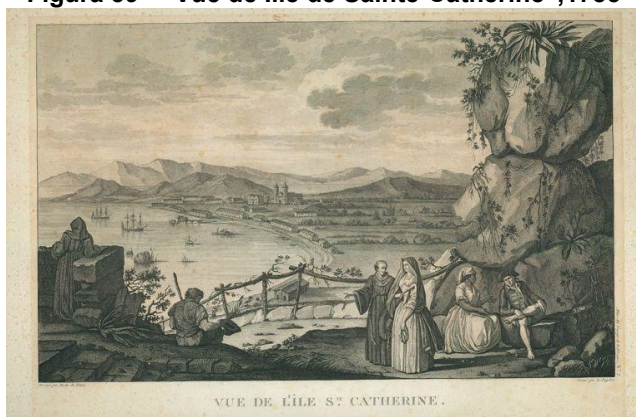
⁵⁰ Última obra do acervo e a mais antiga em data, doada por Ylmar Corrêa Neto. O desenhista da gravura foi integrante da expedição do Conde de Lapérouse que deixou a Europa em agosto de 1785, encarregado por Louis XVI de uma viagem de exploração ao Pacífico. Em passagem pela Ilha de Santa Catarina para abastecimento temos uma vista da cidade desenhada por ele. A expedição acabou na Ilha de Vanikoro, onde La Pérouse perdeu um navio e a tripulação nunca foi encontrada. Os relatos dessa empreitada chegaram a França pelas mãos do Barão de Lesseps por terra, junto com o desenho (Ilha de Santa Catarina; relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX; organizado por Martim Afonso Palma de Haro em 1996).

⁵¹ Para aprofundamento sobre o discurso da curadoria ver Fernando Boppré, 2013. “Terra Firme? A exposição, a instituição e a viagem”. Artigo publicado em ArtCultura, Uberlândia, v. 15, n. 26, jan./jun. 2013.

Meirelles, Coleção Victor Meirelles em diálogo com os artistas da Coleção XX/XXI.

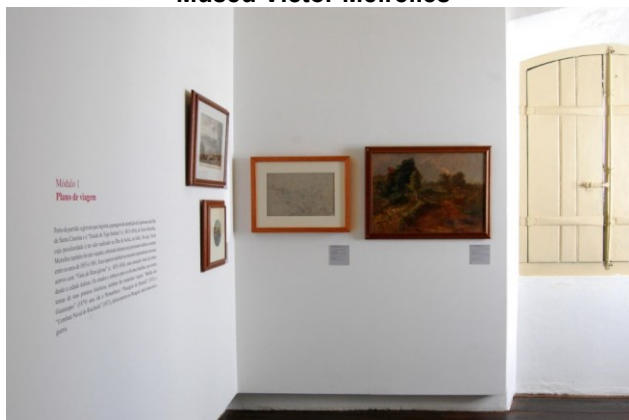
O segundo eixo tratava das narrativas dos viajantes, e era montada em quatro módulos. O primeiro módulo chamado de “Plano de Viagem”, abria a mostra com a gravura do século XVIII de Gaspar Duché de Vancy, junto à gravura “Estudo de Traje Italiano” de Victor Meirelles, feita na Ilha de Ischia, na sua passagem de estudos pela Itália (BOPPRÉ, 2013).

Figura 39 - “Vue de Île de Sainte-Catherine”, 1785



Fonte: Acervo e Arquivo digital MVM.

Figura 40 - Exposição: “Viagem em torno do Museu: 60 anos do Museu Victor Meirelles”



Fonte: Acervo digital do MVM, foto Ana Viegas (2012).

O módulo 2 associou as “Visões do Novo Mundo” e apresentou obras que, de alguma maneira, retratam as diferenças culturais. Como parte desse módulo tem a obra “Paisagem a Caminho de Dresden” de Paulo Gaiad. O módulo 3, “Trocas e Escambos”, mostrou a “Degolação de São João Batista” (que representava a clássica troca entre o rei Herodes, Salomé e sua mãe) e toda uma referência das trocas intelectuais (as cartas) entre Victor Meirelles e seu mestre, Manuel de Araújo Porto-Alegre, da Academia Imperial de Belas Artes. Também, nesse módulo, participam processos colaborativos de artistas contemporâneos como Giba Duarte e Giorgio Filomeno (imagem mais abaixo) com trabalhos que dialogavam diretamente com a obra “Degolação de São João Batista”, além disso, através de uma plataforma virtual, permitiram ao público acompanhar as conversas e trocas entre os artistas Giorgio Filomeno e Giba Duarte (BOPPRÉ, 2013).

No módulo 4, “Diário de Bordo”, foi apresentado o vídeo de Rosangela Rennó “Vera Cruz” que trata de uma suposição de diálogos entre os componentes da esquadra de Cabral no momento do “descobrimento” do Brasil, além de um Diário de Viagem dos artistas Lara Montechio e Bruno Bachamann, nos moldes de um livro de artista. O trabalho dos dois artistas propõe: “de o visitante percorrer novamente a exposição a seu critério, pegando o caminho que desejar” (Arquivos Administrativo, pasta Exposições Temporárias).

Se “expor em um museu é também expor o museu”, conforme nos ensinou o artista francês Daniel Buren, compreender (o que aqui significa constituir) um acervo de arte contemporânea é igualmente expor a trajetória de políticas institucionais e artísticas de uma arte em constante mutação e potencialmente polêmica. Tarefa cada vez mais complexa diante das operações de manutenção da memória artística de uma sociedade heterogênea (OLIVEIRA, 2009, p. 3).

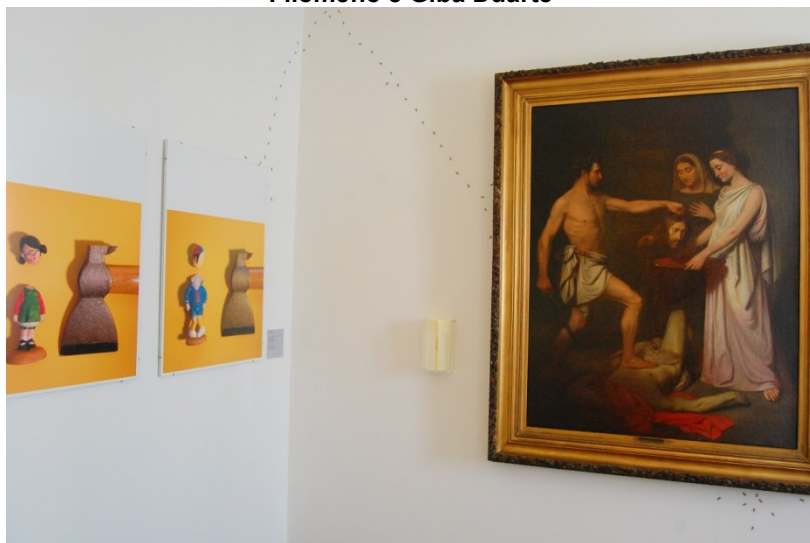
O ano de 2012, principalmente com as Exposições Temporárias comemorativas, foi diversificado, e possibilitou ao frequentador do Museu outras maneiras de fruição de seu

acervo. Essas exposições comemorativas mostraram uma escolha curatorial onde as duas Coleções Victor Meirelles e XX/XXI apareceram integradas, mostrando as transformações e consolidando a construção de um novo Victor Meirelles.

O amplo procedimento artístico no contemporâneo é olhar para a história da arte para pegar referências da arte que está sendo feita hoje. A curadoria responsável pela seleção das obras que compõem a exposição junto com a equipe do museu, dentro de um plano museológico, define como jogar esses símbolos de modo a produzir novos sentidos ainda sobre os trabalhos dos artistas, tendo em vista que, por si mesmos cada um já propõe seu próprio sentido.

Na exposição “Viagem em torno do Museu...”, os símbolos estão todos articulados entre si, propondo novas leituras de contexto e ampliando a capacidade de ressignificação, a arte representada ganha novas possibilidades de entendimento. Estar ao lado de novos artistas não diminui nem a obra nem a história de Victor Meirelles, pelo contrário, reforça ainda mais sua importância no percurso da história da arte nacional e local.

Figura 41 - Exposição “Viagem em torno do Museu...”. Detalhe módulo 2 “Degolação de São João Batista” e trabalhos de Giorgio Filomeno e Giba Duarte



Fonte: Arquivo digital MVM. Foto de Ana Viegas.

A história de Victor Meirelles e os caminhos da sua arte estão intimamente relacionados ao tempo em que ele viveu. A narrativa desenvolvida nessa exposição faz parte da construção e da desmistificação do mito, contribui para a construção das narrativas e entendimentos sobre esse artista e, ao mesmo tempo agrega à leitura contemporânea que se pode fazer de sua obra, legitimando o uso do espaço compartilhado entre ele e novos artistas.

As ExT são o resultado de todo um esforço para que se ampliem e diversifiquem as ações do Museu. A nosso ver, o Museu Victor Meirelles se configura em um “museu-narrativa”, como propõe José Reginaldo Gonçalves. Diferentemente do “museu-informação” que atende um grande público em busca de informação, que se define a partir de suas relações com o mercado e normalmente tem sua gênese em grandes metrópoles (GONÇALVES, 2007); o “museu-narrativa”, ao contrário, não foi feito para multidões, e sim para um grupo restrito e frequentador, interessado no assunto colocado. No “museu-narrativa”, segundo o mesmo autor, existe uma “rede de relações de natureza interpessoal por meio da qual se dá o fluxo de trocas [...] e em grande parte as coleções são obtidas por meio dessa rede de relações” (GONÇALVES, 2007, p. 71).

A narrativa, enquanto uma modalidade específica de comunicação humana floresce num contexto marcado pelas relações pessoais o narrador é alguém que traz o passado para o presente na forma de memória ou que traz para perto uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço, esta distância é mediada pela experiência pessoal do narrador. (GONÇALVES, 2007, p. 65).

O Museu Victor Meirelles não é só “museu-narrativa”, até porque, não existem os extremos. Os museus sempre serão uma combinação entre o “museu-informação” e “museu-narrativa” resultado de um trabalho conjunto entre os profissionais sensíveis aos objetos e atentos aos conceitos que envolvem uma exposição museológica.

A partir da implementação do projeto de revitalização o “Projeto Victor Meirelles” (1994) o Museu busca em suas ações ampliar a frequência e atingir novos/futuros consumidores das artes, fortalecendo as ações educativas e culturais. Logicamente o primeiro público que atendeu foi aquele ligado diretamente com o fazer e a construção das artes. A ação cultural “Encontro com o artista” (implantada com as ExT) por exemplo, traz o artista, seu modo de operar e seu trabalho em um mesmo local, para uma conversa com o público, que normalmente acontece antes da abertura da ExT, pequenas ações que aos poucos ampliam o leque de frequentadores.

São movimentos, programas, projetos que pretendem colocar o objeto artístico disponível à apreciação do público e à produção de conhecimento, não mais apartado do diálogo.

A soma e o encontro da produção destes profissionais determinam o que será levado adiante - ou cairá no esquecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho requereu estudo ao acervo arquivístico e museológico do Museu Victor Meirelles, com vistas a acompanhar o percurso do Museu e do artista que lhe dá nome.

Mostramos seu percurso desde quando se preparava para assumir o lugar de destaque na narrativa do Brasil Império como pintor oficial e, depois, como a República absorveu o ícone nacional Victor Meirelles como tradição de uma nação em construção. Olhamos com atenção para o atual Museu desde a sua inauguração como Museu Casa Natal (1952), suas mudanças estruturais e conceituais com o projeto de revitalização o “Projeto Victor Meirelles” (1994), para entender como esse projeto e suas ações transformaram-no no Museu de hoje.

O “Projeto Victor Meirelles”, a partir do ano de 1994 aplica uma proposta de mudança conceitual estrategicamente pensada pelo seu corpo diretor visando ampliar a curadoria e se firmando como um museu de arte. Através das Exposições Temporárias mostraram além das obras de Victor Meirelles um número significativo de artistas modernos e contemporâneos. Essas exposições, mais de 120, nesses mais de 20 anos, possibilitaram um novo e crescente acervo relacionado a trabalhos de arte, constituindo uma nova coleção, a Coleção XX/XXI.

Esse projeto e suas ações facilitaram um diálogo orientado, através das ExT entre o acervo da Coleção Victor Meirelles (1952) e a arte contemporânea. Isso implicou em abrir os segredos do processo de trabalho desse artista, e dar ênfase aos resultados deixados no percurso, mais pelo viés da técnica, do que pelo conteúdo narrativo do seu trabalho.

Foi através do “Projeto Victor Meirelles”, com a introdução das Exposições Temporárias e também de um conjunto de práticas culturais e educativas, que o Museu passou a ser comunicador das artes plástica catarinense e nacional, ampliando sua atuação junto à sociedade.

Fica claro, portanto, que a inclusão das Exposições Temporárias - enquanto ação estratégica para pesquisa e difusão de um conhecimento - dinamizou e ampliou a atuação do MVM frente à sociedade, mesmo atendendo a um público interessado, mais restrito e frequentador (“museu-narrativa”, Gonçalves, 2007)

As maneiras com que a arte se instala são bem específicas e, o Museu Victor Meirelles como um museu de arte faz parte do aparato cultural que organiza e transmite uma memória artística, valida os trabalhos e os artistas, e relaciona as obras aos espectadores, tornando públicas as escolhas, assim como, as trocas entre espaço expositivo para os artistas e obras para o acervo.

As Exposições Temporárias acrescentaram outros significados à instituição, criaram uma nova linguagem, trouxeram um maior público, mas sozinhas, elas não garantem a própria sobrevivência. Só a partir de todo o conjunto de ações integradas como os programas educativos e culturais, que foram aqui apontados e destacados como: as visitas guiadas, o “Vivendo Victor Meirelles”, “Museu vai à Escola / a Escola vai ao Museu”, o “Encontro com o artista”, e também o “Projeto Agenda Cultural” o Museu projeta-se como um museu de arte.

A abertura conceitual do Museu legitima outros artistas do circuito ao mesmo tempo em que atualiza a discussão possível sobre as obras do já consagrado Victor Meirelles, dando maior visibilidade para este acervo e ativando mais pontos desta rede relacional. Não podemos desconsiderar o fenômeno natural seguido da abertura da casa, com o “Projeto Victor Meirelles” para artistas diferentes de cunho contemporâneo, especialmente, pela maior participação do público relacionado diretamente às artes, acadêmicos e professores de artes, curadores, historiadores e historiadores da arte.

As Exposições Temporárias tomaram lugar de destaque nas ações museológicas do Museu Victor Meirelles, assim como a comunicação ganhou maior atenção e recursos (visto os patrocínios por empresas da programação da Agenda Cultural). Apostar em uma maior divulgação dos resultados internos do Museu em forma de material, na implementação de políticas educativas, ampliação dos projetos pedagógicos e mediações, nas pesquisas e publicações desenvolvidas e nas exposições conjuntas ou de outros artistas da cena local, resultaram em uma integração mais ativa entre o Museu e a sociedade.

É importante ressaltar que a reinauguração do Museu em 1994 combinou com a entrada de novos profissionais mais alinhados a um pensamento atualizado sobre museus. Nos primeiros 40 anos de existência, o MVM participava de um sistema que elegia o patrimônio que faria parte da construção de

imagens sobre a cultura nacional. A casa de arquitetura do século XIX, o edifício antigo, com forte apelo estético onde ele está instalado, contribuiu para a construção de todo um simbolismo. Conhecendo os esforços dos aparelhos políticos em mantê-lo como um dos importantes representantes oficiais da nação brasileira em artes, tanto pelo Império quanto pela República, podemos entender que há uma rede complexa de legitimação em jogo.

A mudança de narrativa com o “Projeto Victor Meirelles” ressignifica o Museu e o personagem Victor Meirelles, de um artista ligado à história da criação dos símbolos nacionais do Império (“Projeto Civilizatório”) para o artista participante e ponto de partida da história da arte nacional e catarinense.

O pintor nasceu ali, mas morou somente 14 anos na cidade, no entanto, a equipe soube capitalizar um discurso que possibilita uma nova maneira de entender o artista e o Museu. Victor Meirelles não é apenas o nome, é uma presença. Neste sentido, o presente trabalho procurou demonstrar como esta presença foi criada e como os museus são lugares onde sobrevivem as ideologias, associadas à narrativa de construção de identidades. As escolhas formam acervos que posteriormente serão catalogados, organizados, pesquisados e, posteriormente e, novamente serão escolhidos e participarão de novas exposições.

REFERÊNCIAS

Fontes Documentais

Arquivos Administrativos III.

Estatuto da Associação de Amigos do Museu Victor Meirelles.

Pasta Exposições Temporárias.

Pastas Editais.

Plano Museológico - Museu Victor Meirelles, 2012.

Política de Acervos do Museu Victor Meirelles, 2012.

Projeto Victor Meirelles - Memória e Documentação, 2006-2009.

Projeto Victor Meirelles, 1994.

Fontes Bibliográficas

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. (Org.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MinC/IPHAN/DEMU, 2007.

ACADEMIA Imperial de Belas Artes (Aiba). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao511920/academia-imperial-de-belas-artes-aiba>>. Acesso em: 01 dez. 2016. Verbete da Enciclopédia.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **Panorama circular do Rio de Janeiro, visível do Morro de Santo Antônio**. 15 dez. 2015. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=panorama-circular>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

ARAÚJO, Marcelo Matos, BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Exposição Museológica: uma linguagem para o futuro. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12-17, dez. 1989.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. O Mestre de Pintura da Princesa Regente. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES. [website]. 2017. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/associacao-de-amigos-do-museu-victor-meirelles/>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

BAUER, Leticia. Cronologia. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.) **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

BIELINSK, Alba Carneiro. O “Senhor do Desenho” no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

BOPPRÉ, Fernando. **A Cada Peça um Universo: A Construção de uma Coleção de Arte**. 2012. Disponível em: <<http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/exposicoes/temporarias/arquivo/2012-2/a-cada-peca-um-universo-a-construcao-de-uma-colecao-de-arte/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

BOPPRÉ, Fernando. Terra Firme? A exposição, a instituição e a viagem. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 5, n. 26, p. 59-73, jan./jun. 2013.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de Curadoria: Os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. In: JULIÃO, L.; BITTENCOURT, J. N. (Org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2015/07/Unidad1Texto_Definicao-de-Curadoria.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: algumas idéias para a organização disciplinar. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 9, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

CANTON, Katia. **Novíssima arte brasileira**: um guia de tendências. São Paulo: Iluminurias, 2001.

CARDOSO, Rafael. Ressuscitando um Velho Cavalo de Batalhas: Novas Dimensões da Pintura Histórica do Segundo Reinado. **19&20**, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Não paginado. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/rc_batalha.htm>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CATÁLOGO de Exposição: Artistas Catarinenses no acervo do Museu Victor Meirelles. Itajaí: UNIVALI, 2016.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. Os prêmios de viagem da Academia em pintura. In: PEREIRA, Sonia Gomes (Org.). **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001/2002.

CHELINI, Maria Júlia Estefânia. Novas Tecnologias Para... Novas(?) Expografias. Museologia e Interdisciplinaridade. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012.

COELHO, Mário César. **Os Panoramas Perdidos de Victor Meirelles**: Aventuras de um pintor acadêmico nos caminhos da modernidade. 2012. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COELHO, Mário César. Victor Meirelles e a empresa de panoramas. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

COLI, Jorge. Primeira Missa e invenção da descoberta. In: NOVAIS, Adauto (Org.) **A descoberta do homem e do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COUTINHO, Afrânio. O Movimento Romântico. In: _____. **A Literatura no Brasil**: A era romântica. São Paulo: Global, 1999. v. 3, parte II.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Memórias afro-brasileiras institucionalizadas. Tentando ler exposições de museus e seus periódicos. **Projeto História**, São Paulo, v. 26, jun. 2003.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**: um estudo de caso sobre musealização da cultura afro-brasileira. Salvador, 2005. Resumo da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal da Bahia em 1999.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Teatro da Memória, Palco de esquecimentos**: Culturas africanas e das diásporas negras em exposições. 2006. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DECLARAÇÃO de Quebec: princípios de base de uma nova museologia, 1984. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>. Acesso em: 14 ago. 2016.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: ICOM/Pinacoteca do Estado de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ENNES, Elisa Guimarães. **Espaço construído**: o museu e suas exposições. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FARIAS, Agnaldo. **Arte brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2002

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte**: Museu Victor Meirelles. Florianópolis: Insular, 2001.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para uma Compreensão Crítica da Arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial, 2003.

FRANZ, Teresinha Sueli. Victor Meirelles e a Construção da Identidade Brasileira. **19 & 20**, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Não paginado. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/vm_missa.htm. Acesso em: 10 jun. 2017.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Iphan, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: [s.n.], 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo S. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e patrimônio ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. **Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século XX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2004.

GRUPO Sul. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo635904/grupo-sul>>. Acesso em: 04 jul. 2017. Verbetes da Enciclopédia.

GUARILHA, Hugo. A questão artística de 1879: um episódio da crítica de arte do II Reinado. **19 & 20**, Rio de Janeiro, v. I, n. 3, nov. 2006. Não paginado. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/questao_1879.htm>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e identidade. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010. p. 176-185.

GUIMARÃES, Argeu. **Auréola de Vítor Meireles**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/Conselho Federal de Cultura, 1977.

GUIMARÃES, Viviane Wermelnger. **Exposições Museológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal de Santa Catarina: espaços para construções de parcerias**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ĨNIGO CLAVO, Maria. **História(s) e Identidade(s) em exposição:** Museus, cidadania e arte contemporânea. Projeto de Pós-Doutorado. Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo, [20--].

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caminhos da memória:** para fazer uma exposição. Brasília: IBRAM, 2017. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Museu Victor Meirelles - 50 anos.** Textos de Alcídio Mafra de Sousa, Daisi Vogel e Regis Mallmann. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002. Catálogo de obras.

MALLMANN, Regis. Os passos do maior pintor brasileiro do século XIX entre Desterro, Paris e o Rio de Janeiro. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Museu Victor Meirelles - 50 anos.** Textos de Alcídio Mafra de Sousa, Daisi Vogel e Regis Mallmann. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002. Catálogo de obras.

MATARAZZO, A. Apresentação. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri:** textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2010.

MELLO JUNIOR, Donato. A vida e a obra de Vitor Meireles. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 147, n. 350, jan./mar. 1986.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A república consentida:** cultura democrática e científica do final do Império. Rio de Janeiro: FGV/UFRRJ, 2007.

MENESEZ, Ulpiano T. B. **A exposição museológica:** reflexões sobre os pontos críticos na prática contemporânea. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993. Texto apresentado no Simpósio: O processo de comunicação dos museus de arqueologia e etnologia.

MENESEZ, Ulpiano T. B. Do Teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, jan./dez., 1994.

MOREIRA, Catarine de Nazaré Aquino. **O Ofício do conservador-restaurador:** concepções de patrimônio e transformações desde 1937. 2012. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

MUSEU VICTOR MEIRELLES. [website]. 2018. Disponível em: <<http://museuvictormeirelles.museus.gov.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

NASCIMENTO, Mariana Bandeira. **D Pedro II Construção de um “Projeto Civilizatório” no Brasil:** investigação e catalogação de sua correspondência com artistas e cientistas de língua alemã. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. Disponível em: <<http://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/d-pedro-ii-construcao-um-projeto-civilizatorio>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

NASCIMENTO, Silvania Sousa do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mário (Coord.). **Caderno de diretrizes museológicas 1.** 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio Gomes de. **Memória e arte:** a [in]visibilidade dos acervos dos museus de arte contemporânea brasileira. 2009. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

PEREIRA, Sonia Gomes. Revisão historiográfica da arte brasileira do século XIX. **Revista IEB**, São Paulo, n. 54, set./mar., p. 87-106, 2012.

PEREIRA, Sonia Gomes. Victor Meirelles e a Academia Imperial de Belas Artes. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

PRESTES, Roberta Ribeiro. A Primeira Missa no Brasil em dois tempos. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, ago. 2011.

REIS, Paulo R. de Oliveira. Paisagem, paisagens. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

RODRIGUES, Leonardo. As “Primeiras Missas” e a construção do imaginário brasileiro nas obras de Victor Meirelles e Cândido Portinari. **19 & 20**, Rio de Janeiro, v. II, n. 2, jan. 2007. Não paginado. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/missas_leo.htm. Acesso em: 10 jun. 2017.

ROSSETTO, Lourdes. Apresentação. In: CATÁLOGO de exposição “Victor Meirelles Construção”. Florianópolis: Museu Victor Meirelles, 2005.

ROSSETTO, Lourdes. Apresentação. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museu Imperial: a construção do Império pela República. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus Brasileiros e Política Cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 53-73, jun. 2004.

SANTOS, Renata. A Primeira Missa e a reprodutibilidade da imagem: um estudo de caso. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

SCHEINER, Tereza. **A Exposição como Linguagem**. Rio de Janeiro: UNIRIO/CCH, 1999. Texto de aula da disciplina Comunicação em Museus I.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**, ano 3, n. 4/5, 2003. Disponível em: <http://www.semiosfera.eco.ufrj.br/antiores/semiosfera45/conteudo_rep_tscheiner.htm>. Acesso em: 31 jul. 2014.

SCHEINER, Tereza. **Museologia e interpretação da realidade: o discurso da história (texto provocativo)**. Rio de Janeiro, UNIRIO: 2006. Disponível em: <<http://iims.userweb.mwn.de/icofof/provocativeterezaportuguese.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

SCHEINER, Tereza. Museus e Exposições em um Mundo em mudanças: novos desafios, novas inspirações. **Revista MUSEU**, Rio de Janeiro, 15 maio 2012. Disponível em: <www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=32832v>. Acesso em: 3 ago. 2015.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Estado sem ação: a criação de uma memória oficial no Brasil no Segundo Reinado. In: NOVAES, Adauto (Org.). **A Crise do Estado-Nação**. [s.n.]: Editora Record, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais. **Planejamento e gestão de exposições em museus: Caderno 03**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, 2010.

SILVA, Angela Maria Pinto da. Victor Meirelles nas Exposições da Academia Imperial de Belas Artes (1846-1884). In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

SOUSA, Alcídio Mafrá de. Introdução. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Museu Victor Meirelles - 50 anos**. Textos de Alcídio Mafrá de Sousa, Daisi Vogel e Regis Mallmann. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002. Catálogo de obras.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **Guerra do Paraguai**. 2017. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/guerra-paraguai.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SQUEFF, Leticia. Exposições gerais da Academia de Belas Artes: teatro de corte e formação de um mercado de arte no Rio de Janeiro. **Artes e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 23, nov. 2011.

TURAZZI, Maria Inez. Introdução - um patrimônio e suas leituras. In: TURAZZI, Maria I. (Org.); ROSSETTO, Lourdes (Coord.). **Victor Meirelles - novas leituras**. Florianópolis: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

VOGEL, Daisi. A metamorfose do sobrado da rua do Açougue em um museu de grandeza histórica. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Museu Victor Meirelles - 50 anos**. Textos de Alcídio Mafrá de Sousa, Daisi Vogel e Regis Mallmann. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002. Catálogo de obras.

APÊNDICE A - RELAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS REALIZADAS NO MUSEU VICTOR MEIRELLES ENTRE 1994 E 2016

1994

período: 18 de agosto a 07 de outubro
exposição: “Martinho de Haro na Casa de Victor Meirelles”
artista: Martinho de Haro
obras: 23 obras (serigrafias, desenhos, nanquins, aguadas)
coleção: de Rodrigo de Haro
ações: encontro com Rodrigo de Haro
curadoria: Rodrigo de Haro
doação: sem doação

período: 14 de outubro a 16 de dezembro
exposição: “Arquitetura Perdida - Aldo Nunes”
artista: Aldo Nunes
obras: 20 aquarelas e desenhos
coleção: do artista
ações: “Encontro com o artista”
curadoria: MVM com texto de apresentação Harri Lauss
doação: “Florianópolis – perfis”, Sem data. Serigrafia pintada
com lápis de cor sobre papel (54,8 x 48,1cm)

1994/1995

período: 21 de dezembro de 1994 a 15 de fevereiro de 1995
exposição: “Hassis – desenhos”
artista: Hiedy de assis Corrêa – Hassis
obras: 24 obras
coleção: do artista
ações: “Encontro com o artista”
curadoria: MVM
doação: “Sem título, 1991. Nanquim sobre papel (48 x 33cm)

1995

período: 22 de fevereiro a 15 de agosto
exposição: “Desenhos - Estudos para a Batalha dos Guararapes”

artistas: Victor Meirelles

obras: 35 desenhos

coleção: MNBA e MVM

ações:

curadoria: Donato Mello Junior

doação: sem doação

período: 22 de fevereiro a 21 de maio

exposição: “Rodolfo Amoedo - Estudos Preparatórios”

artista: Rodolfo Amoedo

obras: desenhos

coleção: MNBA

ações:

curadoria: Pedro Caldas Xexéo

doação: sem doação

período: 24 de maio a 2 de julho

exposição: “Flávia Fernandes - Desenhos e Gravuras”

artista: Flávia Fernandes

obras: desenhos e gravuras

coleção: da artista

ações: “Encontro com a artista”

curadoria: artista e MVM

doação: “Sem Título”, sem data. Gravura em metal sobre papel (26,0 X19,5cm)

período: 24 de maio a 15 de agosto

exposição: “Victor Meirelles - Desenhos 2a Parte - Estudos para a Batalha dos Guararapes”

artistas: Victor Meirelles

obras: 16 desenhos

coleção: MNBA

ações:

curadoria: MNBA e MVM com texto de apresentação João Otávio Neves filho (Janga)

doação: sem doação

período: 05 de julho a 13 de agosto
 exposição: "Paisagens Fantásticas - Gerson Tavares"
 artista: Gerson Tavares
 obras: 20 aquarelas
 coleção:
 ações: "Encontro com o artista"
 curadoria: Alcídio Mafra de Sousa
 doação: "Sem título", sem data. Aquarela sobre cartão (35,3 x 50,0cm)

período: 18 de agosto a 17 de setembro
 exposição: "Franklin Cascaes - Mitologia Catarinense/
 Victor Meirelles - Pinturas, estudos, retratos e fatos"
 artista: Franklin Cascaes e Victor Meirelles
 obras: 23 desenhos
 coleção: MVM e Museu de Antropologia e Arqueologia Oswaldo
 Cabral - MARQUE
 ações: palestras com Gelcy Coelho/Peninha
 curadoria: Gelcy Coelho/Peninha
 doação: sem doação

período: 20 de setembro a 19 de novembro
 exposição: "Sérgio Ferro - Florianópolis/1995"
 artista: Sérgio Ferro
 obras: 14 serigrafias, 2 estudos em desenho e 7 páginas de
 estudo
 coleção: do artista
 ações: "Encontro com o artista"; 22/09 às 19h homenagem ao
 artista na Câmara
 Municipal de Florianópolis; 22/09 às 20h palestra do artista na
 Reitoria da UFSC
 curadoria: artista e MVM
 doação: "Sem título", circa de 1995. Grafite com aguada (61,0 x 45,7cm)

1995/1996

período: 29 de novembro de 1995 a 18 de fevereiro de 1996
 exposição: "Djanira - Desenhos e Gravuras"
 artista: Djanira da Mota e Silva
 obras: 27 desenhos e gravuras

coleção: MNBA

ações:

curadoria: MNBA e MVM

doação: sem doação

1996

período: 22 de fevereiro a 21 de abril

exposição: "Passagens" desenhos, colagens e pinturas

artista: Paulo Gaiad

obras: 16 gravuras, desenhos e colagens

coleção: do artista

ações: 22 de abril encontro com o artista entrevistado por Regina Melin

curadoria: artista e MVM

doação: "Paisagem a caminho de Dresden", 1995. Grafite e gaúche sobre papel (50 x 69,5cm)

período: 24 de abril a 16 de junho

exposição: "Lasar Segall – gravuras"

artista: Lasar Segall

obras: 20 gravuras, xilogravuras e gravuras em metal

realizadas entre 1926 e 1930

coleção: Museu Lasar Segall

ações: mostra de vídeo e palestra

curadoria: Marcelo Mattos Araujo, Museu Lasar Segall e MVM

doação: sem doação

período: 19 de junho a 18 de agosto

exposição: "Julia Iguti – desenhos e gravuras"

artista: Julia Iguti

obras: 20 monotipias, serigrafias, colagens e serigrafias

coleção: da artista

ações: "Encontro com o artista"

curadoria: artista e MVM com texto de apresentação Jayro Schmidt

doação: "Verão", 1996. Monotipia (60,6 x 42,5cm)

período: 21 de agosto a 20 de outubro

exposição: "Atual Gravura Catarinense"

artistas: Bebeto Nascimento, Flávia Fernandes, Ivan de Sá,

Jandira Lorenz, Lú Pires, Marta Berger, Max Moura
 obras: gravuras
 coleção: dos artistas
 ações: 17 de setembro: O dia das portas abertas, atividades culturais, intervenção no Largo Victor Meirelles
 curadoria: MVM
 doação: de Jandira Lorenz: "Sem título", 1995. Gravura em metal p/b buril, ponta seca água forte (23 x 37cm)

período: 30 de outubro a 15 de dezembro
 exposição: "Maciej Antoni Babinski – desenhos, gravuras e aquarelas"
 artista: Maciej Babinski
 obras: 27 água-forte, buril, crayon, nanquim e aguada sobre papel feitas entre 1956 a 1964
 coleção: MNBA
 ações:
 curadoria: MVM e MNBA com texto de apresentação Mônica Xexéo
 doação: sem doação

1996/1997

período: 18 de dezembro 1996 a 23 de março 1997
 exposição: "Amilcar de Castro"
 artista: Amilcar de Castro
 obras: desenhos, gravuras e maquete
 coleção: do artista
 ações: encontro com a curadora
 curadoria: Regina Melim e MVM
 doação: "Sem Título", 1992. Litografia (50,2 x 70,6cm)

1997

período: 26 de março a 01 de junho
 exposição: "Desenhos e Aquarelas"
 artista: Aldo Beck
 obras: 9 desenhos com hidrocor e aquarelas (estudos da pesquisa sobre a arquitetura do século passado da cidade de Florianópolis)
 coleção: do artista

ações: "Encontro com o artista"

curadoria: artista e Gelci José Coelho/Peninha e MVM

doação: "Sem título", 1997. Aquarela (24,5 x 28,5cm)

período: 04 de junho a 17 de agosto

exposição: "Oswaldo Goeldi – desenhos e gravuras"

artista: Oswaldo Goeldi

obras: desenhos e gravuras

coleção: MNBA

ações:

curadoria: MNBA e MVM

doação: sem doação

período: 20 de agosto a 26 de outubro

exposição: "Alex Gama - Xilogravuras"

artista: Alex Gama

obras: 14 xilogravuras

coleção: do artista

ações: "Encontro com o artista"

curadoria: artista e MVM com texto de apresentação Maria Bonomi

doação: "Sem Título", 1990. Xilogravura sobre papel (61,5 x 56,0 cm)

período: 29 de outubro a 14 de dezembro

exposição: "Lú Pires – gravura em metal Caminhos"

artista: Lú Pires

obras: 13 gravuras

coleção: do artista

ações: "Encontro com o artista"

curadoria: artista e MVM

doação: "...Los caminos se aglomeram en vano: despertar es somar los caminos...", 1997. Gravura em metal, ponta seca, água tinta, água forte e buril (47 x 74,5cm).

1997/1998

período: 17 dezembro 1997 a 15 de fevereiro de 1998

exposição: "Desenhos – Victor Meirelles"

artistas: Victor Meirelles

obras: desenhos em suporte de papel

coleção: MVM
 ações:
 curadoria: MVM
 doação: sem doação

período: 17 dezembro 1997 a 15 de fevereiro de 1998
 exposição: “Relevos - Turi Simeti”
 artista: Turi Simeti
 obras: 16 calcogravuras, colagens, pinturas e objetos
 cerâmicos
 coleção: do artista
 ações: conversa com a curadora
 curadoria: Regina Melim e MVM
 doação: “Sem Título”, 1995. Calcogravura (49,5 x 69,5cm)

1998

período: 18 de fevereiro a 25 de abril
 exposição: “Jandira Lorenz – desenhos”
 artista: Jandira Lorenz
 obras: desenhos sobre papel
 coleção: da artista
 ações: “Encontro com a artista”
 curadoria: João Otávio Neves filho (Janga) e MVM com texto
 de apresentação Janga
 doação: “Sem título”, 1998. Gravura sobre papel (72,9 x
 54,2cm)

período: 28 de abril a 21 de junho
 exposição: “O Museu viajante – desenhos e gravuras”
 artistas: Carlos Scilar, Rubens Gerchmann, Rubens Grilo,
 Francisco Rebolo, Otávio Araújo, Burle Marx, Flávio de
 Carvalho, Sue Ruch, Jack Kovach e outros
 obras: desenhos e gravuras
 coleção: Museu de Arte de Joinville, SC
 ações:
 curadoria: MVM e Museu de Arte de Joinville- MAJ com texto
 de apresentação Vicente Jair Mendez
 doação: sem doação

período: 24 de junho a 16 de agosto
exposição: "Das Caixas - O Livro de Artista de Yara Guasque"
artista: Yara Guasque
obras: 3 caixas/livro de artista, páginas desmembradas do livro
exposta na sequência
coleção: da artista
ações: "Encontro com a artista"
curadoria: edital MVM
doação: "Das Caixas", sem data. Livro. Xilogravura, tipografia com 14 páginas (14 x 32,5cm); "Os primeiros raios deste amanhecer", 1979. Xilogravura (23 x 37,3cm)

período: 18 de agosto a 15 de novembro
exposição: "Di Cavalcanti – Carnaval das Crianças Brasileiras"
artista: Di Cavalcanti
obras: 18 desenhos em grafite e aquarela
coleção: Museu Nacional de Belas Artes MNBA, RJ
ações: exposição comemorativa ao aniversário de nascimento de VM 18 de agosto
curadoria: MVM e MNBA com texto de apresentação Mônica Xexéo
doação: sem doação

1998/1999

período: 18 de novembro de 1998 a 14 de fevereiro 1999
exposição: "Marta Berger – Sombras"
artista: Marta Berger
obras: xilogravuras e relevos
coleção: do artista
ações: "Encontro com o artista"
curadoria: edital MVM
doação: "Sem título" da série "Sombras", 1998/1999.
Xilogravura em relevo, relevo seco (51,5 x 40,5cm)

1999

período: 24 de fevereiro a 11 de abril

exposição: “Memória Insular”

artista: José de Quadros

obras: 16 desenhos e pintura em fotos e tomografias

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista”

curadoria: artista e Regina Melim

doação: “Memória Insular-Mercado”, nov1998/fev/99. Técnica mista (óleo, acrílica, carvão, giz industrial sobre papel) (49,7 x 69,5cm)

período: 28 de abril a 13 de junho

exposição: “Camadas de Tempo”

artista: Ruy Kronbauer

obras: 10 xerox com colagens e pinturas

coleção:

ações: conversa com o artista e educador Ruy Kronbauer

curadoria: edital MVM com texto de apresentação Jandira Lorenz

doação: “Sem título”, 1999. Técnica mista(colagem/papeis diversos)(59,5 x 83,7cm)

período: 16 de junho a 15 de agosto

exposição: “Sérgio Bonson – desenhos”

artista: Sérgio Luiz de Castro Bonson

obras: 30 desenhos em lápis dematográfico e lápis crayon sobre papel canson

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista”

curadoria: edital MVM com texto de apresentação Cleber Teixeira

doação: “Rua Fernando Machado”, 1999. Desenho a lápis e carvão sobre papel (44 x 32 cm)

período: 18 de agosto a 17 de outubro

exposição: “Elke Hering – desenhos”

artista: Elke Hering

obras: 22 desenhos, estudos organizados entre 1957/58 e

1993/94 e uma escultura

coleção: da família

ações:

curadoria: Lena Peixer, filhos da artista e MVM

doação: "Sem Título", 1993. Desenho a nanquim e aguada (17 x 12 cm)

período: 20 de outubro a 12 de dezembro

exposição: "Encontros à beira do cais"

artistas: Alex Gama, Anna Letycia Quadros, Maria Luiza Leão, Marília Rodrigues

obras: Alex Gama 4 xilogravuras; Anna Letycia 5 gravuras;

Maria Luiza Leão 4 desenhos; Marília Rodrigues 5 gravuras

coleção: dos artistas

ações: "Encontro com os artistas"

curadoria e texto de apresentação Alcídio Mafra de Souza

doação: sem doação

1999/2000

período: 15 de dezembro de 1999 a 20 de fevereiro de 2000

exposição: "Desenho e Gravuras – Acervo MVM 1994 a 1999"

artistas: Sergio Ferro, Martinho de Haro, Jandira Lorenz, Hassis, Julia Iguti, Paulo Gaiad, Aldo Nunes, José de Quadros, Alex Gama, Franklin Casacaes, Ruy Kronbauer, Aldo Beck, Turi Simeti, Amilcar de Castro, Flávia Fernandes, Marta Berger, Gerson Tavares, Elke Hering, Lú Pires, Yara Guasque, Sérgio Bonson

obras: desenhos e gravuras

coleção: acervo do MVM coleção XX /XXI, composto de obras doadas pelos artistas que participaram de exposições temporárias no período de 1994 a 1999 (exceto Martinho de Haro e Franklin Casacaes que o museu não possui obras)

ações:

curadoria: MVM

doação: sem doação

2000

período: 22 de fevereiro a 16 de abril

exposição: “Lívio Abramo – A essência da arte de gravar”

artista: Lívio Abramo

obras: 18 gravuras, 1 aquarela, 1 desenho

coleção: particular de Alex Gama

ações:

curadoria: Alex Gama e MVM com texto de apresentação Alex Gama

doação: sem doação

período: 26 de abril a 25 de maio

exposição: “Max Moura – Gravuras”

artista: Max Moura

obras: gravuras e monotipias

coleção:

ações:

curadoria: Flávia Fernandes e MVM com texto de apresentação José Otávio Neves Filho (Janga)

doação: sem doação

período: 29 de junho a 15 de agosto

exposição: “Fotografias”

artista: Tarcísio Mattos

obras: 11 fotografias

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista”

curadoria: edital MVM

doação: “Sem título”, 2000. Fotografia colorida (62 x 99,6cm)

período: 18 de agosto a 15 de outubro

exposição: “500 anos - Victor Meirelles - Desenhos - Estudos Preparatórios para a Primeira Missa no Brasil”

artista: Victor Meirelles

obras: 12 estudos todos em papel com carvão, crayon, grafite e giz; e uma copia da pintura a “Primeira Missa no Brasil” de 1929 de Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943) aluno de VM na Academia Imperial de Belas Artes AIBA, RJ

coleção: MNBA

ações: comemoração dos 500 anos do Brasil e do aniversário de nascimento de Victor Meirelles

curadoria: MVM e MNBA com texto de apresentação Mônica Xexéo; sem doação

período: 18 de outubro a 10 de dezembro

exposição: “Pedro Pires – aquarelas”

artista: Pedro Pires

obras:

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista”

curadoria: edital MVM

doação: “Cyber”, 2000. Técnica mista (aquarela, pastel, grafite, crayon, tinta de lápis de cor)(65,9 x 47,9cm)

2000/2001

período: 13 de dezembro de 2000 a 18 de fevereiro de 2001

exposição: “Lurdi Blauth – Concentrações”

artista: Lurdi Blauth

obras: 22 gravuras entre monotípias e calcografias

coleção: da artista

ações: “Encontro com a artista”

curadoria: edital MVM

doação: “Entrar no azul é passar para o outro lado do espelho III”, 1997. Técnica mista(monotíпия, xilogravura, chine, colle, colagem sobre papel)(64,7 x 64,7cm)

2001

período: 25 de abril a 24 de junho

exposição: “Naná Ribeiro – Colagem”

artista: Naná Ribeiro

obras: da artista

coleção:

ações: “Encontro com a artista”

curadoria: edital MVM

doação: “Sem título”, 2001. Colagem sobre papel (45,2 x 60,1cm)

período: 22 de agosto a 14 de outubro

exposição: “Caricaturas – arte, política, esporte...- no humor”

artistas: Mendez, Nássara, Chico Caruso, Cássio Loredano e Amorim

coleção: MNBA

ações: comemoração ao aniversário de Victor Meirelles
 curadoria: MVM, MNBA com texto de apresentação de Mônica Xexéo
 doação: sem doação

período: 25 de agosto a 9 de dezembro ano?
 exposição: “Artistas e Ateliês”
 artista: Helô Espada
 obras: fotografias
 coleção: da artista
 ações: “Encontro com a artista”
 curadoria: edital MVM
 doação: “Ateliê de Cléber Teixeira, ed. Noa Noa, Fpolis”, 1997.
 Fotografia p/b (30 x21cm)

2001/2002

período: 12 de dezembro de 2001 a 17 de fevereiro de 2002
 exposição: “Dudi Maia Rosa –Gravuras”
 artista: Rafael Maia Rosa
 obras: 15 gravuras
 coleção:
 ações:
 curadoria: artista e MVM
 doação: “Amo a regra que corrige”, 1998. Gravura em metal (39 x 47cm)

2002

período: 22 de fevereiro a 21 de abril
 exposição: “Homens de Papel”
 artista: Cesar A. Rossi
 obras: desenhos
 coleção: do artista
 ações: “Encontro com o artista”
 curadoria: artista e MVM
 doação: “Homens de Papel – 23”, 1996. Gravura em metal sobre papel água-forte, água-tinta (21,7 x 31,5cm)

período: 30 de abril a 30 de junho
 exposição: “Gilda Vogt Maia Rosa–Aquarelas”

artista: Gilda Vogt Maia Rosa
obras: aquarelas
coleção: da artista
ações: “Encontro com a artista”
curadoria: artista e MVM
doação: Pescador de Camarão debaixo da Ponte (Lagoa)”, 1991. Aquarela (25,3 x 35,5cm)

período: 22 de agosto a 10 de outubro
exposição: “Espaços em Branco”
artista: Raquel Stolf
obras: 7 fotografias e livros em branco
coleção:
ações: “Encontro com a artista” em 06 de setembro às 14h
curadoria: artista e MVM
doação: “Invisível a ovo nu”, 1999. Fotografia (21 x 13cm)

período: 16 de outubro a 7 de dezembro
exposição: “Muito Perto”
artista: Fernando Lindote
obras: desenhos, gravuras em matriz de borracha mordida e desenhos realizados em papel aplicando nanquim com o corpo e uma escultura em borracha
coleção: do artista
ações: encontro com o artista 18 de outubro às 14h
curadoria: MVM e artista
doação: “Sem título”, sem data. Nanquim sobre papel (49 x 70cm)

2003

período: 21 de fevereiro a 20 de abril
exposição: “Victor Meirelles - Um Desenhista Virtuoso”
artista: Victor Meirelles
obras: desenhos
coleção: MNBA e MVM
ações:
curadoria: MNBA e MVM com texto de apresentação de Monica Xexêo
doação: sem doação

período: 23 de abril a 22 de junho
exposição: “Herbert Rolim”
artista: Herbert Rolim
obras: 15 desenhos a nanquim e fio de cabelo sobre papel arroz
coleção: do artista
ações: encontro com o artista 23 de abril às 18:30h
curadoria: edital MVM
doação: “Inflexões Expiratórias?”, 2001. Nanquim e cabelo sobre papel de arroz (65 x 93,5cm) e “Exíguos Tentáculos?”, 2002. Nanquim e cabelo sobre papel de arroz (63,5 x 94cm)

período: 27 de junho a 17 de agosto
exposição: “Paulo Carapunarlo – Litografias”
artista: Paulo Carapunarlo
obras: 12 litografias
ações: encontro com o artista 27 de junho às 18:30h
curadoria: edital MVM
doação: “Sem título”, 2002. Litografia (50,8 x 47,6cm)

período: 21 de agosto a 19 de setembro
exposição: “Neblina – Livro de Artista”
artista: Roberto de Freitas
obras: livro de artista em folha de papel vegetal
coleção: do artista
ações: “Encontro como o artista”
curadoria: edital MVM
doação: “Neblina”, 2003. Livro de capa dura, folhas de papel vegetal (29,1 x 20,4 x 1,5 cm)

período:
exposição: “Victor Meirelles-Estudos Preparatórios e Retratos”
artista: Victor Meirelles
obras: estudos preparatórios
coleção: MVM
ações: exposição em homenagem aos 100 de morte de Victor Meirelles
curadoria: MVM
doação: sem doação

2004

período: 03 de março a 18 de abril 2003

exposição: "Noturnas – Fotografias"

artista: Álvaro Diaz

obras: 15 fotografia

coleção: do artista

ações: "Encontro com o artista" em 03 de março às 18h

curadoria: edital MVM

doação: "Sem título", 2004. Fotografia p/b sobre papel de gelatina de prata (40,5 x 30,3cm)

período: 23 de abril a 20 de junho

exposição: "Elisa Gunzi"

artista: Elisa Gunzi

obras:

coleção:

ações: "Encontro com a artista" 23 de abril 18:30h

curadoria: edital MVM

doação: "Sem título", sem data. Grafite sobre cartolina (70,2 x 98,1cm)

período: 23 de junho a 15 de agosto

exposição: "Mariana Silva da Silva - Litoral"

artista: Mariana Silva da Silva

obras: 12 dispositivos fotográficos

coleção:

ações: "Encontro com a artista"

curadoria: edital MVM

doação: "Encaixe", 2003. Fotografia colorida (20,5 x 23,5 x 2,5cm)

período: 18 de agosto a 17 de outubro

exposição: "Burle Marx – Croquis"

artista: Roberto Burle Marx

obras: 18 croquis em papel manteiga com lápis de cor, lápis de cera, grafite, nanquim, pilot, pastel e tinta mágica

coleção: escritório Burle Marx & Cia

ações: lançamento de livro de José Tabacow: "Roberto Burle Marx Arte & Paisagem"

curadoria: Escritório Burle Marx & Cia e MVM

doação: “Mistélia”, 1986. Litografia (60,8 x 79,8cm)

período: 20 de outubro a 12 de dezembro

exposição: “Carlos Asp”

artista: Carlos Asp

obras: 7 trabalhos em papel

coleção: artista e MVM

ações: “Encontro com o artista” em 22 de outubro às 18h, debate com Rafael Vogt Maia Rosa, Fernando Lindote e Raquel Stolf

curadoria: artista e MVM com texto de apresentação Rafael Vogt Maia Rosa

doação: “Superfície Saturada”, 2000. Aguada de nanquim sobre papel kraft reciclado (36,2 x 47cm)

2004/2005

período: 15 de dezembro de 2004 a 20 de fevereiro de 2005

exposição: “Amílcares – esculturas”

artista: Alexandre Monteiro

obras: 12 trabalhos em 2 versões (ampliações fotográficas e o livro cortado/dobrado)

coleção:

ações: “Encontro com o artista” dia 14 às 18h

curadoria: edital MVM com texto apresentação de Luiz Flávio

doação: “Sem Título, da série Amílcares”, 2002/03. Apropriação e intervenção em publicação de arte (30 x 25 x 10cm)

2005

período: 23 de fevereiro a 17 de abril

exposição: “Neuman Schutze”

artista: Neuman Schutze

obras: 30 desenhos a nanquim sobre papel

coleção:

ações: “Encontro com o artista” 23 de fevereiro às 18h

curadoria: edital MVM

doação: “Sem Título”, 2005. Nanquim sobre papel (150 x 262cm)

período: 27 de abril a 19 de junho

exposição: “Cidades Inventadas”

artista: Lela Martorano

obras: 12 fotografias

coleção:

ações: "Encontro com o artista" 27 de abril às 19h

curadoria: edital MVM

doação: "Sem título, da série Cidades Inventadas", 2005.

Fotografia colorida sobre PVC (60 x 70cm)

período: 22 de junho a 14 de agosto

exposição: "Museu das Vistas"

artista: Carla Zaccagnini proponente

obras: 30 desenhos, registros de vistas realizados a partir de outras pessoas pelo desenhista Cassius Clay

coleção: dos desenhos realizados

ações: "Encontro com o artista" 22 de junho às 18h

curadoria: edital MVM

doação: "Pequenos Formatos (Scottish Mountain)", 2003.

Fotografia colorida (20 x 25cm)

período: 17 de agosto a 16 de outubro

exposição: "Primeiras apresentações e pontuações recentes"

artista: Helio Fervenza

obras: gravuras e intervenções nas paredes em vinil recortado

coleção:

ações: "Encontro com o artista" Helio Fervenza e Yfta Peled (artista participando em "Diálogos com a Desterro") 17 de agosto às 18h

curadoria: artista e MVM

doação: "Sem Título", 1989. Xilogravura (51,0 x 42,5cm)

período: 19 de outubro a 11 de dezembro

exposição: "Permeáveis"

artista: Rubens Mano

obras: 3 instalações

coleção:

ações: "Encontro com o artista" em 19 de outubro às 18h e oficina teórica 20 e 21 de outubro das 14 às 18h "Entre a imagem e o espaço"

curadoria: artista e MVM

doação: sem doação

2005/2006

período: 14 de dezembro de 2005 a 19 de fevereiro de 2006

exposição: "Linhas do Sistema Criado"

artista: Malu Saddi

obras: 5 desenhos de caneta nanquim sobre papel

coleção:

ações: "Encontro com o artista" em 14 de dezembro às 18h

curadoria: edital MVM

doação: "Preciosos aos condutores extratores de vida de uma plumagem já falecida", 2005. Caneta nanquim sobre papel (70 x 100cm)

2006

período: 22 de fevereiro a 16 de abril

exposição: "A Lógica do Lugar"

artista: Marcela Gontijo

obras: 5 fotografias e colagem fotografica

coleção:

ações: "Encontro como artista" 22 de fevereiro 18h

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

período: 19 de abril a 15 de junho

exposição: "Bettina Vaz Guimarães - Desenhos"

artista: Bettina Vaz Guimarães

obras: acrílica sobre papel

coleção:

ações: "Encontro com o artista" em 19 de abril 18h

curadoria: edital MVM texto de apresentação Fernando Velasquez

doação: "Sem Título", 2005. Acrílica sobre papel (70,2 x 49,8cm)

período: 21 de junho a 10 de agosto

exposição: "O Museu entre gestos e registros dispersos"

artista: Letícia de Brito Cardoso

obras: registros fotográficos de ações durante a exposição: fio azul na borda do mar, lanternas em ruínas, acendendo velas

coleção: formada durante a exposição

ações: "Encontro com a artista" em 21 de junho e oficina

“Fotografia entre ações e registros” com a artista dias 27 e 28 de junho das 14 às 17h
 curadoria: edital MVM
 doação: “Oração— Intenção à Tarkovski”, 2005. Video11’ 36” e “Coleção de Nuvens”, 2003. Fotografia, adesivo, foto digital (20 x 14cm)

período: 18 de agosto a 06 de outubro
 exposição: “Estudo de trajes italianos”
 artista: Victor Meirelles
 obra: 12 aquarelas 1 retrato óleo sobre tela
 coleção: de Marcelo Collaço Paulo
 ações: conversa com o Prof. Dr Raul Antelo “Moda, modos, modernidade: a fita da História”
 curadoria: MVM
 doação: sem doação

período: 11 de outubro a 07 de dezembro
 exposição: “Leonilson – Deserto”
 artista: Leonilson
 obras: 41 trabalhos diversos em tecido, papel e um objeto
 coleção: Projeto Leonilson
 ações:
 curadoria: Ricardo Rezende do Projeto Leonilson e MVM
 doação: espadinha

período: 13 de dezembro de 2006 a 22 de fevereiro de 2007
 exposição: “Mariana Palma”
 artista: Mariana Palma
 obras: 16 obras (lápis e aquarela sobre papel)
 coleção:
 ações:
 curadoria: edital MVM
 doação: “Sem título”, 2005. Aquarela sobre papel (60,9 x 39,4cm).

2007

período: 28 de fevereiro a 19 de abril
 exposição: “Ana Elisa Dias Baptista - Ciranda”
 artista: Ana Elisa Dias Baptista

obras: 34 gravuras em metal

coleção:

ações: “Encontro com a artista” em 28 de fevereiro 18h

curadoria: edital MVM

doação: “Ciranda Negra”. 2006 Água-forte e Água-tinta (50,8 x 60cm) e “Ciranda”, 2001 Água-forte (53,5 x 63,2 cm).

período: 25 de abril a 14 de junho

exposição: “2a Natureza”

artista: Fabiana Wielewiski

obras: 7 fotografias

coleção: do artista

ações: “Encontro com a artista” em 25 de abril 18h

curadoria: edital MVM

doação: “Azul marinho: díptico”, 2007. Fotografia (50 x 140cm).

período: 20 de junho a 09 de agosto (devido à greve dos servidores do MinC a exposição prolongou-se até 13/09)

exposição: “Grátis - Renata de Andrade”

artista: Renata de Andrade

obras: Instalações, assemblages, pinturas e grafites

coleção:

ações: “Encontro com a artista” dia 20 18h

curadoria: edital MVM

doação: “Grátis”, 2007. Tinta acryl, látex e spray sobre caixa de papel (69,3 x 57,6cm).

período: 19 de setembro a 19 de outubro

exposição: “O Mestre e seu Discípulo: Tommaso Minardi e Victor Meirelles”

artistas: Tommaso Minardi e Victor Meirelles

obras: 15 desenhos de Minardi e 3 desenhos de Victor Meirelles

coleção: coleção particular e acervo MVM

ações:

curadoria: MVM

doação: Tommaso Minardi “ Due figure di vecchio seduto em compasso e tavoletta particolare dello stesso. (Duas figuras de um velho sentado com compasso e prancheta, detalhes), 1810-1820. Grafite e giz sobre papel (53 x 40,5cm). Doação de Carla Milano.

período: 24 de outubro a 06 de dezembro
exposição: "Martinho de Haro: Esboços de uma Cidade"
artista: Martinho de Haro
obras: 23 desenhos
coleção: da família
ações: Palestra com Fernando Boppré
curadoria: MVM
doação: sem doação

2007/2008

período: 12 de dezembro de 2007 a 20 de fevereiro 2008
exposição: "Estados da imagem: livros de artistas"
artista: Waltércio Caldas
obra: 4 livros de artistas
coleção: do artista
ações:
curadoria: Daniela Vicentini e Paulo Reis
doação: "O Livro Velazquez", 1996. Impressão off-set do livro-obra no 509 (27 x 31cm)

2008

período: 16 de abril a 20 de junho
exposição: "Grupo 2000 e 8"
artista: Ana Elisa Egreja, Bruno Dunley, Marcos Brias, Marina Rheingantz, Regina Parra, Renata de Bonis, Rodolfo Parigi, Rodrigo Bivar
obras: 8 trabalhos (um de cada artista)
coleção: dos artistas
ações: "Encontro com os artistas" em 16 de abril às 18h
curadoria: edital MVM
doação: sem doação

período: 25 de junho a 14 de agosto
exposição: "Luiz Rodolfo Annes - Por Trás da Pele"
artista: Luiz Rodolfo Annes
obras: 52 desenhos
coleção: do artista
ações: "Encontro com o artista" 25 de junho 18h

curadoria: edital MVM

doação: “Sem título, da série O Homem Permanecido”, 2003 (12 trabalhos) e “Sem título, da série Mergulho”, 2006 (7 trabalhos). Nanquim sobre papel(tamANHOS diversos)

período: 20 de agosto a 16 de outubro

exposição: “Sonetos – Luiz Henrique Schwanke”

artista: Luiz Henrique Schwanke

obras: 34 trabalhos em diferentes tipos de suporte

coleção: da família

ações: projeção do vídeo “À luz de Schwanke”, encontro com o curador em 20 de agosto às 18:30h, catálogo da exposição

curadoria: Charles Narloch

doação: sem doação

período: 22 de outubro a 04 de dezembro

exposição: “Lado B de Franklin Cascaes”

artista: Franklin Cascaes

obras: 10 desenhos

coleção: Museu de Arqueologia Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral - Marque

ações: encontro com o curador, centenário de nascimento do artista

curadoria: Fernando Lindote

doação: sem doação

2008/2009

período: 10 de dezembro 2008 a 20 de fevereiro 2009

exposição: “Daniel Senise - Trabalhos Recentes”

artista: Daniel Senise

obras: 7 obras em madeira, alumínio, colagem, acrílica e papel

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista” em 10 de dezembro às 18h

curadoria: MVM e artista

doação: “W.L.140 - setembro 08-07/09”, 2008. Colagem sobre impressão em jato de tinta (90 x 90cm)

2009

período: 05 de março a 17 de abril

exposição: “Gravuras”

artistas: Alex Gama, Amílcar de Castro, Ana Elisa Baptista, Carlos Asp, César A. Rossi, Dudi Maia Rosa, Flávia Fernandes, Hélio Fervenza, Jandira Lorenz, Júlia Iguti, Lú Pires, Lurdi Blauth, Marcelo Grasmann, Marta Berger, Paulo Carapunarlo, Roberto Burle Marx, Turi Simeti e Yara Guasque

obras: gravuras

coleção: acervo MVM, coleção XX /XXI

ações: catálogo da exposição; oficina prática - teórica “ Situar-se entre gravuras” com a professora Sandra Fávero da Universidade Estadual de Santa Catarina do nos dias 24, 25 e 26 de março

curadoria: MVM

doação: sem doação

período: 23 de abril a 12 de junho

exposição: “Uma Ave - Maria e Dois Pai-Nossos”

artista: Camila Barbosa

obras: 3 trabalhos

coleção: da artista

ações: “Encontro com o artista” dia 22 de abril às 18h

curadoria: edital MVM texto de apresentação Fernando Lindote

doação: sem doação

período: 25 de junho a 07 de agosto

exposição: “Gabinete”

artistas convidados: Alberto Peral, Aline Dias, Ana Elisa Egreja, Barbara Rodrigues, Cleverson Salvaro, Diego Rack, GuyAmado, Henrique Oliveira, Joana Corona, Julia Amaral, Lais Mihrra, Marcelo Amorim, Maria Carolina, Patricia B, Roberto de Freitas, Paulo Gaiad, Silvia Jáballi, Thiago Thomé, Veado Molhado

obras: objetos diversos, esculturas e desenhos

coleção: dos artistas

ações: “Encontro com os artistas” em 24 de junho às 18h

curadoria: Diogo de Moraes, Marcelo Campanini, Fabio Tremonte e Rafael Campos Rocha artistas proponentes

doação: sem doação

período: 18 de agosto a 16 de outubro
exposição: "Guto Lacaz: Serigrafias"
artista: Guto Lacaz
obras: 11 serigrafias
coleção: do artista
ações: conferência ilustrada com Guto Lacaz 19h
curadoria: MVM
doação: sem doação

período: 28 de outubro a 03 de dezembro
exposição: "Flávia Duzzo – Metadesenho"
artista: Flávia Duzzo
obras: desenhos
coleção: da artista
ações: "Encontro com o artista" 18h
curadoria: edital MVM
doação: sem doação

período: 09 de dezembro de 2009 a 18 de fevereiro de 2010
exposição: "Brigida Baltar – alguns vídeos, Algumas ações"
artista: Brigida Baltar
obras: 7 vídeos, 1 projeção de slides, 2 aquarelas, 1 áudio
coleção:
ações:
curadoria: artista e MVM
doação: sem doação

2010

período: 24 de fevereiro a 22 de abril
exposição: "Por onde passo, o que vejo e escolho"
artistas: Yara Dewachter
obras: 12 obras 80 x110cm em óleo, cera, acrílico, esmalte sobre madeira
coleção:
ações: "Encontro com a artista" às 19h
curadoria: edital MVM
doação: sem doação

período: 28 de abril a 17 de junho

exposição: “Deserto de Real”

artista: Milla Jung

obras: impressão, foto/objeto, fotografia com duas cadeiras, mesa de luz com sementes de palmeira imperial, caixa de luz com fotografias

coleção: da artista

ações: “Encontro com a artista” em 28 de abril 18h

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

período: 23 de junho a 12 de agosto

exposição: “O Olhar que roça a superfície”

artista: André Rigatti

obras: 13 serigrafias termo expandidas sobre lã

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista”

curadoria: edital MVM

doação: “Sem título”, 2009. Serigrafia termo expandida sobre lã (40x50cm)

período: 18 de agosto a 14 de outubro

exposição: “Fayga Ostrower: Densidade e Leveza”

artista: Fayga Ostrower

obras: 15 gravuras, 2 álbuns fotográficos, 1 álbum impresso, 12 objetos pessoais (3 rolos, 3 espátulas, 1 lima, 2 goivas, 1 rolo com telas)

coleção:

ações:

curadoria: Maria Luisa Távora e MVM

doação: “9506”, 1995 Gravura em metal (51,3 x

71,6cm). “9406”, 1994 Xilogravura (51 x 77cm). “9806”, 1996

Serigrafia (50,9 x 36,6/ 45,3x 30,8cm). “2101 e 2103”,

2001 Serigrafias (75,5 x 55,9cm). “8013”, 1980 Litografia (80 x 61cm)

período: 20 de outubro a 02 de dezembro

exposição: “Tiago Romagnani - Duração”

artista: Tiago Romagnani

obras: uma escultura (uma máquina betoneira), fotografias, um vídeo, circuito e resistência elétrica

coleção:

ações: encontro com o artista 20 de outubro 19h

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

período: 08 de dezembro de 2010 a 17 de fevereiro de 2011

exposição: "Ontem o dia estava assim e outras anotações"

artista: Elke Pereira Coelho Santana

obras: 54 obras em monotipias e aquarelas

coleção:

ações:

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

2011

período: 22 de fevereiro a 20 de abril

exposição: "Arte no cotidiano acerca do colecionismo"

artistas: Rodrigo de Haro, Eli Heil, Rodrigo Cunha, Luiz Henrique Schawanke, Paulo Pasta, Carlos Asp, Martinho de Haro, Julia Amaral, Walmor Corrêa, Paulo Gaiad, Fernando Lindote, Daniel Senise, Farnese de Andrade, Ibere Camargo, Gabriela Machado, Victor Meirelles de Lima

obras: 20 obras

coleção: Sr. Ylmar Correa

ações: mesa redonda Coleção e Colecionadores com Vera Maria de Alencar, Ylmar Correa Neto, Pericles Prade, Marcelo Collaço Paulo; encontro com os artistas: Fernando Lindote, Paulo Gaiad, Rodrigo Cunha, Rodrigo de Haro, Carlos Arp, Julia Amaral

curadoria: Ylmar Correa, Fernando Bopré e MVM

doação: "Vue de L'Ile de Ste Catherine", 1799 (data da publicação) Gravura sobre papel. Autor Gaspard Duché de Nancy (desenho), Le plagelet (gravação). Doação feita por Ylmar Correa, 2012

período: 27 de abril a 23 de junho

exposição: "Simpatia"

artista: Diego de Los Campos

obras: 4 videos um objeto cinético

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista” dia 27 18h

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

período: 29 de junho a 11 de agosto

exposição: “O espectador fotográfico: Zenon Piéters”

artista: Patricia Franca–Huchet

obras: 30 fotografias

coleção:

ações: “Encontro com a artista” em(29 de junho às 18h

curadoria: edital MVM, texto de apresentação Rosangela

Cherem e Zenon Piéters

doação: sem doação

período: 18 de agosto a 6 de outubro

exposição: “Turista Transcendental”

artista: Rosangela Rennó

obras: 7 videos

coleção: da artista

ações: “Encontro com a artista” em 18 de agosto 18h

curadoria: MVM e artista

doação: “Anuloma – Viloma Azteca”, 2011 (26’41”) – “Bouk [Ring/Loop]”, 2009 (111’) – “Kundalini Freedom”, 2011 (11’29”) – “Uyuni Sutra”, 2011 (23’14”) – “Vera Cruz”, 2000 (44’). Todos os trabalhos em vídeo monocal, HDV/DVD Disc NTSC-Color/sound

período: 19 de outubro a 1o de dezembro

exposição: “Corpos Associados”

artista: Flávia Metzler

obras: 11 obras óleo sobre tela

coleção: da artista e particular

ações: “Encontro com a artista” 19 de outubro 18h

curadoria: edital MVM

doação: “A flor pelágica”, 2010. Óleo sobre linho (40 x 50cm)

período: 5 de dezembro a 10 de dezembro

exposição: “Projeto Armazém”

artistas: Adriana Barreto - Adriana dos Santos - Alinde

Korsett - Aline Dias - Álvaro Diaz - Ana Carla de Brito - Ana Castello Branco - Ana Viegas - André Mariani - Andréia Regina - Aninha Zarling - Anne Santilli - Augusto Benetti - Bill Lühmann - Breno Silva - Bruna Mansani - Carlos Asp - Clara Fernandes - Claudia Lira - Claudia Zimmer - Diego de los Campos - Diovane Riedel - Elaine Franzon - Elaine Schmidlin - Elenice Berbigier - Eliane Veiga - Emanuela Mello - Fabiana Mateus - Fabio Morais - Fê Luz - Fernanda Hoffmann - Fernanda Trentini - Fernando Weber - Florence Green - Fran Fávero - Francisco Warmling - Gabriel Barbi - Gabriel Garavello - Gabriel Pundek Scapinelli - Gabriela Caetano - Glauco Ferreira - Gleyce Cruz - Guilherme Bruno dos Santos - Helena Werner - Hélio Fervenza - Iam Campigotto - Isadora Machado - Joana do Amarante - Julia Amaral - Juliana Crispe - Kelly Kreiss - La Osnofa - Lara Montechio - Lilian Barbon - Louise Ganz - Luize Cornelius - Márcia Nitibailoff - Márcia Sousa - Maria Adelina Costa - Maria Araújo - Maria Ivone dos Santos - Mariel Maciel - Marina Moros - Marília de Borba - Monique Bens - Nara Milioli - Nicole Lima - Pamella Eqa - Priscilla Menezes - R Rosa - Raquel Ferreira - Raquel Stolf - Rita Eger - Rocha - Rosana Bortolin - Sandra Checluski - Sandra Correia Favero - Sandra Souza - Silmar P. - Silvana Macedo - Silvia Carvalho - Silvia Teske - Sonia Brida - Sonia Moro - Susano Correia - Tâmará Willerding - Tânia Bloomfield - Valmir Knop Jr - Vanda Kair - Vanessa Shultz - Vini Domingues - Vinicius Nepomuceno de Oliveira - Zulma Borges

obras: 112 trabalhos

coleção: dos artistas

ações: venda dos trabalhos

curadoria: Juliana Crispe

doação: sem doação

2011/2012

período: 14 de dezembro 2011 a 16 de fevereiro 2012

exposição: "Lugares da Memória"

artista: Maririla Diaz e Consuelo Sclichta

obra: 1 instalação, 2 fotografias, 4 gavetas expográficas, 1

instalação

coleção:

ações:

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

2012

período: 29 de fevereiro a 11 de abril

exposição: “A cada peça um universo: a construção de uma coleção de arte”

artistas por módulos:

módulo “Um pouco de tudo” : Amilcar de Castro, Alvaro Diaz, Fernando Lindote, Lú Pires, Jandira Lorenz, Gerson Tavares, Elke Hering, Roberto Burle Max, Bettina Vaz Guimarães, Marcelo Grassmann, Renata de Andrade, Luiz Rodolfo Annes;

módulo “Livros” : Roberto de Freitas, Waltércio Caldas;

módulo “diálogo com a Desterro”: Aldo Nunes, José de Quadros, Gilda Vogt Maia Rosa, Aldo Beck, Hassis, Sérgio Bonson, Tarcisio Mattos, Daniel Acosta, Julia Amaral, Fabiana Wielewicki, Carlos Asp;

módulo “Dialogos com a Desterro”; Aldo Nunes, Tarcisio Mattos, Daniel Acosta, Julia Amaral, Fabiana Wielewicki, Gilda Vogt Maia Rosa, Sérgio Bonson,

coleção: acervo MVM coleção XX/XXI

ações:

curadoria: Fernando Bopré e MVM

doação: sem doação

período: 26 de abril a 13 de junho

exposição: “Você qua faz verso”

artista: Walmor Correa

obras: objetos/pássaros taxomizados, esculturas e desenhos

coleção: do artista

ações: encontro com o artista em 26 de abril às 18h

curadoria: artista e MVM

doação: sem doação

período: 27 de junho a 09 de agosto

exposição: “Tudo começa com C”

artistas: Bill Luhmann

obras: série de desenhos reduzidos, que registram o processo de coletar, colecionar e classificar objetos

coleção: do artista

ações: “Encontro com o artista” em 27 de junho às 18h

curadoria: edital MVM

doação: sem doação

período: 18 de agosto a 16 de setembro

exposição: “180 anos de nascimento de Victor Meirelles”

artistas: Victor Meirelles e Tommaso Minardi (professor de desenho de VM) e alunos de VM na Academia Imperial de Belas Artes AIBA: Antonio Diogo da Silva Parreira, Belmiro de Almeida, Décio Rodrigues Villares, Eliseu D’Angelo Visconti, Oscar Pereira da Silva, Sebastião Vieira Fernandes, Pedro Peres

obras: óleos sobre tela e sobre madeira, aquarelas

coleção: acervo MVM coleção VM e coleção particular de Sara Regina Poyares dos Reis

ações: 14 de agosto cerimônia de doação de obras por Sara Regina Poyares dos Reis; 21 de agosto Palestra com Moacir dos Anjos; 22 de agosto sessão solene em lembrança a VM na Assembléia Legislativa; 23 e 24 de agosto Oficina Teórica: A arte brasileira no final do século XIX, modernidades possíveis, com Leticia Squeff (UNIFESP); Projeto Estação da Música.

Exposições Itinerantes comemorativas

curadoria: MNBA

doação: “Natureza-morta” de Oscar P. Silva, sem data, aquarela sobre papel (29,8 x 30,9cm); “Barco à vela” de Belmiro de Almeida, 1915 óleo sobre madeira (13,5 x 17,8cm); “Cabeça de Mulher”, sem data de Décio Rodrigues Villares, óleo sobre madeira (19,9 x 18,9cm); “Embarcações”, 1921 de Antonio Diogo da Silva Parreiras, aquarela sobre papel (20,6 x 30,0cm); “Estudo de nu masculino”, 1893/94 de Eliseu D’Angelo Visconti (44,3 x 32,3cm); “Estudo de traje italiano”, 1853/56 de Victor Meirelles, óleo sobre tela (30,5 x 18cm); “Sem título”, sem data de Oscar Pereira da Silva óleo sobre madeira (15,5 x 14,5cm) Todas as obras doadas por Sara Regina Poyares dos Reis tirar não tem conexão.

período: 17 a 21 de dezembro
 exposição: MAR QUE FALTA
 artistas: Raquel Stoff, Luciano Boletti, Flavia Fernantes,
 Grupo Fora, Edmilson Vasconcelos
 obras: filmes, performance, instalação,
 ações: defesa de trabalho de Conclusão de curso, projeto
 Mapeando a Ilha, Artempé e Mostra de Filmes de Paulo
 Bruscky, estreia do filme Caminhos de Valda, Zuleika
 Zimbábue
 curadoria: Fernando Bopré
 doação: sem doação

2012/2013

período: 15 de novembro de 2012 a 15 de fevereiro de 2013
 exposição: “Viagem em torno do Museu: 60 anos de Museu
 Victor Meirelles”
 artistas por módulos:
 Um Prelúdio: Victor Meirelles;
 módulo1: Plano de Viagem/ Projeto de Navegação: Victor
 Meirelles, Marta Berger, Yara Guasque, Lú Pires, Leticia de
 Brito Cardoso;
 módulo 2: “ Visões do Novo Mundo”: Victor Meirelles, Paulo
 Gaiad, José de Quadros, Lela Martorano, Ana Elisa Dias
 Baptista, Marcelo Grassmann
 obras: desenhos, gravuras, pinturas
 coleção: acervo do MVM, coleção VM e coleção XX/XXI
 ações: visitas guiadas; palestras; lançamento; projeção; carta
 convite para cerimônia de abertura e convite a visita guiada ao
 curso de Museologia da UFSC
 curadoria: Fernando Boppré e MVM
 doação: sem doação

2013

período: 22 de fevereiro a 12 de maio
 exposição: “Cinema do Acaso”
 artistas: Dirnei Prates e Nelson Pellenz
 obras: 5 trabalhos em video e seis livros de artista em fotografia
 coleção: dos artistas
 ações:

curadoria: edital MVM
doação:

período: 15 de maio a 28 de julho
exposição: "Palavras Fluídas"
artistas: Erica Kaminshi
obras: 10 trabalhos em desenho e colagem sobre papel
coleção: do artista
ações: "Encontro com o artista" 15 às 19h
curadoria: edital MVM
doação: "Paisagens sobre Fuji 22", 2013. Desenho e colagem sobre papel (29,5 x 21cm)

período: 7 de agosto a 18 de agosto
exposição: "Situação no 1"
artista: Raquel Stolf
obras: instalação; quatro ratos brancos de borracha
coleção: Centro Cultural de Jaraguá do Sul
ações: "Encontro com a artista"
curadoria: da artista e MVM
doação: sem doação

período: 21 de agosto a 27 de outubro
exposição: "Li vros"
artista: Giba Duarte
obras: 24 trabalhos em desenho com grafite sobre papel algodão, fotografia e técnica mista, vídeo
coleção: do artista
ações: "Encontro com o artista" dia 21 18h
curadoria: Fernando Boppré
doação: sem doação

período: 21 de agosto a 04 de outubro
exposição: "Persona"
artista: Carlos Asp
obras:
coleção: do artista e de particulares
ações: "Encontro com o artista"
curadoria: Fernando Boppré
doação:

2013/2014

período: 12 de novembro de 2013 a 15 de fevereiro de 2014

exposição: “ruidosilenciosos” dentrofora”

artistas: Helio Fervenza

obras: fotografia, fitas, adesivo vinílico

coleção:

ações: “Encontro com o artista” 11 de novembro às 18h

curadoria: artista e MVM texto de Juciele Lunkes

doação: “Ruidosilenciosos dentrofora”, 2013. Fotografia, fitas e adesivo vinílico

2014

período: 22 de fevereiro a 3 de maio

exposição: “Eli Heil em Branco e Preto”

artista: Eli Heil

obras: 24 desenhos

coleção: do artista e do Sr. Ylmar Correa

ações: “Encontro com a artista” dia 22 às 11h comemoração de 50 anos de carreira da artista, a data escolhida foi em homenagem a Victor Meirelles que faleceu em 22 de fevereiro

curadoria: Eli Heil e MVM

doação: sem doação

período: 17 de julho a 14 de agosto

exposição: Carlos Scliar e Amador Perez - “Novas Aquisições”

artistas: Carlos Scliar e Amador Perez

obras: “A taça de vinho”, de J. Vermeer (serie: de I a VIII) de Amador Perez e “Telhados de Ouro Preto” (Exemplar 101/200-9) de Carlos Scliar

ações: exposição para mostrar as duas novas aquisições

curadoria:

doação: as duas obras

período: 18 de agosto de 2014 a 13 de abril de 2015

exposição: “O Fascínio da Italia, acervos em conexão”

artistas: Victor Meirelles, João Zefferino da Costa, Henrique Bernardelli (professores da Escola de Belas Artes em período de estudo na Italia).

obras: estudos preparatórios – 12 desenhos
 coleção: MNBA
 ações: Projeto Acervos em Conexões
 curadoria: Curadoria compartilhada MVM Lourdes Rossetto e
 MNBA Mônica Xexéo
 doação: sem doação

2015

período: 15 de abril a 13 de junho
 exposição: “Entorno” - Projeto memória em trânsito
 artista: Fernando Lindote
 obras: 5 trabalhos escolhidos que de alguma maneira
 “gravitam” em torno de uma obra pertencente ao acervo do
 MVM
 coleção: acervo do artista e de coleções particulares como de
 Ylmar Correa e Antonio Carlos de Barros
 ações: “Encontro com o artista” em 15 de abril às 19h
 curadoria: MVM e o artista
 doação: sem doação

período: 17 de junho a 08 de agosto
 exposição: “Ter as costas livres” Projeto memória em
 trânsito
 artista: Julia Amaral
 obras: 20 trabalhos entre fotografia e objetos
 coleção:
 ações: “Encontro com o artista” em 17 de junho às 19h mesa
 redonda no dia 14 de julho com o título “A Poética da Espreita:
 Julia Amaral com discussão da trajetória da artista.
 curadoria: MVM e a artista
 doação: sem doação

período: 18 de agosto a 17 de outubro
 exposição: “Som e Fúria: A Guerra do Paraguai descrita por
 Victor Meirelles”
 artista: Victor Meirelles
 obras: total de 19 desenhos: 12 estudos do Combate Naval do
 Riachuelo, 7 estudos da Passagem do Humaitá.
 coleção: MVM e MNBA
 ações: doação de obra do artista León Cogniet (professor de

VM em Paris) por Marcelo Collaço Paulo; debate: “Nosso passado de absurdos gloriosos: 150 anos do combate Naval do Riachuelo”; com os professores Waldir José Rampinelli, Rita Matos Coutinho e Sérgio Medeiros (UFSC)

curadoria: Mônica Xexéo

doação: sem doação

período: 20 de outubro a 24 de outubro

exposição: “Armazém” 6a edição

artistas: Adriana Santos, Adriane Kirst, Adson Loth, Ágata Tomaselli, Alvaro diaz, Ana Pi, Ana Carmolingo, Ana Carolina Ferreira, Ana Castello Branco, Andressa Proença, Anne Isabel, Antonio Carlos Siva, Augusto Benetti, Augusto Murad, Bebeto, Betânia Silveira, Bianca Caroline Schweitzer, Bil Luhmann, Breno Silva, Bruna Maresch, Bruno Bachmann, Cassio Markowski, Camila Argenta, Carolina Barreiros, Clara Fernandes, Claudia Lira, Claudia washington, Claudia Zimmer, Coletivo Toca, Cristine Bhadram, Cultura e Barbárie, Dan Pfeifer, Denilson Antonio, Diego De Los Campos, Diego Passos, Duda Desrosiers, elaine Maritsa, Elaine Shmidlin, Elenice Berbigier, Eliane Veiga, Emanuela Figueira Mello, Fabiana mateus, Fabio Dudas, Fabio Moraes, Fabíola Scaranto, Fabricio Garcia (Manohead), Fê Luz, Fernando Boppré, Fernando Weber, Flã Coletivo, Fran Favero, Francisco Warmiling, Gabi Bresola, Gabriel Garavello, Gabriela Hermenegildo, Giba Duarte, Glauco Ferreira, Grupo DesIOCC, Guilherme Ribeiro, Gleyce Cruz, Helena Werner,

obras: mais de 100 trabalhos e proposições

coleção: dos artistas

ações: lançamento selo Armazém, feira de múltiplos no Largo Victor Meirelles dia 24 de outubro das 10h às 16h

curadoria: Juliana Crispe e Marina Moros

doação: sem doação

período: 28 de outubro a de 12 dezembro

exposição: “Anotações a Caminho”

artista: Paulo Gaiad

obras: 16 trabalhos

coleção: do arista, de Sra. Celia Regina Moura de Souza Farias

e do Sr. Ylmar Correa

ações: “Encontro com o artista” dia 28 de outubro às 18h;
seminário em 17 de novembro às 19h: “A Poética da Viagem”
com o artista Paulo Gaiad, o professor do curso de Cinema da
UFSC Luis Felipe Soares e Fífo Lima autor do livro “Paulo
Gaiad: Vida e Arte”

curadoria: MVM e do artista

doação: sem doação

2015/2016

período: período: 16 de dezembro a 20 de fevereiro

exposição: “Múltiplos”

módulo 1: “Ao Correr da Máquina” – 5 trabalhos executados
para serem publicados no jornal Notícias do Dia, terças feiras
dias 22, 29 de dezembro e 5 de janeiro

módulo 2: “Múltiplos em Coleções”, apresentados no espaço
expositivo do MVM trabalhos provindos de coleções públicas e
particulares

artistas por módulos:

módulo 1 “Ao Correr da Máquina” Leticia Cardoso, Alexandre
Sequeira, Fran Favero, Raquel Stolf, Franzoi

módulo 2 “Múltiplo em Coleção” Carlos Sciar, Leonilson,
Waltércio Caldas, Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Cildo
Meireles, Yoko Ono, Priscila Menezes, Man Ray, Alighier e
Boetti, Antonio Muntadas, Bernd e Hilda Becker, Carla
Zaccagnini e Almicar Parcker, Claudio Trindade, Diego
Rayck, Claudio Tozzi, Fabiana Wielewicki, Fernando
Lindote, Georg Baselitz, Guga Ferraz, Guto Lacaz, Jenny
Granado, Jenny Holzer, Jorge Mena Barreto, Julia Amaral,
Joseph Beuys, Lawrence Weiner, Lucila Vilela e Eduardo
Jorge, Livio Abramo, Magda Gebhardt, Oswaldo Goeldi,
Plataforma Par(ent)esis, Ricardo Basbaum, Richard Serra,
Rirkrit Tiravanija, Renata Patrão, Rochelle Costi, Traplev,
Turi Simeti, William Kentridge

obras: mais de 40 trabalhos

coleção: MVM, particulares: Célia Faria, Ylmar Corrêa Neto,
Regina Melim, Lucila Vilela, Myrene Vlavianos

ações: conversa com a editora do jornal Notícias do Dia:
Dariene Pasternak, a artista Leticia Cardoso, a galerista Myrine
Vlavianos, a professora, pesquisadora e colecionadora Regina

Melim no dia 16 de dezembro às 19h
 curadoria: MVM, AAMVM Leticia Cardoso, co-curadoria:
 Dariene Pasternak do jornal Notícia do Dia
 doação: aquisição das folhas do jornal onde foram impressos
 os trabalhos dos 5 artistas convidados para o módulo 1 da
 exposição.

2016

período: 1o de março a 28 de abril
 exposição: Abruções
 artista: Célio Braga
 obras: trabalhos tridimensionais
 coleção: do artista
 ação: “Encontro com o artista” 1o de março às 19h
 curadoria: Hércules Martins
 doação:
 local: Fundação Badesc (2016 a sede do MVM é fechada para
 reformas)

período: 14 de junho a 14 de outubro
 exposição: Artistas Catarinenses no Acervo do Museu
 Victor Meirelles
 artista: Aldo Beck, Aldo Nunes, Álvaro Dias, Carlos Asp,
 Carlos Franzoi, Elke Hering, Fabiana Wielewicki, Fernando
 Lindote, Flávia Fernandes, Hassis, Helô Spada, Jandira
 Lorenz, Júlia Amaral, Júlia Iguti, Letícia Cardoso, Lú Pires,
 Paulo Gaiad, Raquel Stolf, Roberto Freitas, Rubens
 Oestroem, Ruy Kronbauer, Sérgio Bonson, Sérgio Ferro,
 Tarcísio Mattos, Victor Meirelles, Yara Guasque
 obras: gravuras, desenhos, pinturas, fotografias, técnica mista
 coleção: MVM
 ação: parceria entre o MVM e a Universidade UNIVALI
 curadoria: MVM
 doação: sem doação
 local: Univali - Espaço Multiuso. Anexo à Reitoria - Campus
 Itajaí

período: 18 de agosto a 10 de dezembro
 exposição: Porto Alegre, Victor Meirelles e Agostinho da
 Motta: Paisagem e Memória

artista: Manoel de Araujo Porto Alegre, Victor Meirelles e Agostinho da Motta
obras: 7 pinturas
coleção: MNBA
ação: 184 anos do nascimento de Victor Meirelles encontro com Mário Cesar Coelho (doutorado em Victor Meirelles e seus panoramas)
curadoria: MVM
doação: sem doação
local: sede provisória do MVM na Rua Rafael Bandeira, 41 Florianópolis

período: 14 de dezembro a 11 de fevereiro
exposição: Y/Rembe'y
artista: Fran Favero
obras: vídeos, sons, instalações e publicações
coleção: do artista
ação: "Encontro com a artista" 14 dezembro 18 h
curadoria: artista e MVM
doação:
local: sede provisória do MVM Rua Rafael Bandeira, 41 Florianópolis

ANEXO A – PROJETO VICTOR MEIRELLES



A S S O C I A Ç Ã O

Victor Meirelles

Rua Victor Meirelles, 59 - Florianópolis - SC
CEP 88.010 - 440 - Tel. (048) 23-0883

ASSOCIAÇÃO VICTOR MEIRELLES

- PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DA CASA NATAL

- PROJETO EDUCATIVO - CULTURAL

- ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO

A handwritten signature in blue ink, consisting of a stylized 'e' followed by a series of vertical strokes and a long diagonal line extending upwards and to the right.

dez. 1991

**PROJETO DE
REESTRUTURAÇÃO
DA CASA NATAL**

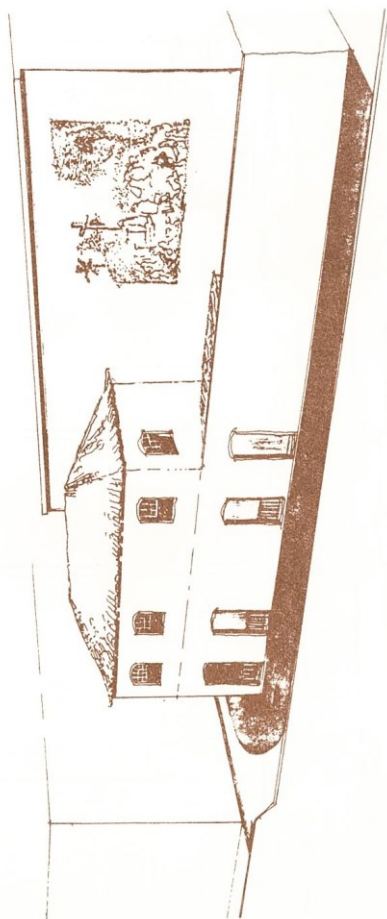
A handwritten signature in blue ink, consisting of a stylized cursive script with a long horizontal stroke extending to the left and a sharp upward stroke to the right.

O mundo da antiga cidade do Desterro permaneceu no artista; as suas luzes viveram sempre em sua retina; e a sua História vai sempre ter uma página para aquele menino franzino da Ilha de Santa Catarina.



Casa de Victor Meirelles em Florianópolis, Estado de Santa Catarina

Reestruturação do espaço urbano de Cafa natal de Victor Murgelias



Arquiteta

Uzo Cordeiro Typa Arquitecto

Proposta para a empresa. 3

Restauração do espaço urbano da casa natal de Victor Meirelles



Trabalho de qualificação
para o curso de arquitetura
na Universidade Federal do Rio de Janeiro
1980 x 1981

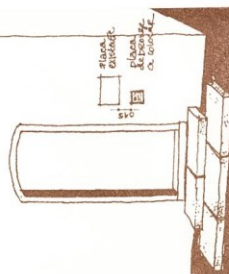
Walter Cordeiro, arquiteto



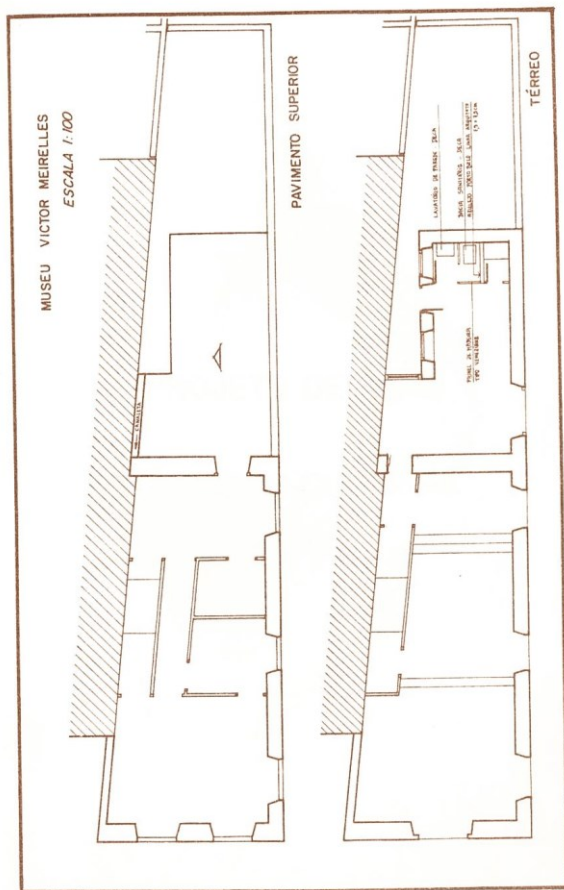
elevação



fachada



fachada para a vista sul



ANEXO B - POLÍTICA DE ACERVOS DO MUSEU VICTOR MEIRELLES/IBRAM – MINUTA Nº 1

Prezado(a) participante do 1º Seminário de Política de Acervos,

Empenhados em elaborar um documento que registre, normatize e norteie a Política de Acervos do Museu Victor Meirelles, foi criado no final de 2011 um grupo de estudos com o objetivo de promover uma sistemática de trabalho em torno deste assunto. Um dos eventos que surgiram desta iniciativa é o 1º Seminário de Política de Acervos.

Entendendo que a participação de todos na construção desta política só tende a enriquecer o documento final que está sendo elaborado, a equipe do Museu Victor Meirelles solicita a contribuição dos participantes do Seminário com suas avaliações, críticas e sugestões para a produção do texto final.

A minuta do documento está disponível no arquivo em anexo e no site do Museu: www.museuvictormeirelles.gov.br

As contribuições devem ser enviadas para o email:
mvm.acervo@museus.gov.br

Obrigado,

Equipe do Museu Victor Meirelles

Política de Acervos do Museu Victor Meirelles/IBRAM

MINUTA N° 1

Florianópolis, 20 de setembro de 2012.

1. Objetivos

1.1. A Política de Acervos do Museu Victor Meirelles/IBRAM (MVM) reúne diretrizes gerais para conceituação e gerenciamento dos acervos arquivístico, bibliográfico e museológico¹ da instituição por meio da estruturação de processos e procedimentos técnicos para aquisição, documentação e descarte das coleções.

1.2. A Política de Acervos do MVM tem por objetivos:

- a) definir critérios éticos para aquisição, preservação, pesquisa, comunicação e descarte de acervos;
- b) organizar os acervos em coleções definindo sua classificação, seus fundamentos conceituais e seus objetivos;
- c) dispor à sociedade um documento público que evidencie a abordagem do MVM sobre seus acervos.

2. Referências

2.1. A Política de Acervos do MVM está em consonância com princípios, objetivos e obrigações resultantes de encontros e convenções internacionais nas áreas de Patrimônio e Museologia bem como com diretrizes e publicações organizadas por instituições reconhecidas na área, em especial a Recomendação de Paris quanto a Propriedade Ilícita de Bens Culturais (1964), o Código de Ética do ICOM para museus (Seul, 2004) e a Declaração de Princípios de Documentação em Museus (*Statement of Principles of Museum Documentation*, CIDOC/ICOM, 2007).

2.2. A Política de Acervos do MVM adequa-se à legislação internacional, nacional e regional vigente relativa à preservação e à promoção do patrimônio cultural, em especial as determinações estabelecidas pela Lei n° 11.904, de 14 de janeiro de 2009 e pela Portaria IBRAM n° 231, de 29 de julho de 2011.

2.3. A Política de Acervos do MVM reconhece e se inspira nas diretrizes desenvolvidas no parecer técnico "*Diretrizes preliminares para formulação de Política de Aquisição de obras de arte para o Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC*" de 27 de novembro de 2009 (Anexo 1) e se baseia em conhecimentos e experiências acumuladas e compartilhadas entre a comunidade museológica no Brasil e no exterior.

¹ Esta minuta se dedica, neste momento, apenas à reflexão sobre o acervo museológico do MVM. Em breve, serão redigidos os blocos relativos ao acervo arquivístico e bibliográfico.

3. Diretrizes gerais para aquisição e descarte

3.1. O MVM adquire, preserva e promove suas coleções de forma a contribuir para o estudo e a valorização do patrimônio cultural. A gestão de acervos e seus diferentes usos estão a serviço da sociedade, por ela requeridos e fiscalizados.

3.2. O MVM somente poderá adquirir acervos que estejam de acordo com as diretrizes estabelecidas por esta Política de Acervos. O MVM tem a prerrogativa de negar quaisquer condições especiais impostas por outra parte no processo de aquisição, independentemente da qualidade do bem ou do renome das pessoas ou instituições envolvidas. Quando houver necessidade, tais condições deverão ser estabelecidas em parceria, sem ferir a missão e as políticas estabelecidas no Plano Museológico do MVM.

3.3. O MVM irá analisar o estado de conservação do acervo antes de instaurar o processo para aquisição. Quaisquer riscos à integridade e à conservação dos demais acervos do MVM devem ser evitados. Nenhum acervo será adquirido caso apresente dimensões, suporte físico e materiais incompatíveis com a capacidade do MVM em preservá-los.

3.4. A aquisição de acervos implica em transferência total do direito de propriedade e da posse sobre o item adquirido, excluídas as formas de comodato e depósito temporário, com gestão autônoma e direito de uso de imagem para atividades fins do MVM previstas em seu Plano Museológico.

3.5. O Comodato e o Depósito não compreendem aquisição ou descarte de acervo pelo MVM. Nos dois casos, tanto para entrada quanto para a saída de acervo, não há alteração no direito de propriedade sobre o bem.

3.6. O descarte compreende a exclusão do direito de propriedade do MVM sobre o acervo, do direito de posse e da responsabilidade pela sua segurança, preservação, exposição e uso de imagem.

4. Diretrizes para aquisição e descarte de acervo museológico

4.1. Para todos os modos de aquisição e para descarte de bens museológicos, cabe ao MVM reunir toda documentação necessária, verificar a exatidão das informações sobre o bem, desenvolver justificativa para aquisição ou descarte e encaminhar processo à Comissão de Avaliação de Acervos (Capítulo 5), que julgará deferimento ou indeferimento em reunião.

4.2. O acervo museológico poderá ser adquirido nos seguintes modos: **doação** (de particulares e instituições não vinculadas ao IBRAM), **transferência** (de outras unidades museológicas vinculadas ao IBRAM), **legado** (por testamento) e **compra** (conforme Portaria IBRAM nº 231, de 29 de julho de 2011).

4.3. O descarte resulta no cancelamento do N° de Inventário do item e em sua retirada das dependências do MVM.

4.4. O MVM somente poderá descartar um bem museológico caso seu estado de conservação esteja irreversível por consequência de catástrofes naturais ou de sinistros causados pelo homem que resultem na impossibilidade de identificação do bem.

4.5. Em caso de readequação da missão e dos objetivos do MVM, do foco das coleções e consequente inadequação às diretrizes estabelecidas pela Política de Acervos, nenhum bem museológico de propriedade do MVM poderá ser descartado, pois serve como documento da história da instituição, dos diferentes interesses e atuações ao longo de sua trajetória.

4.6. A realização de permuta de acervo museológico com outra instituição não será adotada pelo MVM, uma vez que não se adequa aos critérios de descarte estabelecidos por esta Política de Acervos.

4.7. O MVM não poderá descartar bens museológicos desaparecidos. Cabe ao MVM registrar as informações necessárias no *Cadastro de Bens Musealizados Desaparecidos* do IBRAM e publicizar o bem desaparecido.

5. A Comissão de Avaliação de Acervos

5.1. São atribuições da Comissão de Avaliação de Acervos:

- a) dar continuidade e promover atualizações à Política de Acervos;
- b) acompanhar e deliberar sobre a formação (seleção, aquisição e gestão) dos acervos arquivístico, bibliográfico e museológico;
- c) avaliar sugestões/solicitações e indicar bens para aquisição;

5.2. A Comissão de Avaliação de Acervos será formada da seguinte forma:

a) Membros permanentes:

I – o(a) diretor(a) do MVM;

II – 2 (dois) integrantes da equipe técnica do MVM;

b) Membros não permanentes:

III – 1 (um) representante da Associação de Amigos do Museu Victor Meirelles;

IV – 1 (um) ou mais especialistas com reconhecida atuação na área, conforme acervo e situação a serem avaliados.

5.3. Os membros permanentes da Comissão deverão ser nomeados por meio de portaria por ato da direção do MVM.

5.4. Caberá à Comissão de Avaliação de Acervos convidar os membros não permanentes a depender da tipologia de acervo a ser analisado.

5.5. A Comissão de Avaliação de Acervos poderá consultar demais servidores do MVM e/ou outros profissionais externos para alimentar as discussões e auxiliar na tomada de decisões sobre a gestão de acervos do MVM.

5.6. A Comissão de Avaliação de Acervos realizará anualmente 01 (uma) reunião ordinária e poderá realizar reuniões extraordinárias sempre que necessário. A convocação das reuniões extraordinárias poderá ser realizada por qualquer um de seus membros.

5.7. Todos os membros da Comissão de Avaliação de Acervos terão direito a voto nas reuniões.

5.8. As análises e decisões da Comissão de Avaliação de Acervos tomadas em reunião devem ser registradas em ata, parecer técnico ou documento similar, devidamente datado e assinado pelos integrantes.

5. Acervo Museológico

Caracterização do acervo museológico

5.1. Considerando que:

- a) o núcleo inicial do acervo do MVM é formado por obras de arte de Victor Meirelles de Lima com caráter de estudos, esboços e cópias oriundos da cessão do Museu Nacional de Belas Artes a partir do ano de 1951;
- b) as aquisições do MVM e as doações realizadas por colecionadores particulares são, em sua maior parte, de estudos e esboços de Victor Meirelles de Lima;
- c) o MVM percebe a necessidade de atribuir sentido e organicidade às coleções, sobretudo as obras adquiridas a partir de 1994, por meio de compras e de doações realizadas por artistas, em especial as participantes do Projeto de Exposições Temporárias²;
- d) há interesse e oportunidade atual de estruturar uma vertente do acervo como referência no fazer artístico, reunindo estudos, esboços, cópias e processos no âmbito das artes visuais;
- e) a estrutura física do MVM é de pequeno porte, sem amplos espaços de exposição e Reserva Técnica;

5.2. O acervo museológico será organizado em duas coleções: “Coleção Victor Meirelles” e “Coleção XX/XXI”.

5.3. A *Coleção Victor Meirelles* visa preservar e estudar a produção artística de Victor Meirelles de Lima, de seus professores, alunos e coetâneos com o objetivo de conhecer, interpretar e difundir a produção artística, o sistema de ensino/aprendizagem e os paradigmas estéticos, históricos e sociais do século XIX.

5.4. A *Coleção Victor Meirelles* é formada por:

- a) Obras de arte de Victor Meirelles de Lima;
- b) Obras de arte de professores, alunos e coetâneos a Victor Meirelles de Lima;
- c) Obras de arte de artistas do século XIX e de períodos anteriores que retratem a vila de Nossa Senhora do Desterro, atual cidade de Florianópolis³.

² O MVM tem realizado anualmente duas exposições temporárias convidadas e/ou organizadas pela equipe do Museu e quatro exposições temporárias conforme projetos selecionados via Edital por uma Comissão de Seleção. Para o ano de 2013, serão realizadas duas exposições via Edital 2012 e duas propostas e/ou convidadas pela equipe do MVM.

5.5. A *Coleção XX/XXI* dedica-se a preservar, pesquisar e fomentar trabalhos de arte moderna e contemporânea, de forma a contribuir para a valorização dos processos de pesquisa e do pensamento envolvido no fazer artístico.

5.6. A *Coleção XX/XXI* é formada por:

- a) Trabalhos artísticos modernos e contemporâneos;
- b) Trabalhos/obras de arte que participaram do Projeto de Exposições Temporárias do MVM;
- c) Trabalhos/obras de arte que retratem a cidade de Florianópolis.

6. Gestão do Acervo Museológico

(em elaboração)

Neste capítulo serão especificadas diretrizes, normas e responsabilidades específicas para as seguintes áreas/atividades:

Registro e Documentação

Pesquisa

Comunicação e Difusão

Conservação Preventiva e Segurança

³ A cidade onde Victor Meirelles de Lima nasceu em 1832 e viveu até sua mudança para o Rio de Janeiro em 1846 se chamava Nossa Senhora do Desterro. Em 1894, a cidade passa a se chamar Florianópolis, em homenagem ao então presidente da república Floriano Peixoto.